



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



RAMON LUIZ ARENHARDT

**O MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO NA PERSPECTIVA DE
CRIANÇAS E ADULTOS: O QUE ENSINAM E APRENDEM EM CENTROS DE
TRADIÇÕES GAÚCHAS DE MATO GROSSO**

**Rondonópolis
2014**

RAMON LUIZ ARENHARDT

**O MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO NA PERSPECTIVA DE
CRIANÇAS E ADULTOS: O QUE ENSINAM E APRENDEM EM CENTROS DE
TRADIÇÕES GAÚCHAS DE MATO GROSSO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação no Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso, *Campus* Universitário de Rondonópolis, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Educação, Linha de Pesquisa Linguagens, cultura e construção do conhecimento: perspectivas histórica e contemporânea.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Raquel Gonçalves Salgado

Rondonópolis
2014

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

A681m ARENHARDT, Ramon Luiz.

O movimento tradicionalista gaúcho na perspectiva de crianças e adultos : o que ensinam e aprendem em centros de tradições gaúchas de Mato Grosso / Ramon Luiz ARENHARDT. -- 2014
126 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Raquel Gonçalves Salgado.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rondonópolis, 2014.

Inclui bibliografia.

1. Infância. 2. Gerações. 3. Movimento Tradicionalista Gaúcho.
I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-RONDONÓPOLIS
Rodovia Rondonópolis-Guiratinga, km 06 MT-270 – *Campus Universitário de Rondonópolis*
- Tel: (66)3410-4035 – Email: ppgedu@ufmt.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

**O MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO NA PERSPECTIVA DE
CRIANÇAS E ADULTOS: O QUE ENSINAM E APRENDEM EM CENTROS DE
TRADIÇÕES GAÚCHAS DE MATO GROSSO**

AUTOR: Mestrando Ramon Luiz Arenhardt

Dissertação defendida e aprovada em 29/09/2014

Composição da Banca Examinadora:

Presidente da Banca/Orientadora Doutora Raquel Gonçalves Salgado
Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO/UFMT

Examinadora Interna Doutora Carmem Lúcia Sussel Mariano
Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO/UFMT

Examinador Externo Doutor Jones Dari Goetttert
Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS/UFGD

Examinadora Suplente Doutora Simone Albuquerque da Rocha
Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO/UFMT

Rondonópolis-MT, 29/09/ 2014.

Aos meus pais, Orlando e Terezinha, aos meus irmãos Iara, Ramiro, Isabel, Adriana, Luciana, Raul e Pâmela. Aos meus filhos, Rafael, Rafaela, Raquel e Victória, ao meu neto Otávio e à minha prenda Sofia, grande incentivadora e companheira.

AGRADECIMENTOS

Aos professores do PPGEduc, especialmente à minha orientadora Dra. Raquel Gonçalves Salgado, pela paciência e aconselhamento; aos integrantes da banca Carmem, Jones e Simone, pelas valiosas contribuições que permitiram a qualificação que redundou neste trabalho. Registro ainda um muito obrigado à Anabel, secretária do programa, pela dedicação e atenção.

Aos meus colegas de mestrado, turmas 2012 e 2013, em especial à Cristiane, ao Iorim e à Lívia, pelas publicações em conjunto; ao Evandro e à Anabela pelas dicas; aos integrantes do grupo de estudos (GEIJC), pelo conhecimento compartilhado.

Aos amigos e amigas, integrantes do CTG Querência Distante, de Primavera do Leste/MT, pela disponibilidade em participar como sujeitos da pesquisa; aos companheiros do CTG Saudades da Querência, de Rondonópolis/MT, do qual sou associado, e, em diversas oportunidades, membro da patronagem; aos tradicionalistas do CTG Guido Mombelli, de Tapera/RS, onde trilhei os primeiros passos no tradicionalismo gaúcho.

Meu sincero reconhecimento aos ex-colegas de Corumbá/UFMS/CPAN (Jorge, Valéria, Cleston e Roberto), por terem entendido meus motivos e aceito meu pedido de redistribuição para Rondonópolis; aos colegas do Departamento de Ciências Contábeis da UFMT, por terem me recebido de braços abertos e entendido minhas necessidades junto ao programa de pós-graduação.

Quero registrar um agradecimento especial ao Sr. Danilo Mattei, que me propiciou a vinda para Rondonópolis, e ao Sr. Lucindo Zamboni (*in memoriam*), chefe e amigo, que permitiu minha permanência neste recanto do Mato Grosso.

Tudo isso não seria possível sem a presença de Deus – Patrão da Querência Eterna; de Jesus – o Divino Tropeiro; de Maria – Primeira Prenda do Céu; e de São Pedro – Capataz da Estância Celestial, aos quais, tapeando o chapéu, elevo uma prece de agradecimento.

Enfim, a todos que, de uma ou outra maneira, contribuíram para a elaboração e conclusão deste trabalho, quero deixar um “quebra-costelas bem cinchado”.

RESUMO

Este trabalho se propõe a investigar a tradição gaúcha sob as perspectivas de crianças (filhos) e adultos (pais), no sentido de analisar como sujeitos de diferentes gerações a concebem e experimentam. Para alcançá-lo, temos como objetivos específicos: analisar como as crianças participam da tradição gaúcha ao se apropriarem de seus valores e práticas sociais e, nesse processo, a ressignificam; compreender como e por que os adultos (pais das crianças) inserem seus filhos na tradição gaúcha; analisar, nos discursos de pais e filhos, as diferentes concepções sobre a tradição gaúcha; identificar aspectos da cultura globalizada, compartilhada por pais e filhos, na tradição gaúcha; analisar o que as crianças e adultos aprendem e ensinam nos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs). Através de entrevistas com pais e filhos, pretendeu-se compreender, também, as relações que se estabelecem no ambiente dos CTGs, das intencionalidades implícitas, e à luz das abordagens teóricas de autores, como: Bakhtin (1997), Benjamin (1987), Corsaro (2011), Mannheim (1975), Qvortrup (2010), Sarmento (2005), entre outros. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pautada nos princípios do dialogismo e da alteridade, definidos e conceituados por Bakhtin (1992, 1997), como estratégias para as análises dos discursos. Para isso, alguns eixos de análise são definidos, quais sejam: o tradicionalismo que os adultos carregam; os discursos dos adultos que permeiam os discursos das crianças; os modos como as crianças reproduzem, indagam, problematizam e contestam a tradição, a partir da relação com os familiares adultos, e modificam o que aprendem nos CTGs. Para registro das entrevistas, utilizamos o gravador digital de voz. O local principal de investigação consistiu no Centro de Tradições Gaúchas de Primavera do Leste, município do interior do Estado de Mato Grosso. Quanto às relações estabelecidas entre crianças e adultos no âmbito da tradição gaúcha, compreendemos que há uma transferência de valores, ideias e concepções exercidas verticalmente pelos adultos, contrapondo-se à perspectiva assumida pela sociologia da infância, um dos importantes referenciais teóricos deste trabalho. Mesmo que os adultos (pais ou responsáveis) entendam que as crianças aprendam o que estes ensinam como práticas sociais no âmbito do CTG, as crianças têm se apresentado como sujeitos que problematizam o que é estabelecido como regras e costumes.

Palavras-chave: Infância. Gerações. Movimento tradicionalista gaúcho.

ABSTRACT

This study aims to investigate the gaucho tradition from the perspectives of children (kids) and adults (parents) in order to analyze how people of different generations conceive and experience it. To achieve it, we have the following specific objectives: to analyze how children participate in the gaucho tradition by incorporating its social values and practices and, in this process, how they resignify, understand how and why adults (parents of children) introduce their children in the gaucho tradition; to analyze the discourses of parents and children, the different conceptions of the gaucho tradition; to identify aspects of globalized culture, shared by parents and children, in the gaucho tradition; to analyze what children and adults learn and teach each other in CTGs. Through interviews with parents and children, the intention was also to understand the relationships that are established in the environment of CTGs and also implicit intentionality through the theoretical frameworks of authors, such as Bakhtin (1997), Benjamin (1987) , Corsaro (2011), Mannheim (1975), Qvortrup (2010), Sarmento (2005). This is a qualitative research, based on the principles of dialogism and alterity, defined and conceptualized by Bakhtin (1992, 1997) as strategies for the discourse analysis. Thus, some analysis axes are defined, such as: traditionalism that adults carry; the adult discourses that pervade the children discourses; the ways in which children reproduce, ask, and challenge the tradition, from the relationship with adult relatives; and modify what they learn in CTGs. To register the interviews, we use the digital voice recorder. The main research *locus* consisted of the Center for Gaucho Traditions, in Primavera do Leste, a municipality in the state of Mato Grosso. Regarding the relations between children and adults under the gaucho tradition, we understand that there is a transfer of values, ideas and conceptions exerted vertically by adults, in contrast with the perspective taken by the sociology of childhood, one of the important theoretical frameworks of this work. Although adults (parents or guardians) understand that children learn what they teach as social practices within the CTG, children have been presented as subjects that problematize what is established as rules and customs.

Keywords: Childhood. Generations. Gaucho Traditionalist Movement.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Semana Farroupilha (1977) – CTG Guido Mombelli – Tapera/RS	14
Figura 2	Integrante da Invernada Artística do CTG Guido Mombelli (1978)	15
Figura 3	Mateada da amizade (2007) – Praça Brasil – Rondonópolis/MT	18
Figura 4	Baile da prenda jovem CTG Querência Distante (2002) – Primavera do Leste/MT	24
Figura 5	Grupo de danças gaúchas no ENART 2013 – Santa Cruz do Sul/RS	49
Figura 6	Indumentária gaúcho tradicionalista e atual	53
Figura 7	Indumentária de 1820-1865	53
Figura 8	Indumentária gaúcho gaudério de 1730-1820	53
Figura 9	Indumentárias dos estancieiros de 1730-1820	54
Figura 10	Indumentária gaúcha de épocas – 2ª Gincana Farroupilha - Tapera/RS	54
Figura 11	Concurso de declamação – Tapera/RS	63
Figura 12	Fachada do CTG Querência Distante – Primavera do Leste/MT	91
Figura 13	Júnior, Edicléia e Júlia (2014)	92
Figura 14	Antonio de Mello e Leandro (Melinho) – (2014)	93
Figura 15	Luciana e Igor	93
Figura 16	Maristela e Vilmar	94
Figura 17	Giovana e Sadi	94

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1	Instituições do tradicionalismo gaúcho	40
Tabela 1	Quantidade de CTG por estado brasileiro	47

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBTG	Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha
CITG	Confederação Internacional da Tradição Gaúcha
CTG	Centro de Tradições Gaúchas
CUR	<i>Campus</i> Universitário de Rondonópolis
Dr ^a	Doutora
DTG	Departamento Tradicionalista Gaúcho
FECAMT	Festa Campeira de Mato Grosso
FEGART	Festival Gaúcho de Artes e Tradições
FEMART	Festival Matogrossense de Arte e Tradição Gaúcha
FENART	Festival Nacional de Artes e Tradições
GAN	Grupo de Artes Nativas
GEIJC	Grupo de Pesquisa Infância, Juventude e Cultura Contemporânea
GESUL	Grupo de Estudos Sul Livre
ICHS	Instituto de Ciências Humanas e Sociais
IGTF	Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore
MT	Mato Grosso
MTG	Movimento Tradicionalista Gaúcho
MOBRAL	Movimento brasileiro de alfabetização
Pe.	Padre
PL	Piquete de Laçadores
PPGEdu	Programa de Pós-Graduação em Educação
Prof ^a	Professora
RS	Rio Grande do Sul
SESC	Serviço Social do Comércio
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 ENTRE A TRADIÇÃO E O TRADICIONALISMO: O CONTEXTO DA CULTURA GAÚCHA.....	26
2.1 Da tradição ao tradicionalismo no Rio Grande do Sul: início e expansão	30
2.2 Configuração do tradicionalismo gaúcho: organização, festividades e eventos	40
2.3 O tradicionalismo, a legislação estadual do Rio Grande do Sul e a normatização do MTG	44
2.4 Festival MOBREAL, FEGART E ENART	47
2.5 Indumentária tradicionalista gaúcha.....	51
2.6 A musicalidade e os festivais de canção.....	56
2.7 A poesia, a declamação e a pajada	62
2.8 A campeira e os esportes tradicionalistas	65
2.9 A igreja foi para os galpões	66
2.10 Os concursos de prendas e peões.....	68
2.11 Os usos, costumes e a literatura no gauchismo	69
2.12 A presença gaúcha no Mato Grosso	71
3.1 O conceito de geração em Mannheim	75
3.2 As crianças e a relação entre herança cultural e a reprodução interpretativa	78
3.3 A infância como categoria geracional: alguns apontamentos	82
4 O PERCURSO DA PESQUISA: QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	88
4.1 Estratégias metodológicas de investigação: tipo de pesquisa, sujeitos, contextos, estratégias e recursos metodológicos.....	90
4.2 A abordagem teórico-metodológica: os conceitos de enunciação, dialogismo e alteridade em Bakhtin.....	96
4.2.1 O dialogismo no pensamento bakhtiniano.....	97
4.2.2 Bakhtin e a pesquisa em ciências humanas e sociais.....	98
5 CRIANÇAS E ADULTOS EM CENTROS DE TRADIÇÕES GAÚCHAS: O QUE DIZEM, PENSAM E VALORAM	101

5.1 Os discursos das crianças e a cultura gaúcha	101
5.2 Nos diálogos com os adultos, o tradicionalismo na cultura gaúcha	106
6 CONSIDERAÇÕES	113
REFERÊNCIAS	116
APÊNDICE “A”	124

1 INTRODUÇÃO

Quem vive sabe que o mundo tem lugar prá muita coisa e que vivemos constantemente cercados de coisas que não fazem parte da nossa essência, que não têm a nossa cara, mas que estão aí invadindo nossos lares, nossos filhos e nossas mentes, com tendências despersonalizadas. É no meio desse festival de superficialidades que os homens e valores de fundamento mostram porque a identidade bem definida bota cada touro em seu rodeio, cada coisa em seu lugar.

Um canto vindo de nós, pra falar por nós, eis a busca de muitos homens ao longo da história, eis a sorte de poucos que lá chegaram; e não chegaram de graça ao coração dos seus iguais, chegaram porque sabiam de onde vinham e para onde iam, a cavalo no que realmente eram.

Gujo Teixeira é um desses homens que falam pelo seu povo, que falam para o seu povo com a alma da própria terra, o poeta mais cantado pela sua geração gaúcha, aquele que está no assovio da encilha do peão de estância e no caderno do universitário, aquele que desenha quadros do sul com as cores das palavras e o mesmo que gera filosofia ao refletir valores já quase em extinção. Não é de graça que Gujo Teixeira vem de um lugar onde “o ouro e a virtude representam coisas normais”.

Mais uma vez ele nos leva ao mundo do crescimento e do amor próprio através do seu verso, estamos mais uma vez prestes a adentrar a estância da nossa identidade. Eis aqui onde estamos: BEM NA PORTEIRA de nós mesmos. (ANGELO FRANCO, 2007).

A apresentação do cantor, compositor e músico, Angelo Franco, na capa do CD “Bem na Porteira”, que selecionou parte da produção poética de Gujo Teixeira nos festivais (volume dois), traz uma amostra do pensamento dos tradicionalistas gaúchos acerca da importância da cultura gauchesca manifestada na música, na poesia, na dança, na culinária, enfim, nos usos e costumes atribuídos ao gaúcho.

A pesquisa que redonda no presente trabalho nasce do interesse do pesquisador em refletir sobre, a partir da sua convivência com o tradicionalismo gaúcho, como se dá a proclamada (pelos tradicionalistas) transmissão da tradição através das gerações, estimulada pela presença de um movimento organizado para essa finalidade.

Em 1978 participei da Fundação do Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Guido Mombelli, na cidade de Tapera/RS, iniciando oficialmente a minha caminhada no tradicionalismo gaúcho. O CTG foi, na verdade, a retomada do tradicionalismo na cidade, tendo em vista que já existira um CTG, que deixou de funcionar em meados de 1970. Renasceu do desejo de um grupo de jovens, formado por mim e os amigos Márcio Mombelli, Marco Aurélio Nicola (Marcão), Luiz Antônio Brunori (Tonho) e Paulinho Theodoro, entre outros, especialmente pela insistência de Márcio, que residia em Novo Hamburgo/RS e tinha contato mais frequente com os CTGs da grande Porto Alegre.

Meados do ano de 1977 e início de 1978 foram de planejamento para reativação do CTG. Adotamos como estratégia realizar “serenatas”, com músicas regionalistas, especialmente do cantor José Mendes, para despertar o tradicionalista que acreditávamos continuar vivo no coração dos antigos participantes do CTG, notadamente as lideranças daquela entidade extinta. Organizamos também uma Semana Farroupilha em um galpão improvisado na avenida central da cidade, registrada na fotografia abaixo, onde o autor aparece à esquerda, ao fundo:

Figura 1 – Semana Farroupilha (1977) – CTG Guido Mombelli – Tapera/RS



Fonte: Arquivo pessoal

Quando convencíamos um dos ex-associados do CTG a encampar nossa luta, este indicava uma nova pessoa que poderia contribuir e, assim, sucessivamente fomos “arrebanhando” simpatizantes do tradicionalismo, até que, em 12 de agosto de 1978, fundamos o CTG Guido Mombelli. Com trabalho e persistência, conseguimos a cessão de um terreno da Prefeitura Municipal e, em seguida, compramos uma casa no interior do município que seria desmontada, utilizando o material para construir o salão de eventos, a sede social do CTG, que foi inaugurado com dois “fandangos” (bailes tipicamente gauchescos) nos dias 11 e 12 de agosto de 1979.

A sede social, toda construída em madeira, recebeu a denominação de “Galpão Crioulo Euclides Di Domênico”, em homenagem ao tradicionalista que foi Patrão (presidente)

do antigo CTG da cidade. A rua onde foi construída a sede do CTG recebeu o nome de Bento Gonçalves (em alusão ao líder da Revolução Farroupilha) e o número 20, em homenagem ao dia de eclosão da revolução.

Participei da invernada artística (grupo de danças tradicionais gaúchas) e fui posteiro (instrutor de tais danças) na Escola Estadual Dionisio Lothário Chassot, nas turmas de primeiro e segundo ano do antigo “primário”, dentro do projeto denominado “clube do folclore” daquela escola. Nos anos seguintes, fui convidado por escolas do município para, durante a Semana Farroupilha (que acontece geralmente de 13 a 20 de setembro de cada ano), falar sobre a Revolução Farroupilha, os motivos que levaram a deflagração dessa luta, os principais fatos e as consequências para o estado do Rio Grande do Sul após a assinatura do tratado de paz de Ponche Verde, que pôs fim à mais longa e sangrenta contenda no território brasileiro.

Figura 2 – Integrante da Invernada Artística do CTG Guido Mombelli (1978)



Fonte: Arquivo pessoal

O município de Tapera à época era formado de pequenas propriedades rurais (minifúndios), propriedades essencialmente familiares, tendo como principais culturas as lavouras de soja, milho, trigo, cevada, entre outros, com reduzido rebanho bovino, essencialmente gado leiteiro. Por ser funcionário de uma cooperativa de produtores, conhecia bem essa realidade.

Limítrofe a Tapera, separados pelo Rio Jacuí, situa-se o município de Espumoso, em cujos campos a presença da pecuária de corte é expressiva, e, em decorrência disso, a atividade campeira (manejo, pastoreio, capação, banho, vacinação, marcação etc) favorecia o desenvolvimento de rodeios e de habilidades campeiras aos homens vinculados a estas atividades. Essa proximidade despertou o interesse na criação de uma invernada campeira no CTG Guido Mombelli.

Com muita dedicação e força de vontade, conseguimos a doação de uma área, próxima ao perímetro urbano do município de Tapera, onde construímos um local para realização de atividades campeiras, tais como torneio de laço comprido, concursos de rédeas, entre outras lides. Apesar das partes alagadiças do terreno, graças à parceria do poder público e dos associados do CTG, aos poucos, o local foi sendo preparado com áreas destinadas a acampamentos, banheiros, pista de laço, bretes, baias para os cavalos, arquibancadas, tablado para concursos artísticos, restaurante, enfim, a infra-estrutura necessária para sediar eventos gauchescos. Mas o esforço maior foi transformar agricultores e “povoeiros” em campeiros, com habilidades mínimas para as lides de campo.

Nessa época, criei o programa de Rádio intitulado “Chimarreando”, programa voltado para a música e informações do tradicionalismo gaúcho, vinculado ao CTG Guido Mombelli. O programa tinha dois formatos: ora transmitido do estúdio da rádio local, executando músicas de LPs (vinil) e de CDs, ora transmitido de rodeios e outros locais que convidavam a emissora para esse fim, com participação de músicos “ao vivo”. Estive a frente do programa por 14 anos, até minha mudança para a cidade de Erechim/RS, onde morei por dois anos.

Uma nova mudança, desta vez para Rondonópolis/MT, no ano de 1998, fez com que, pela primeira vez, deixasse o Rio Grande do Sul. Mesmo longe do Estado em que nasci, no ano de 2.000 comecei a participar com meus filhos do CTG Saudades da Querência, onde ocupei cargos na patronagem, de secretário (sota-capataz) e de cerimonialista (xirú das falas). No mês de julho do ano 2000, obtive a primeira colocação na modalidade declamação Peão Adulto, no V FEMART (Festival Matogrossense de Arte e Tradição Gaúcha) que aconteceu junto com a V FECAMT (Festa Campeira do Mato Grosso), na cidade de Alto Garças/MT, na

sede do CTG Tropeiros da Saudade. Essa classificação me permitiu representar o MTG/MT no Festival Brasileiro que aconteceu em Brasília/DF, no ano de 2001.

Naquele mesmo ano, a invernada de danças do CTG Saudades da Querência também obteve o primeiro lugar na modalidade adulto, da qual faziam parte minhas filhas, Raquel e Rafaela, e meu filho Rafael era do grupo que executava as músicas para as danças tradicionais. A invernada representou o MTG/MT em Brasília, juntamente com outros tradicionalistas do estado. A mesma invernada, com poucas alterações de integrantes, foi novamente campeã em 2003, na cidade de Sapezal/MT. Devido à saída de muitos integrantes do grupo de danças, para estudar fora do estado, a vaga foi cedida para o 2º colocado, classificado no concurso nacional.

Período em que minha filha Raquel M. Arenhardt obteve o título de primeira prenda¹ juvenil do CTG “Saudades da Querência”, em seguida da segunda Região Tradicionalista e finalmente do MTG/MT, em concurso realizado durante 3 dias, na cidade de Lucas do Rio Verde. Ela recebeu a faixa durante o baile da prenda jovem no CTG “Querência Distante”, em Primavera do Leste. Como não tive condições de levá-la ao concurso nacional, que elegeria as primeiras prendas da CBTG, na cidade de Curitiba/PR, a segunda prenda juvenil do MTG/MT foi representar o Mato Grosso.

Escrevi, na condição de sota capataz (secretário) e xiru das falas (cerimonialista) do CTG, a coluna “Chimarrendo”, no Jornal A Tribuna, cujo conteúdo era de informações sobre a programação do CTG e curiosidades do tradicionalismo gaúcho, tais como adágios, costumes e eventos do calendário do MTG.

Na busca de aproximar o CTG “Saudades da Querência”, da comunidade rondonopolitana, em 2006 realizamos a primeira mateada da amizade, em parceria com a repetidora da Rede Globo, TV Centro América de Rondonópolis, tendo por local a Praça

¹ A participação feminina no “galpão simbólico” exigia uma denominação: como iriam chamar-se as mulheres tradicionalistas? A busca de elementos do passado não apontava uma solução, porque as mulheres dos gaúchos na época de ocupação e demarcação territorial eram as “chinas” (mulheres brancas, negras ou índias), que na representação mítica, expressa através dos textos gauchescos, homogeneizou como “índias roubadas e levadas à garupa de seus cavalos”. O termo “china” manteve o sentido de prostituta no Rio Grande do Sul, portanto, esta denominação não poderia ser adequada para designar as mulheres dos CTGs, entidades que nasciam sob inspiração de uma visão moral que visava resgatar nobres costumes de um tempo áureo e puro. Os fundadores do Movimento Tradicionalista, que iniciava com a fundação do “35”, foram em busca de um termo que melhor representasse a companheira do herói romântico mitificado pela expressão gaúcho. Escolheram o nome de *prenda*, para idealizar uma mulher pura, ingênua e graciosa. *Prenda*, segundo o dicionário, significa objeto de valor, que pode ser dado de presente a alguém. Além disso, segundo Maria Eunice Maciel, em “Tradição e Tradicionalismo no Rio Grande do Sul”, *prenda* foi uma das poucas referências encontradas como sinônimo de mulher, na canção folclórica “Prenda Minha”. Ainda, segundo a autora, *prenda*, como imperativo do verbo prender, associa-se a uma das imagens mais vinculadas do gaúcho - a do homem livre. (DUTRA, 2002, p. 49-50).

Brasil. Nesse evento, a população foi convidada a levar seus avios de mate (cuia, bomba, garrafa térmica) e os promotores forneceram a erva mate e a água quente. Apresentações artísticas (canto, dança, declamação) e concursos de maior e menor cuia, de cuia mais exótica e de melhor pilcha (traje típico do gaúcho), fizeram parte da programação. A avaliação positiva do evento nos levou a continuar a realizá-lo nos anos seguintes. Na fotografia a seguir, o registro de um dos momentos do evento, em que as crianças participantes do concurso “o mais jovem mateador” e a “melhor pilcha” sobem ao tablado para que o público participe do julgamento. Observa-se uma criança de colo, já sorvendo a bebida preferida dos gaúchos.

Figura 3 – Mateada da amizade (2007) – Praça Brasil – Rondonópolis/MT



Fonte: Arquivo pessoal

O programa “Chimarreando”, na televisão, no ano de 2008, foi um “piloto” de 2 meses na emissora da Record News, canal 14, no qual exerci o papel de apresentador, com o propósito de mostrar a música gaúcha através de clipes, a culinária campeira do Rio Grande do Sul, entrevistas e eventos tradicionalistas em Rondonópolis. Com a mudança do casal que produzia o programa para o norte do Mato Grosso, decidi que não daria continuidade a este, devido as condições técnicas.

Retomei, então, o programa “Chimarreando” na Rádio Comunidade em Ação FM, rádio comunitária cujo prefixo era 106.9. Atuei como locutor e programador até abril do ano

de 2012, ocasião em que fui empossado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), decorrente de concurso público para professor efetivo do curso de Ciências Contábeis do Campus Pantanal, localizado em Corumbá/MS. O programa continuou com apresentação de outros locutores.

Decorrente de todo esse processo, destes quase quarenta anos de lide no tradicionalismo gaúcho, nasceu o desejo de pesquisar o tema relacionado à tradição gaúcha e alinhavá-lo às linhas de pesquisas do mestrado em educação, do *Campus* Universitário de Rondonópolis. Saliento que o termo gaúcho/gaúcha adquiriu uma conotação de riograndense, nascido no estado do Rio Grande do Sul, não necessariamente ligado ao tradicionalismo ou à tradição gaúcha. Por isso, frequentemente, utilizarei os termos *gauchesco/gauchismo* para me referir a este aspecto. O EU tradicionalista está profundamente arraigado em mim.

Ao entrevistar crianças e adultos podem surgir posicionamentos, especialmente das crianças, que contrariem os princípios e a visão dos tradicionalistas em relação às tradições gaúchas. Diante dessa possibilidade, o EU pesquisador deverá se sobrepor ao EU tradicionalista, prevalecendo a opinião dos entrevistados, naquilo que os pesquisadores entendem como distanciamento do objeto de pesquisa, de modo que a opinião pessoal do autor não se sobreponha ou seja mais importante que a dos entrevistados. O dilema reside no equilíbrio necessário ao desenvolvimento de um trabalho de cunho científico.

Diante do exposto, buscarei responder às seguintes questões: Qual é a participação das crianças em CTGs do Mato Grosso, no que diz respeito à renovação da tradição gaúcha? Que modos de conceber a tradição crianças e adultos apresentam?

Constitui-se como objetivo geral da pesquisa compreender a tradição gaúcha sob as perspectivas de crianças (filhos) e adultos (pais), no sentido de analisar como sujeitos de diferentes gerações a concebem e experimentam. Para alcançá-lo, definiu-se os seguintes objetivos específicos:

- a) Analisar como as crianças participam da tradição gaúcha ao se apropriarem de seus valores e práticas sociais e, nesse processo, a ressignificam;
- b) Compreender como e por que os adultos (pais das crianças) inserem seus filhos na tradição gaúcha;
- c) Analisar, nos discursos de pais e filhos, as diferentes concepções sobre a tradição gaúcha;
- d) Identificar aspectos da cultura globalizada, compartilhada por pais e filhos, na tradição gaúcha.
- e) Analisar o que as crianças e adultos aprendem e ensinam nos CTGs.

Através de entrevistas com pais e filhos, pretende-se compreender as relações que se estabelecem no ambiente dos CTGs, das intencionalidades implícitas e da interpretação à luz das teorias e abordagens de autores, como Bakhtin (1997), Benjamin (1987), Corsaro (2011), Mannheim (1975), Qvortrup (2010), Sarmiento (2005), entre outros.

Cada geração herda da outra um repertório cultural, porém este nunca pode ser absorvido completamente, em virtude de a experiência ser vivida de modos diferentes e, conseqüentemente, imprimir sentidos diversos, dependendo se são trabalhados em uma base de experiência já formada ou não (MANNHEIM, 1975, p. 37), porque esta tem variações entre pessoas e grupos. O autor destaca a importância do "contato original" dos indivíduos que nascem e vão adquirindo suas primeiras experiências de vida, pois para ele é uma das forças de renovação cultural da sociedade.

Diante do pensamento dos mentores do tradicionalismo gaúcho, observa-se a possível compatibilidade ou incompatibilidade teórica e de concepção de cultura e de infância, uma vez que, para a sociologia da infância, a socialização não pode ser pensada como um processo vertical em que a geração mais velha é a que transmite os valores culturais à geração mais nova. Ao contrário, entende-se que as crianças são sujeitos que participam ativamente da cultura e não apenas receptores.

Apesar de novidade em termos históricos, a infância merece o tratamento que lhe está sendo dispensado por teóricos, face aos novos estudos e compreensão formulados a partir de pesquisas. Um desses pesquisadores, Jens Qvortrup (2010), tem trazido aportes importantes para elucidar a questão da infância como categoria social e histórica.

Outro autor que se dedica ao estudo da infância é Sarmiento (2005), trazendo argumentos à sua compreensão, apresenta reflexões no campo da sociologia da infância, nas quais a infância é concebida como uma categoria social do tipo geracional.

A partir dessas novas perspectivas sobre a infância, a criança passa a ser investigada e tratada não como mero objeto de pesquisa, mas efetivamente como sujeito que recebe os impactos da sociedade organizada e nesta também produz impactos.

Visitando os documentos do MTG, sua carta de princípios, seu código de ética e demais normativas, tem-se a clara noção de que as crianças são receptoras da herança cultural gaúcha e, assim, precisam garantir a continuidade do movimento por meio das gerações. Cabe aqui problematizar: são, de fato, meros receptores? Na atualidade, momento em que o acesso à informação e à tecnologia é cada vez mais parte da vida, torna-se a cada dia mais possível que, na mais tenra idade, as crianças sejam capazes de imprimir suas próprias concepções a tudo que lhes rodeia.

Corsaro (2011), face às suas pesquisas com crianças, entende-as como agentes sociais, que, de forma ativa e criativa, contribuem para a produção das sociedades adultas e são produtoras de cultura. Sua abordagem contempla o aparecimento do interesse em estudar as crianças na sociedade e nesse redescobrimento da criança pela sociologia, o autor argumenta que esses sujeitos foram marginalizados por serem dependentes nas sociedades. Propõe a noção de reprodução interpretativa. Para ele, o termo interpretativo abrange aspectos criadores da participação infantil na sociedade e o termo reprodução inclui a ideia de que as crianças colaboram ativamente para a produção e mudanças culturais, sendo afetadas pela sociedade e cultura em que se inserem. A reprodução interpretativa enfatiza especialmente a linguagem e a participação infantil em rotinas culturais e aborda a ideia de que a criança participa e integra duas culturas interligadas - a das crianças e a dos adultos.

É corrente nos meios acadêmicos que a linguagem é um elemento de comunicação e interação e em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica. Para Bakhtin (1997), não são as unidades da língua que são dialógicas, mas os enunciados, que, por sua vez, são unidades reais de comunicação. Os enunciados não se repetem em virtude de serem acontecimentos únicos, frutos de situações exclusivas que geram uma apreciação, uma entonação própria, única, portanto.

Percebe-se, então, que todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos. O enunciador, para construir um discurso, leva em conta o discurso de outro(s), que, desse modo, está presente no seu próprio discurso. Assim sendo, todo discurso é atravessado pelo discurso alheio. Decorre dessa linha de pensamento que o dialogismo se configura nas relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados.

Para melhor entendimento, imagine que, se um cientista anunciar o descobrimento de um novo planeta ou um novo sistema, o fato inédito será parcial, pois para chegar a esse ponto, serviu-se de conhecimentos, tecnologias e informações já existentes e, por conseguinte, do outro. Portanto, toda e qualquer pesquisa, descoberta, discurso não terá o caráter retórico de ineditismo pelo fato de ser permeado de conhecimentos já estabelecidos.

Constata-se que, diferentemente do que se possa pensar, a condição do entrevistado ser criança não implica em que o entrevistador não esteja sujeito a mudanças de concepção ou de entendimento. A permuta que ocorre na entrevista, sob a ótica bakhtiniana, produz uma mudança mútua, em maior ou menor grau, sem entrar no mérito de se positiva ou negativa.

Ao planejar uma pesquisa, é necessário defini-la, classificá-la, de acordo com sua tipologia, finalidades, objetivos e instrumentos. De modo geral, em primeiro lugar enquadrá-

la como quantitativa, qualitativa ou ainda quantitativa-qualitativa. Até bem pouco tempo, em termos históricos, somente a pesquisa quantitativa era reconhecida como válida. Enquanto a pesquisa quantitativa parte do objetivo e busca a extensão, a qualitativa parte do subjetivo e busca a profundidade. A primeira trabalha com hipóteses, dados, indicadores e tendências enquanto a segunda, com pressupostos, valores, crenças, atitudes, opiniões e representações. Atualmente, ambas são reconhecidas e merecedoras de credibilidade.

De acordo com Flick (2009), a pesquisa qualitativa não pode ser definida como aquela que não é quantitativa ou ainda como aquela não padronizada, pois possui uma série de características. Em suas palavras:

[...] a pesquisa qualitativa usa o texto como material empírico (em vez de números), parte da noção da construção social das realidades em estudo, está interessada nas perspectivas dos participantes, em suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento cotidiano relativo à questão em estudo. Os métodos devem ser adequados àquela questão e devem ser abertos o suficiente para permitir um entendimento de um processo ou relação [...]. (FLICK, 2009, p. 16).

Levando em consideração essa reflexão, podemos afirmar que o presente estudo é essencialmente qualitativo, que, de acordo com Bogdan e Biklen (1994), apresentam algumas características fundamentais, entre as quais de que é descritiva, de que a fonte dos dados é o ambiente natural, que o processo importa mais que os resultados, a análise dos dados é feita de forma indutiva e o significado tem papel preponderante na abordagem qualitativa.

As características apontadas pelos autores são de extrema importância para o delineamento das questões a serem observadas no campo da investigação. Ainda os mesmos autores, ao tratarem do objetivo da investigação qualitativa, ponderam:

O objectivo dos investigadores qualitativos é o de melhor compreender o comportamento e experiência humanos. Tentam compreender o processo mediante o qual as pessoas constroem significados e descrever em que consistem estes mesmos significados. Recorrem à observação empírica por considerarem que é em função de instâncias concretas do comportamento humano que se pode refletir com maior clareza e profundidade sobre a condição humana. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 70).

Tendo em vista as ponderações dos autores, o presente trabalho, ao pesquisar com crianças e adultos, empregando como estratégia metodológica a entrevista, busca compreender os significados que cada sujeito atribui às questões que envolvem o tradicionalismo gaúcho no contexto dos CTGs, mais especificamente no CTG Saudades da

Querência de Rondonópolis e CTG Querência Distante de Primavera do Leste, ambos em Mato Grosso.

Desse modo, as entrevistas foram realizadas com crianças (filhos/as) e adultos (pais e mães), em CTGs que pertencem à 2ª Região Tradicionalista do MTG/MT e que estejam em atividade. Inicialmente feitas entrevistas individuais, separadamente (crianças sozinhas e adultos sozinhos) para evitar ao máximo o constrangimento ou censura nos depoimentos. Em um segundo momento, em conjunto – crianças e adultos – para permitir a interação de adultos e crianças.

As entrevistas realizadas preferencialmente no ambiente dos CTGs, registradas através de equipamento de áudio (gravador de voz) e de registro fotográfico, com a finalidade de identificação dos participantes. As questões da entrevista, inicialmente, têm como escopo responder aos quesitos que permeiam o estudo. Conforme Flick (2009), o pesquisador deve estar atento ao que ocorre na entrevista, não ficando preso excessivamente ao guia de entrevista, mas percebendo a maneira particular do entrevistado manifestar-se sobre o assunto ou outro tópico que ele considera importante. Para tanto, é necessária uma boa dose de sensibilidade do entrevistador e a clareza quanto às questões de pesquisa.

Outro ponto destacado por Flick (2009, p. 161) é que, “durante a entrevista, não se deve tentar descobrir conceitos teóricos, mas sim a esfera de vida das pessoas”. Adiante faz uma observação importante: “se precisa estar ciente de que as questões de pesquisa não são a mesma coisa que as perguntas da entrevista, e que se deve tentar utilizar uma linguagem cotidiana em vez de conceitos científicos nas perguntas.” (FLICK, 2009, p. 161-162).

Observando o que foi dito pelos autores, o guia de entrevista foi elaborado contendo uma série de perguntas que provavelmente responderiam às questões da pesquisa, cujo roteiro busca obter dos entrevistados suas impressões quanto ao tradicionalismo gaúcho, sobre as expectativas da participação no CTG, em relação ao entendimento sobre a tradição gaúcha, sobre eventuais mudanças julgadas necessárias nessa tradição. Ainda pretende-se saber a respeito da opção pela participação e eventual continuidade no movimento tradicionalista, das festividades, da indumentária, da relação com a cultura midiática e com as novas tecnologias (redes sociais) e como se dá o diálogo entre as gerações.

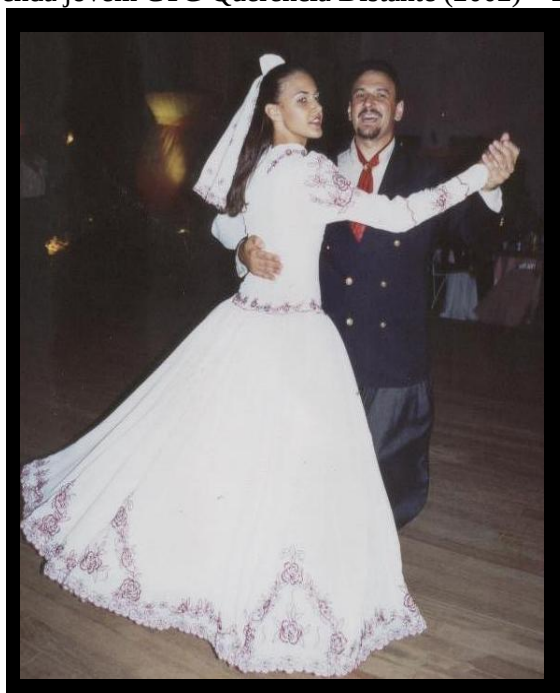
Os CTGs escolhidos como *loci* de investigação são dois. Um deles é localizado na cidade de Rondonópolis, local de residência do pesquisador, e o outro em um município vizinho, Primavera do Leste, ambos municípios do interior do Estado de Mato Grosso.

Na minha intensa participação nas duas entidades, pude perceber que seu contexto de fundação apresenta alguns diferenciais. Enquanto o CTG de Rondonópolis nasceu em uma

comunidade de intensa migração de diversas regiões do Brasil, o CTG de Primavera do Leste foi fundado em um ambiente predominantemente de migração sulista. Esta última é considerada a cidade mais gaúcha de Mato Grosso.

A escolha do CTG Querência Distante, da cidade de Primavera do Leste, localizada a 140 km de Rondonópolis, ocorreu em razão de que, nos últimos anos, dentro da segunda região tradicionalista do MTG/MT, foi a entidade que manteve constância na manutenção de atividades artísticas tradicionalistas. Além disso, levou-se em conta o bom relacionamento com componentes daquele CTG, visto que no ano de 2002 minha filha, Raquel, participou do Baile da Prenda Jovem, uma espécie de *debut* à moda gaúcha, que apresenta as jovens prendas à sociedade. Naquele baile ela recebeu oficialmente a faixa de primeira prenda juvenil do Estado.

Figura 4 – Baile da prenda jovem CTG Querência Distante (2002) – Primavera do Leste/MT



Fonte: Arquivo pessoal

Os sujeitos da pesquisa foram definidos como sendo adultos (pais ou mães) e crianças (filhos/filhas) que frequentam os CTGs. As crianças, na faixa etária de 8 a 13 anos, que são considerados “mirins” no meio tradicionalista. Os sujeitos podem ou não fazer parte das patronagens ou das atividades (artísticas, esportivas ou campeiras), das entidades, mas devem participar usualmente dos CTGs. A seleção deu-se por disponibilidade de participação nas entrevistas.

Inicialmente, foi aplicado um roteiro experimental de entrevista com a menina Giovana e seu pai, senhor Sadi, tendo por local a residência dos mesmos em Rondonópolis, no início do mês de junho/2013, com a finalidade de analisar a pertinência das questões propostas, tendo em vista os objetivos da pesquisa. Após a transcrição do conteúdo gravado, observou-se a necessidade de ampliação das questões ao que a pesquisa pretende.

Feitos os ajustes, foram agendadas entrevistas no CTG Querência Distante, na cidade de Primavera do Leste/MT, para o final do mês de setembro de 2013, que tiveram que ser adiadas por motivos particulares.

Houve tentativa de realizar a entrevista em outubro e novembro de 2013, mas, devido a compromissos agendados pelo CTG, não houve a possibilidade de realizá-la. Finalmente, foi remarcada a entrevista para o dia 15 de dezembro de 2013, quando compareceram alguns dos convidados, outros ausentes, motivados pelo excesso de chuvas e dificuldades de deslocamento, conforme informado por aqueles que estiveram presentes.

Essas entrevistas aconteceram no salão de eventos do CTG Querência Distante, contando com a presença da Patroa da Entidade, senhora Ires Justina Rossato e do cônsul honorário do Rio Grande do Sul, senhor Antonio de Mello. Participaram da entrevista individual as crianças Igor Ferrari, Julia Labres, Junior Alberto Labres Filho e os adultos Edicléia Drum e Luciana Aparecida Lauvermann. As próximas entrevistas individuais e coletivas foram marcadas para o mês de fevereiro de 2014, no retorno das férias da invernada artística do CTG de Primavera do Leste, ocasião em que os pais e filhos, que não puderam comparecer, deveriam se fazer presentes e participar também da coletiva. Esta segunda parcela das entrevistas teve que ser reagendada para o dia 25 de março de 2014, quando efetivamente aconteceram.

Transcritas as entrevistas, ao me debruçar sobre o que foi produzido, ficaram alguns questionamentos para melhor compreensão do que os entrevistados expuseram. Na busca de dirimir algumas dúvidas, houve algumas tentativas de retomar, com algumas pessoas, as entrevistas já realizadas. Isto ocorreu em Primavera do Leste, no final de julho de 2014 e em meados de agosto. Agendamos um encontro com os sujeitos para a tarde de sábado, 09 de agosto, véspera do dia dos pais, ocasião em que o CTG realizaria um jantar dançante para homenageá-los. Na sexta-feira, dia 08, foi cancelado, pois alguns comunicaram que iriam viajar. Reagendei para a terça-feira, dia 12 de agosto, às 19 horas. Compareceram alguns dos sujeitos, sendo que uma das ausências foi motivada por doença de um dos entrevistados. Outros não compareceram e tampouco justificaram. No capítulo metodológico, os sujeitos da pesquisa são devidamente caracterizados.

2 ENTRE A TRADIÇÃO E O TRADICIONALISMO: O CONTEXTO DA CULTURA GAÚCHA

*Meu tetravô foi fronteiro,
meu bisavô domador,
O meu avô – alambrador
e o meu pai foi carreteiro;
A mim não sobrou dinheiro
pra cursar a faculdade
Mas tive a felicidade
graças a Nosso Senhor
E me tornei payador
prá guardar a identidade!...*

*Como é lindo colar grau
num salão de faculdade,
Embora essa qualidade
não transforme o bom em mau,
O Jayme Caetano Braun,
dessa linha não se afasta,
A inspiração não se gasta
nem me torna mais cruel,
Eu conquistei um anel
– o de gaúcho – e me basta!
(BRAUN, 2003, p. 46-47)*

É notória a importância que o tradicionalista do Rio Grande do Sul atribui às suas tradições, especialmente através do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), criado para dar suporte e estimular a manutenção de usos, costumes e hábitos do gaúcho de tempos passados, idealizado como um sujeito altivo, leal, corajoso e extremamente apegado a sua terra (querência). Essa importância fica evidente na criação de Centros de Tradições Gaúchas (CTG) e entidades equivalentes em todos os recantos do mundo onde os gaúchos habitam.

A cultura reconhecida como gaúcha nos âmbitos local, nacional e internacional é aquela propagada pelo MTG, em suas diversas instâncias, concebidas para organizar e difundir o modo de viver do gaúcho, na pretensão de fixar a imagem do habitante dos pampas presente no ideário tradicionalista. Pesavento (1993, p. 386) afirma: “Toda a construção imaginária de uma sociedade traz, pois, no seu bojo, uma vontade e uma ação de construir um poder simbólico, que responde a interesses de grupos sociais precisos”. Podemos referirmo-nos aqui ao interesse dos tradicionalistas gaúchos.

Em estudo realizado por Jean Baptiste Nardi sobre a cultura, identidade e língua nacional, após analisar diversos autores sobre o conceito de cultura, o autor conclui:

Sintetizando, podemos dizer que *a cultura é um processo cumulativo de conhecimentos e práticas resultante das interações, conscientes e inconscientes, materiais e não-materiais, entre o homem e o mundo, a que corresponde uma língua; é um processo de transmissão pelo homem, de gerações em gerações, das realizações, produções e manifestações, que ele efetua no meio ambiente e na sociedade, por meio de linguagens, história e educação, que formam e modificam sua psicologia e suas relações com o mundo.* (NARDI, 2002, p. 4, grifos do autor).

Partindo dessa síntese, debruço-me sobre a cultura gaúcha na perspectiva dos tradicionalistas, com suas particularidades. Nesse aspecto, especificamente no meio tradicionalista, são recorrentes os termos tradição, tradicionalismo e folclore. Inicialmente, abordarei a questão do folclore.

A criação do termo folclore foi atribuída ao arqueólogo inglês William John Thoms (1803-1885), dedicado pesquisador da cultura popular europeia. Na data de 22 de agosto do ano de 1846, ele publicou uma carta com o título *Folk-lore*, na revista *The Athenaeum*, em que propunha a criação do termo. Até os dias presentes, a data de 22 de agosto é considerado o dia internacional do folclore, pois se tornou data de referência do surgimento do termo, que gradativamente foi incorporada a todas as línguas dos povos considerados civilizados.

Thoms utilizava o termo *folk-lore* para indicar o conjunto de antiguidades populares. O conceito referia-se principalmente aos objetos da arte popular, o artesanato, mas o arqueólogo citava também cerimônias, crenças, usos, costumes, romances, refrãos e superstições dos tempos antigos.

Em uma publicação de 1978, feita pelo Centro Editor de América Latina S.A., em Buenos Aires, na Argentina, com o título de *Introducción al folklore*, há uma reprodução do texto de Thoms, que o assinou com o pseudônimo de Ambrose Merton. Precedendo a reprodução, na página 33, encontra-se o relato que se segue, cujo texto é referendado como sendo originário da publicação de *Folklore Americas* (vol. V, nº 2, dez. 1945):

Em O Ateneu, revista de literatura (inglesa e estrangeira), ciência e das belas artes, para o ano de 1846, Londres, Inglaterra[...] no número 982, de sábado, 22 de agosto de 1846, páginas 862 e 863, aparece uma carta intitulada simplesmente “Folk-lore” datada de 12 de agosto, assinada ao final por Ambrose Merton [...]. Supõe-se geralmente que esta foi a primeira vez que se propôs em forma impressa a palavra “folklore”, e assim se reconhece a Thoms como o primeiro que inventou esta palavra, que foi aceita geralmente em inglês, e também em espanhol, português, Frances, italiano, e outras línguas[...].²

² Citação traduzida por mim do original em espanhol: *Em El Ateneo, revista de literatura (inglesa y extranjera), ciencia, y las bellas artes, para el año 1846, Londres, Inglaterra[...] en el número 982, del sábado, 22 de agosto*

Desse pressuposto de que o folclore é o saber popular, a sabedoria que vem do povo, o tradicionalismo se serve dele para atribuir ao próprio povo (envolvido com o movimento) uma responsabilidade de salvaguardar esse conjunto de saberes³. Brum (2009) analisa essa relação, conforme segue:

É importante analisar a relação que os tradicionalistas estabelecem com o folclore e a história, pois é daí que extraem material para suas representações, já que os tradicionalistas se consideram herdeiros de seus antepassados e se propõem a continuar uma história gloriosa, ao se identificarem e produzirem representações do verdadeiro gaúcho em suas danças, cantos, poesias, desfiles, bailes, cavalgadas, por exemplo. Assim, referem-se ao tradicionalismo como um espaço que preserva valores desse passado, como a honra, a família, a honestidade, a palavra dada como empenhada, retratadas ao mencionar falas de heróis e nas cores dos lenços, visando estabelecer uma continuidade com antepassados ilustres. (BRUM, 2009. p. 780-781).

De fato, é abundante a presença de medicina popular (especialmente chás/jujos), cantigas, brinquedos, contos, lendas e outras manifestações folclóricas nos ambientes frequentados por tradicionalistas, os quais se atribuem a condição de “verdadeiros gaúchos”. São, inclusive, objeto de avaliação nos concursos de primeiras ou mais prendadas prendas e de peões farroupilhas. Para melhor entendimento é importante salientar que nos rodeios crioulos (tipicamente gaúchos), além das provas campeiras (laço, pealo, paleteada, etc.) existem as provas artísticas (danças, canto, declamação, instrumentos, etc.), numa verdadeira mostra das lides e artes gauchescas.

Nos CTGs ou entidades semelhantes são escolhidas as primeiras prendas e peões farroupilhas, em geral, através de concursos que envolvem atividades artísticas, culturais (prova de conhecimento sobre tradição, folclore, história e geografia do rio Grande do Sul e dos Estados em que ocorrem) e ainda sociabilidade.

Como exemplo, as palavras do Sr. Antônio de Melo, que trazem elementos que reforçam a ideia de que a tradição é algo que não se inventa, conforme afirma, mas se cultua. Ao discorrer sobre como pensa em relação à inserção das crianças nos CTGs, relata:

de 1846, páginas 862 a 863, aparece una carta intitulada sencillamente “Folk-lore” fechada el 12 de agosto, firmada al final por Ambrose Merton [...]. Se supone generalmente que ésta fue la primera vez que se propuso em forma impresa la palabra “folklore”, y así se reconoce a Thoms como el primero que invento esta palabra, que se há aceptado generalmente em inglés, y también en español, portugués, francés, italiano, y otras lenguas[...].

³ Cabe aqui destacar que quanto às diferenças nas produções dos espaços nos Centros de Tradições Gaúchas, como no Rio Grande do Sul, julgamos importante salientar que no Sul as coisas “permanecem do mesmo jeito”, em comparação com o que ocorria há tempos atrás. Os sulistas (tradicionalistas) procuram preservar os contrastes culturais, enquanto em outros estados ocorrem contradições e modificações.

Hoje eles estão aí participando, a prendinha já com 6 anos com a faixinha. Daí primeira prenda, segunda prenda. Então, a gente tá procurando de tudo fazer. Hoje o meu neto já tá tocando violão, já comprei uma gaita, um acordeão. Tu me conhece bem. Então eu vou levando, não me pesa trazer ele aqui ou a mãe vem trazer e buscar. Então eu acho que ele estando aqui, ele está muito bem. CTG é uma casa de tradição. E tradição não se inventa, se cultua, né? É lógico que são novos ainda pra... né? Mas eles vão pegando o jeito e o gosto da coisa.

Nesses discursos, fica evidente como o adulto entende a tradição como algo que já está impregnado, não sendo possível ser inventada. Ao dizer que a “tradição se cultua”, Sr. Antônio de Melo enfatiza o processo naturalizado como esta se dá, afirmando que a criança desta se apropria “pegando o jeito e o gosto pela coisa”.

Nessa mesma perspectiva, é possível visualizar que há, desde muito cedo, uma preocupação com a competição, da qual a criança aprende a participar desde pequena. Tal fato acontece, possivelmente, como uma estratégia de sedução, que faz sustentar, por conseguinte, a manutenção do movimento que perdura de geração para geração. Nesse caso, compreendemos que o movimento pela manutenção da tradição é algo que tem se tornado rígido e cristalizado.

No âmbito dos rodeios crioulos, em sua grande maioria, realiza-se um concurso denominado “mais prendada prenda do rodeio”, no qual as primeiras prendas dos CTGs participantes do rodeio, mediante inscrição, são submetidas a provas de cunho cultural, social e artístico, cada modalidade com determinada pontuação, sagrando-se mais prendada prenda aquela que obtiver a maior pontuação. Isso significa que é necessário um preparo adequado das candidatas, conforme aponta Dutra (2002):

A prenda também é educada pelo rigoroso sistema de provas artísticas e teóricas) que realizam durante a disputa do concurso de Primeira Prenda. Elas são "obrigadas" a estudar muito, conhecer a bibliografia tradicionalista e desenvolver as habilidades artísticas esperadas das prendas dentro do CTG. Elas são “embuídas” a representar bem o seu papel, muitas vezes, também movidas pela disputa, para isso passam por uma preparação que lhes capacita para assumir as funções esperadas da detentora do título de Primeira Prenda. (DUTRA, 2002 p. 96, grifo meu).

O MTG, seguindo o modelo patriarcal, idealizou uma figura gaúcha feminina, a “prenda”, cujos atributos são regulamentados através das normas dos concursos para escolher aquela que representaria a mulher gaúcha tradicionalista, ou seja, uma espécie de modelo para as demais prendas, de acordo com a faixa etária.

Sob o ponto de vista do aspecto idealizador, isto é, sobre as maneiras de estimular a participação das crianças no movimento, por exemplo, trazemos os discursos do Sr. Antônio de Melo, que se coadunam com as concepções de que as gerações mais velhas impulsionam as mais novas, como vemos:

Eu acho que a sociedade do CTG, além de ser uma sociedade, o divertimento é puro e sadio. Isso é muito importante. E além disso é uma cultura, o respeito que a gente tem com nosso antepassado, né? Que que é a tradição? Tradição é passado e (passado), por exemplo, é o futuro. E o futuro nosso são as crianças. E se tu não puxa na frente, eles nunca vão vir.

O discurso de Sr. Melo reitera o que o movimento tradicionalista propaga. A essa questão, observamos que, nos MTGs de cada Estado, realizam-se concursos entre as primeiras prendas e peões farroupilhas das entidades filiadas, escolhendo os representantes do Estado, que, por sua vez, concorrerão em nível nacional ao título de peões e prendas da Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha (CBTG). Além disso, as crianças são concebidas na condição de porvir, como sujeitos que se consagram num futuro, que representa o tempo culminante da preparação e dos investimentos que são acionados no presente da infância.

2.1 Da tradição ao tradicionalismo no Rio Grande do Sul: início e expansão

*O gaúcho, desde piá, vai aprendendo
A ser valente, não ter medo, ter coragem
E no tranco sem fim da evolução
Retempera e moldura sua imagem [...].
(Não podemo se entregá pros home - Letra de Humberto Gabbi Zanatta
interpretada por Leopoldo Rassier na 12ª Califórnia da Canção Nativa,
Uruguiana/RS, 1982).*

Quando se fala em tradição e tradicionalismo, faz-se necessário diferenciar essas duas expressões, para entender a sua representação na vida dos gaúchos natos ou de “coração” (aqueles que, mesmo sem ter nascido no Rio Grande do Sul, adotam a cultura gaúcha como sua), no intuito de propiciar uma visão mais ampla do universo tradicionalista gaúcho e de seu modo de expansão, a partir do Rio Grande do Sul, em todo o Brasil e mesmo além das fronteiras nacionais.

Há um relativo consenso público de que tradição é tudo o que se pratica por hábito ou costume adquirido como herança cultural, legado de crenças, técnicas de uma geração para

outra. Por outro lado, o tradicionalismo teria como características o apego às tradições ou usos tradicionais, ao conservadorismo.

Para melhor entendimento sobre tradição, a argumentação de Pereira (2006), ao analisar a obra do filósofo Walter Benjamin, é elucidativa:

A tradição é o espaço-tempo de um tipo peculiar de saber que está para além do racional, que envolve, para Benjamin, os conteúdos da religião. A tradição contextualiza uma natureza, um mundo de vida; ela contempla um conjunto de representações significativas que condicionam o fazer e o saber de determinadas comunidades; ela é, em parte, o enquadramento de ações que não só ditam o modo do fazer, mas também, o modo de estar, o modo dos indivíduos se relacionarem uns com os outros e com o mundo. (PEREIRA, 2006, p. 63).

Na atualidade, isso parece um contrassenso, considerando um modo de vida muito dinâmico e em constante transformação, que delinea a falência das tradições. Walter Benjamin, ao tratar do assunto argumenta, como pode ser observado em Pereira (2006, p. 64):

O declínio da experiência decorre, em termos gerais, da perda do sentido de uma espécie de sabedoria ancestral, antiga. Esse é, certamente, um dos fatores que Benjamin aponta como responsável pelo processo de degradação da experiência, em outras palavras, a crescente desvalorização da tradição – leia-se a despersonalização da cultura e o afundamento de valores éticos e morais –, a dessubstancialização do tempo e da história – por força dos novos meios de produção capitalista e de comunicação –[...]. Tais condições socioculturais consistem para Benjamin no golpe da vida moderna sobre a tradição, vida em que reina o interesse pelo próximo, pelo mais fácil e pelo imediato.

Como se pode perceber, Benjamin manifesta sua preocupação quanto ao declínio da tradição, em razão de uma relativa superficialidade no modo de vida adotado na atualidade. Em sua obra, reforça esse sentimento quando afirma:

Podemos agora tomar distância para avaliar o conjunto. Ficamos pobres. Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do “atual”. (BENJAMIN, 1987, p. 119, grifo do autor).

A insofismável indignação de Benjamin transparece nos termos que utiliza para descrever a situação: “pobres, abandonamos, miúda”. Evidencia sua preocupação com o abandono de um patrimônio construído de experiências humanas em troca de coisas que ele

considera fugazes, numa ruptura de valores em que a experiência parece ter conotação de algo ultrapassado, portanto inaceitável nos tempos atuais.

No aspecto da experiência, Larrosa (2002) corrobora a questão da efemeridade dos tempos atuais, ao afirmar que:

[...] a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo. Tudo o que se passa passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. E com isso se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera.[...] A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio. (LARROSA, 2002, p. 23).

Pode-se dizer que há um rompimento entre passado e presente, uma ausência de conexão entre os fenômenos que marcam nossa existência, acentuadamente na contemporaneidade. A respeito dessa cisão, desse desarraigamento, vejamos o que pondera Barros:

O fenômeno de cesura potencial entre a contemporaneidade e a tradição – culminando com a sensação coletiva de uma “cisão entre o presente e o passado” que se atualiza a cada novo instante – já vinha sendo objeto de reflexão filosófica e de estudo mesmo antes de Koselleck, embora tenha sido este historiador quem deu a forma conceitual mais bem acabada a este fenômeno tipicamente contemporâneo. (BARROS, 2010, p. 75, grifo do autor).

O iminente rompimento do fio entre o passado e o presente, especialmente após a segunda grande guerra, com uma crescente imposição do modo de vida americano pela dominação cultural e econômica dos Estados Unidos, causou diversos tipos de reação no mundo todo, desde a adoção incontestada dessa cultura até a oposição ferrenha ao denominado “imperialismo” decorrente das ações promovidas pelos EUA. Houve ainda os que contextualizaram a situação, não renegando totalmente o modo de vida norte-americano, que se popularizou como o *american way of life*, mas ajustando-se para não desaparecer culturalmente.

Evidentemente, o Brasil também sofreu essa influência e, por sua dimensão continental, teve reações diferentes nas diversas regiões do país. O Rio Grande do Sul

também vivenciou esse momento histórico e reagiu levando em conta sua formação um tanto quanto diferenciada do restante do Brasil, como é possível constatar mais adiante.

A reação gaúcha ao declínio da tradição ocorreu, a partir da fundação do MTG do Rio Grande do Sul (MTG/RS), no ano de 1966, pela consolidação do projeto de afirmação do tradicionalismo gaúcho, iniciado em 1947, objetivando resgatar a tradição gaúcha. Surge aí o tradicionalismo gaúcho, que resultou numa expansão dos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) no Rio Grande do Sul e mais tarde em grande parte do Brasil e, inclusive, em alguns outros países. Freitas, que realizou diversas pesquisas e estudos acerca do gauchismo, tanto de forma individual como em conjunto com outros pesquisadores, fez um apanhado sobre o início do tradicionalismo no Rio Grande do Sul:

No final do século XIX e início do século XX, surgem vários discursos a respeito do gaúcho que concorrem para a formação discursiva tradicionalista. Gutfreind (1998) assinala o período entre 1920 e 1970 como sendo aquele que “privilegia a construção do mito do gaúcho brasileiro” (p.148). Como ápice de toda essa movimentação discursiva, em 1947, alguns jovens do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, criaram o Departamento de Tradições Gaúchas do Grêmio Estudantil, organizando a primeira Ronda Gaúcha, de 7 a 20 de setembro daquele ano. Também naquele ano foi instituída a Chama Crioula: “tomando uma centelha do Fogo Simbólico da pira da Pátria antes de sua extinção às 24 horas do dia 7 de setembro, transportaram-na até o saguão do Colégio Júlio de Castilhos onde acenderam a ‘Chama Crioula’ num candieiro de galpão”. (OLIVEN, 1990, p. 11 apud FREITAS E SILVEIRA, 2004, p. 270, grifos do autor).

Não é de estranhar que essa ação de alguns gaúchos provocou manifestações de apoio e de críticas de diferentes fontes, especialmente por certa animosidade existente em razão dos constantes conflitos vividos pelo estado que, mais tardiamente, passou a fazer parte do Brasil. Tanto é verdade que, em 1969, o escritor Érico Veríssimo, um dos mais conhecidos do estado, ao responder ao questionamento de uma escritora nordestina sobre o suposto “acastelhanamento” dos gaúchos, faz uma série de citações sobre o povo do Rio Grande do Sul, afinadas com as atribuições assumidas pelo tradicionalismo. Em Oliven (1992), encontra-se um comentário acerca dessa resposta de Veríssimo, em que o autor argumenta:

Nessa citação, Érico Veríssimo evoca elementos que são recorrentes no discurso gaúcho. O primeiro é o caráter de fronteira de nosso estado. O segundo é a escolha: o Rio Grande preferiu fazer parte do Brasil quando poderia ter optado por pertencer ao antigo Império Espanhol. O terceiro é o alto preço pago por essa opção e que é representada pelas guerras em que o estado esteve envolvido e pela necessidade de se insurgir contra o governo central quando se sente vítima de injustiças ou de intervir na política

nacional em momentos de crise. O quarto elemento é a existência de um tipo social específico – o gaúcho – marcado pela bravura que é exigida do homem ao lidar com as forças da natureza e a árdua vida campeira. Finalmente o quinto elemento toca na questão da autenticidade de costumes e comportamentos. (OLIVEN, 1992, p. 49).

Ainda em Oliven (1992), o autor discorre sobre as peculiaridades do Rio Grande do Sul que explicariam um caráter um tanto fogoso do gaúcho e que se incorporou ao inconsciente coletivo dos habitantes do estado. Segue o autor dizendo que esse conjunto de fatores “contribuem para a construção de uma série de representações em torno dele que acabam adquirindo uma força quase mítica que as projeta até nossos dias [...]” (OLIVEN, p. 49). É dessa força mítica que se serve o MTG para se afirmar e permanecer ativo.

A retomada das tradições gaúchas, o nascimento de um movimento destinado a esse fim, não ficou circunscrito no território rio-grandense. Na “grande pampa”, formada pelo Rio Grande do Sul, parte do Uruguai e da Argentina, a preocupação em recuperar as tradições gaúchas ou “*gauchas*” movimentava o campo cultural. Archeti, em trabalho que analisa a ascensão do tango argentino, nos dá um panorama de como o movimento tradicionalista se articulava no país vizinho, conforme segue:

Esse movimento não estava confinado apenas à literatura. “Sociedades tradicionalistas”, “academias *criollas*” ou “centros *criollos*” foram fundados com a missão de recriar os costumes do *gaucho*, que incluíam a música e a dança. De acordo com Vega, no período de 1898 a 1914, foram estabelecidos, na cidade de Buenos Aires e em suas vizinhanças, centenas de sociedades com nomes relacionados às figuras míticas da literatura gauchesca[...]. A recuperação de danças tradicionais perdidas era um dos principais objetivos dessas associações. Juntaram-se a esse esforço as companhias itinerantes de teatro (*zarzuelas criollas*) e o chamado *circo criollo*, que encenavam dramas *gauchos*, incluindo música ao vivo e danças tradicionais como parte das *performances*[...]. Ademais, a incipiente indústria cinematográfica inspirou-se nas tradições *gauchas*, produzindo filmes com títulos como *Alma Criolla*, *Tierra Argentina*, *El Gaucho* ou *Romance Argentino*. Nas gravadoras, os rótulos *criollo* e *nacional* foram largamente usados [...] É contra esse pano de fundo cultural e histórico que o tango aparece, como representante do urbano e da cidade de Buenos Aires[...] As complexidades da representação do tango estão sutilmente relacionadas ao renascimento das tradições *gauchas*. (ARCHETI, 2003, p. 14, grifos do autor).

O dito “renascimento” das tradições encontrou terreno fértil no Rio Grande do Sul. Na sequência da pesquisa de Freitas e Silveira, encontra-se o relato sobre o surgimento daquele que seria o braço operacional, o órgão vital do tradicionalismo concebido pelo embrionário movimento tradicionalista gaúcho – MTG, o primeiro CTG:

No dia 24 de abril de 1948 foi fundado o 35 CTG – Centro de Tradições Gaúchas, numa referência ao ano de deflagração da Revolução Farroupilha, em 1835. No início os fundadores pretendiam que o centro fosse uma agremiação de, no máximo trinta e cinco participantes, mas depois foi decidido que ela estaria aberta para todos os que dela quisessem participar [...] à criação do primeiro Centro de Tradições Gaúchas, seguiu-se a “criação” de várias tradições, com o objetivo de recuperar hábitos e costumes encontrados na região da Campanha e das estâncias, as quais os fundadores do movimento julgavam ser as “autênticas” tradições gaúchas. (FREITAS E SILVEIRA, 2004 p. 270-271, grifos das autoras).

Logo adiante, as autoras discorrem sobre a expansão do tradicionalismo gaúcho e de como se dá sua atuação nas comunidades onde se instala e sobre os meios que utiliza para atingir seus fins.

Depois da criação do 35 CTG ocorreu, paulatinamente, uma proliferação de Centros de Tradições Gaúchas por todo o Estado do Rio Grande do sul, em outros estados e no exterior. É importante ressaltar que a re-criação dessa tradição gaúcha não representou, em si, uma anomalia ou excentricidade ímpar na história de várias comunidades humanas. Para os historiadores Hobsbawn e Ranger (1997) “não há lugar nem tempo investigados pelos historiadores onde não haja ocorrido a “invenção” de tradições (p.12)”. Segundo os autores, por exemplo, houve uma produção em massa de tradições na Europa no período entre 1879 e 1914. (FREITAS E SILVEIRA, 2004, p. 271).

É importante destacar que, apesar do alastramento vivenciado especialmente nos anos 80 e 90, o movimento tradicionalista gaúcho não é unanimidade entre os habitantes do Rio Grande do Sul, havendo debates e discussões a respeito da sua atuação, até mesmo defensores do fim do MTG, ao qual atribuem um excessivo centralismo nas questões de tradições gaúchas e mesmo de elitismo.

O tradicionalismo gaúcho, através do MTG é, em muitas ocasiões, acusado de inventar tradições para preencher lacunas nas pesquisas do passado. Eric Hobsbawn (1984 apud BRANDÃO, 2005, p. 68. Grifo do autor), analisa:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.

Brandão (2005), ao comentar sobre o assunto, buscando entender se as tradições são frutos de um planejamento, como forma de coerção, ou se interagem livremente no plano social, destaca:

Do ponto de vista da primeira alternativa, inventar uma tradição significa criar um artifício, falsear, introduzir, no curso dos acontecimentos, um elemento estranho a eles. Significa, sobretudo, pressupor um agente que, mediante algum mecanismo de poder, anula certas escolhas de um grupo e determina outras. Do ponto de vista da segunda alternativa, inventar uma tradição equivale a deixar que se expressem necessidades que atuam de forma a delinear a identidade do grupo. Equivale, portanto, a legitimar, no plano simbólico – e não mais por um agente, mas pela articulação convergente dos interesses comuns –, os anseios que efetivamente o caracterizam como grupo. (BRANDÃO, 2005, p. 68-69).

Os tradicionalistas gaúchos são considerados “bairristas”, especialmente por uma ideologia separatista atribuída aos sulistas, impulsionada pela existência de movimentos, como o Grupo de Estudos Sul Livre (GESUL), que estudam e defendem a necessidade de uma nova divisão no Brasil, tendo em vista as dimensões continentais do país e das dificuldades de alinhamento dos estados em razão das diferenças sociais, culturais e econômicas. Talvez seja em decorrência de que o Brasil, por suas dimensões continentais e sua diversidade étnica, careça de uma identidade nacional. Já os tradicionalistas gaúchos pensam haver certa identidade que os congregue em uma “nação gaúcha”.

Ilustra esse sentimento o fato de que, por ocasião de competições esportivas, especialmente o futebol (que possui maior cobertura midiática), no momento de cantar os hinos estaduais e o hino nacional, é notória a uníssona entoação do hino rio-grandense, especialmente se comparado ao que acontece nos demais estados. Tratando de nação como uma comunidade imaginada, Hall (2011) argumenta:

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...] As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 2011, p. 51, grifos do autor).

Na esteira das reflexões de Hall (2011), trazemos o recorte da entrevista com o Sr. Antônio de Melo, que trata da tradição no sentido de identidade nacional, como revelam suas palavras:

Tradição é pra quem gosta daqueles costumes. E com todo respeito a gente tem que respeitar as outras tradições ... Na carta de principio que eu recebi o presidente da CBTG, diz assim: “cultuar as suas tradições, sempre respeitando as tradições de outros estados”, que nós aqui, temos aqui... meio enfiado aqui no Mato Grosso, eles tem a tradição deles... Inclusive nós convidamos, eles foram convidados. E dançaram aqui no nosso CTG o siriri e o cururu. Porque nós somos todos brasileiros e a tradição eu não quero ela pra mim.

Assim, o entrevistado revela que o fato de ser gaúcho não o impede de reconhecer a existência de outras tradições, no caso a matogrossense, no sentido de pertencer a uma nacionalidade/identidade comum, que é ser brasileiro.

Nessa linha de raciocínio, Hall (2011) argumenta que as identidades nacionais não são entidades com as quais nascemos. Na verdade, são formadas e transformadas em nossas representações. Desse modo, sabe-se o que significa ser gaúcho, em termos de tradicionalismo, em função do modo como o gauchismo foi representado, como um conjunto de significados. Para esclarecer melhor, o autor recorre a Schwarz (1986):

Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal como representada na cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu “poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade”. (HALL, 2011, p. 49, grifos do autor).

O tradicionalismo gaúcho utiliza-se ou apropria-se muito bem das simbologias, especialmente de tudo o que é atrelado à Revolução Farroupilha (1835-1845), para consecução de seus objetivos. Vultos “heroicos” (especialmente os líderes do movimento revoltoso), locais históricos, monumentos, legislação estadual (datas comemorativas e símbolos do gauchismo), uma vasta produção de livros (literatura, história, causos, poesias etc), produção musical e eventos de cunho regionalista/nativista. Influenciam ainda a confecção de materiais didáticos usados nas escolas do Rio Grande do Sul, naquilo que se pode chamar de “pedagogia do gauchismo”⁴, reforçando os usos e costumes dos gaúchos.

⁴ O termo “pedagogia do gauchismo” refere-se à maneira como se aprende a ser “gaúcho”, tomando-se como base os discursos do gauchismo, os quais atrelam o sujeito gaúcho à sua figura mítica – masculina –, associada à

Nesse campo, Brum (2009) argumenta:

Os tradicionalistas manifestam preocupação com a construção “coletiva” de identidades regionais. Isto se evidencia no esforço de criação de símbolos que os identificam [...] na lista de elementos materiais e simbólicos mencionados acima, em que ocorreu ainda o aproveitamento da paisagem épica – o pampa, do cavalo como animal emblemático, do chimarrão, como bebida, e do churrasco como prato típico. A criação de monumentos culturais é outro aspecto presente entre os tradicionalistas. A estátua do “laçador” – representação de um gaúcho peão de estância, em Porto Alegre, se insere na questão da exaltação do regional a que se agregam também elementos que se aproximam do gaúcho como figura representacional. (BRUM, 2009. p. 780, grifos do autor).

Para que a “pedagogia do gauchismo” de fato fosse propagada e tivesse uma abrangência maior, não poderia ficar restrita ao ambiente escolar, pois, para os tradicionalistas, é de suma importância a massificação do ideário gaúcho como forma de fortalecer e manter o movimento.

Não é de estranhar que essa ação de alguns gaúchos provocou manifestações de apoio e de críticas de diferentes fontes, especialmente por certa animosidade existente em razão dos constantes conflitos vividos pelo estado que, mais tardiamente, passou a fazer parte do Brasil. Tanto é verdade que, em 1969, o escritor Érico Veríssimo, um dos mais conhecidos do estado, ao responder ao questionamento de uma escritora nordestina sobre o suposto “acastelhanamento” dos gaúchos, faz uma série de citações sobre o povo do Rio Grande do Sul, afinadas com as atribuições assumidas pelo tradicionalismo. Em Oliven (1992), encontra-se um comentário acerca dessa resposta de Veríssimo, em que o autor argumenta:

Nessa citação, Érico Veríssimo evoca elementos que são recorrentes no discurso gaúcho. O primeiro é o caráter de fronteira de nosso estado. O segundo é a escolha: o Rio Grande preferiu fazer parte do Brasil quando poderia ter optado por pertencer ao antigo Império Espanhol. O terceiro é o alto preço pago por essa opção e que é representada pelas guerras em que o estado esteve envolvido e pela necessidade de se insurgir contra o governo central quando se sente vítima de injustiças ou de intervir na política nacional em momentos de crise. O quarto elemento é a existência de um tipo social específico – o gaúcho – marcado pela bravura que é exigida do homem ao lidar com as forças da natureza e a árdua vida campeira.

paisagem rural, ao cavalo, ao chimarrão, etc., e às suas práticas – Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), festas, concursos, comemorações, música, culinária, indumentária, etc. [...] vincula a identidade gaúcha aos elementos e aos sistemas simbólicos do gauchismo e do tradicionalismo. Toda gama de práticas culturais e de discursos do gauchismo produz um determinado tipo de gaúcho constituído a partir do campo semântico gauchista e tradicionalista. Nesse sentido, considera-se o gauchismo como sendo uma forte pedagogia cultural [...]. (FREITAS e SILVEIRA, 2011).

Finalmente o quinto elemento toca na questão da autenticidade de costumes e comportamentos. (OLIVEN, 1992, p. 49).

Ainda em Oliven (1992), o autor discorre sobre as peculiaridades do Rio Grande do Sul que explicariam um caráter um tanto feroso do gaúcho e que se incorporou ao inconsciente coletivo dos habitantes do estado. Segue o autor dizendo que esse conjunto de fatores “contribuem para a construção de uma série de representações em torno dele que acabam adquirindo uma força quase mítica que as projeta até nossos dias [...]” (OLIVEN, p. 49). É dessa força mítica que se serve o MTG para se afirmar e permanecer ativo.

A propagação do tradicionalismo, do gauchismo, além da escola, se dá através dos CTGs e entidades congêneres, que são as células do MTG, onde a “nação gaúcha” se manifesta, pois é nesses ambientes que os tradicionalistas participam de programações, festividades ou celebrações que dão vida ao movimento. Nesse sentido, Brum (2006), esclarece:

Nessa perspectiva é necessário perceber os processos educacionais e pedagógicos do tradicionalismo, que visam a formação dos jovens tradicionalistas e de suas famílias no seio dos CTGs. Isto se dá através do tornar-se tradicionalista (participação nas atividades do CTG), cursos promovidos pelo MTG e demais instâncias tradicionalistas, além de sua inserção nas escolas, estabelecendo um novo território tradicionalista e possível reproduzidor de sua filosofia e modelos comportamentais. (BRUM, 2006, p.7).

De acordo com a autora é no cotidiano do CTG e nestes eventos compostos de cursos, festas, concursos, entre outros, que se caracteriza o processo educacional através de uma inserção e imersão dos tradicionalistas neste universo.

Há casos de CTGs que alcançam um dimensionamento tão grande que, para melhor cumprir seus objetivos, se desdobram em GANs (Grupos de Artes Nativas), PLs (Piquetes de Laçadores), DTs (Departamentos Tradicionalistas) entre outras denominações. Algumas dessas ramificações crescem tanto a ponto de se converterem em novas entidades tradicionalistas.

Da minha vivência como tradicionalista no Rio Grande do Sul (20 anos) e no Estado de Mato Grosso (15 anos), pude observar que, embora muitas vezes no discurso se remeta à integração de culturas, no cotidiano, esta efetivamente não acontece. São pontuais os momentos de conagração, tal como nas “Festas das Nações” promovidas por alguns estabelecimentos de ensino em Rondonópolis, que, por vezes, se dá por representações de

etnias (italianos, portugueses, japoneses etc), outras vezes, por regiões brasileiras (sul, norte, nordeste etc). Limitam-se basicamente à culinária.

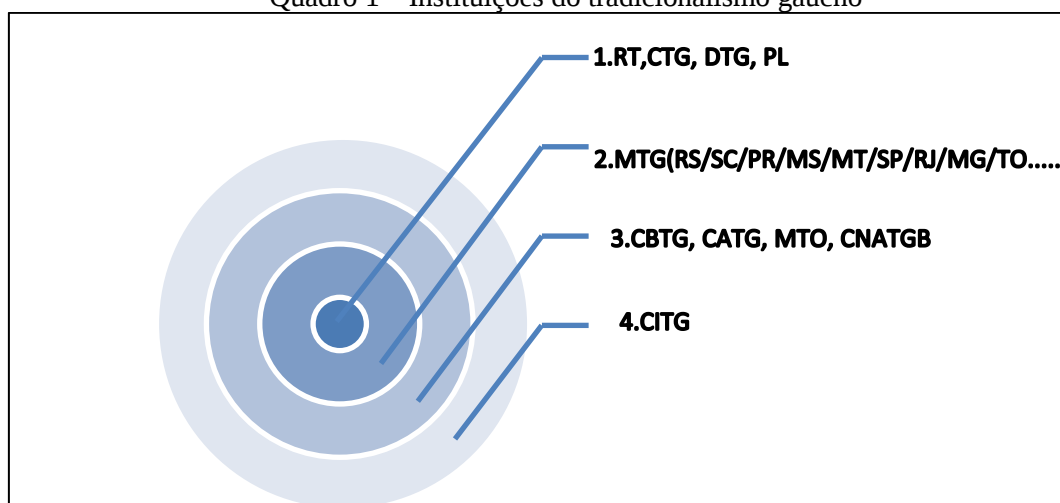
Tivemos uma experiência interessante no ano de 2007, quando em conjunto com o Serviço Social do Comércio (SESC), o CTG Saudades da Querência e o Clube da Viola, ambos de Rondonópolis, realizaram um encontro de música, poesia e dança, denominado “Dos Pampas ao Pantanal”. Ficou combinado realizar o retorno, denominado “Do Pantanal ao Pampa”, que efetivamente não aconteceu. Oxalá, a reedição desse encontro possa reavivar o interesse nessa troca cultural.

2.2 Configuração do tradicionalismo gaúcho: organização, festividades e eventos

O Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), fundado no Rio Grande do Sul em 1966, foi registrado no Cartório de Títulos e Documentos em 27 de novembro de 1967. Trata-se de uma associação civil, uma pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, com circunscrição em todo o território nacional, com número ilimitado de associados indicados sob a denominação de filiados, e com duração indeterminada, com sede e foro jurídico no Município de Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul, constituindo-se na Federação dos Centros de Tradições Gaúchas e entidades afins.

Para melhor entender a organização, segue figura representativa das instâncias organizacionais do tradicionalismo gaúcho:

Quadro 1 – Instituições do tradicionalismo gaúcho



Fonte: Elaborado pelo autor, 2013, com base em Silva (2010).

Como se pode observar na figura 1, o tradicionalismo gaúcho apresenta a célula local (CTG, DAN, PL, etc.), a célula estadual MTG (RS-SC-PR-MS-MT-SP etc), uma instância nacional que é a CBTG (Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha) no território brasileiro, a CATG (Confederação Argentina da Tradição Gaúcha), o MTO (Movimento Tradicionalista Oriental) e a CNATGB (Confederação Norte-Americana da Tradição Gaúcha). Existe ainda uma confederação internacional denominada CITG (Confederação Internacional da Tradição Gaúcha), que integra os países da “grande pampa”, composta por Brasil, Argentina e Uruguai, os gaúchos e “los gauchos”. Não se configura como uma hierarquia ou sobreposição de poderes.

O estatuto do MTG, em seu artigo segundo, preconiza que o objetivo é congregar os Centros de Tradições Gaúchas e entidades afins e preservar o núcleo da formação gaúcha e a filosofia do movimento tradicionalista, decorrente da sua Carta de Princípios e expressa nas decisões dos Congressos Tradicionalistas. Determina que a “carta de princípios”, aprovada no VIII Congresso Tradicionalista Gaúcho, no ano de 1961, composta por 29 objetivos, é cláusula pétrea do estatuto,

I – Auxiliar o Estado na solução dos seus problemas fundamentais e na conquista do bem coletivo.

II – Cultuar e difundir nossa História, nossa formação social, nosso folclore, enfim, nossa Tradição, como substância basilar da nacionalidade.

III – Promover, no meio do nosso povo, uma retomada de consciência dos valores morais do gaúcho.

IV – Facilitar e cooperar com a evolução e o progresso, buscando a harmonia social, criando a consciência do valor coletivo, combatendo o enfraquecimento da cultura comum e a desagregação que daí resulta.

V – Criar barreiras aos fatores e ideias que nos vem pelos veículos normais de propaganda e que sejam diametralmente opostos ou antagônicos aos costumes e pendores naturais do nosso povo.

VI – Preservar o nosso patrimônio sociológico representado, principalmente, pelo linguajar, vestimenta, arte culinária, forma de lides e artes populares.

VII – Fazer de cada CTG um núcleo transmissor da herança social e através da prática e divulgação dos hábitos locais, noção de valores, princípios morais, reações emocionais, etc.; criar em nossos grupos sociais uma unidade psicológica, com modos de agir e pensar coletivamente, valorizando e ajustando o homem ao meio, para a reação em conjunto frente aos problemas comuns.

VIII – Estimular e incentivar o processo aculturativo do elemento imigrante e seus descendentes.

IX – Lutar pelos direitos humanos de Liberdade, Igualdade e Humanidade.

X – Respeitar e fazer respeitar seus postulados iniciais, que têm como característica essencial a absoluta independência de sectarismos político, religioso e racial.

XI – Acatar e respeitar as leis e poderes públicos legalmente constituídos, enquanto se mantiverem dentro dos princípios do regime democrático vigente.

XII – Evitar todas as formas de vaidade e personalismo que buscam no Movimento Tradicionalista veículo para projeção em proveito próprio.

XIII – Evitar toda e qualquer manifestação individual ou coletiva, movida por interesses subterrâneos de natureza política, religiosa ou financeira.

XIV – *Evitar atitudes pessoais ou coletivas que deslustrem e venham em detrimento dos princípios da formação moral do gaúcho.*

XV – Evitar que núcleos tradicionalistas adotem nomes de pessoas vivas.

XVI – Repudiar todas as manifestações e formas negativas de exploração direta ou indireta do Movimento Tradicionalista.

XVII – Prestigiar e estimular quaisquer iniciativas que, sincera e honestamente, queiram perseguir objetivos correlatos com os do tradicionalismo.

XVIII – Incentivar, em todas as formas de divulgação e propaganda, o uso sadio dos autênticos motivos regionais.

XIX – Influir na literatura, artes clássicas e populares e outras formas de expressão espiritual de nossa gente, no sentido de que se voltem para os temas nativistas.

XX – *Zelar pela pureza e fidelidade dos nossos costumes autênticos, combatendo todas as manifestações individuais ou coletivas, que artificializem ou descaracterizem as nossas coisas tradicionais.*

XXI – Estimular e amparar as células que fazem parte de seu organismo social.

XXII – Procurar penetrar e atuar nas instituições públicas e privadas, principalmente nos colégios e no seio do povo, buscando conquistar para o Movimento Tradicionalista Gaúcho a boa vontade e a participação dos representantes de todas as classes e profissões dignas.

XXIII – Comemorar e respeitar as datas, efemérides e vultos nacionais e, particularmente o dia 20 de setembro, como data máxima do Rio Grande do Sul.

XXIV – Lutar para que seja instituído, oficialmente, o Dia do Gaúcho, em paridade de condições com o Dia do Colono e outros “Dias” respeitados publicamente.

XXV – Pugnar pela independência psicológica e ideológica do nosso povo.

XXVI – *Revalidar e reafirmar os valores fundamentais da nossa formação, apontando às novas gerações rumos definidos de cultura, civismo e nacionalidade.*

XXVII – *Procurar o despertar da consciência para o espírito cívico de unidade e amor à Pátria.*

XXVIII – Pugnar pela fraternidade e maior aproximação dos povos americanos.

XXIX – Buscar, finalmente, a conquista de um estágio de força social que lhe dê ressonância nos Poderes Públicos e nas Classes Rio-grandenses para atuar real, poderosa e eficientemente, no levantamento dos padrões de moral e de vida do nosso Estado, rumando, fortalecido, para o campo e homem rural, suas raízes primordiais, cumprindo, assim, sua alta destinação histórica em nossa Pátria.

O conjunto de objetivos constantes da carta de princípios demonstra a preocupação dos líderes tradicionalistas com a legalidade, com a ordem e com a manutenção de valores sociais. Um primeiro olhar poderia nos levar a deduzir que são parecidos com os

ordenamentos militares, de cunho essencialmente positivista. É provável que haja tal influência na elaboração dos princípios, tendo em vista que a Brigada Militar do Rio Grande do Sul, desde o nascimento do MTG, é parceira nos eventos e festividades, assim como de parcela considerável do Exército Brasileiro presente nos estados do sul do Brasil.

De fato, observando a construção dos princípios elencados, percebe-se que o MTG busca passar a imagem de que cada coisa deve estar em seu devido lugar e que esse ordenamento levaria a uma perfeita orientação ética da vida social. Tudo isso baseado naquilo que os tradicionalistas entendem como sendo correto, aceitável e dentro da normalidade da convivência social. No entanto, a sociedade não é assim. A vida social apresenta peculiaridades, necessidades, diversidades, relações de poder e dominação, enfim, um conjunto tão heterogêneo de situações que não podem ser manipuladas sob a ótica de um grupo.

Alguns dos princípios (destacados em *itálico*) merecem atenção especial, pois apontam a pretensão do movimento em ser o detentor absoluto dos saberes e conhecimentos da tradição, do folclore, dos usos e costumes do povo gaúcho. Essa prerrogativa o autoriza a chancelar eventos e manifestação como autênticas ou não. A quem contesta este “poder” de chancelar os eventos, os tradicionalistas argumentam que qualquer tipo de entidade, associação ou semelhantes possuem normas que devem ser seguidas por quem a elas se associa.

Para exemplificar, tome-se um acontecimento recente, a copa do mundo de futebol no Brasil (2014), organizada pela FIFA (Federação Internacional de Futebol Associado), cujos padrões devem ser atendidos, sob pena de não realização do evento. Qualquer grupo pode realizar uma competição desse tipo, porém a FIFA tem o reconhecimento internacional para impor suas condições. Nessa mesma linha de pensamento, pode-se afirmar que as pessoas filiam-se a um partido político por comungarem do mesmo pensamento, dos mesmos ideais de sociedade e de organização do poder público. A mesma lógica é utilizada pelo tradicionalismo gaúcho.

Cabe ressaltar que as células locais devem ser filiadas ao MTG de cada Estado para poderem participar das atividades do calendário tradicionalista. Caso seja fundado um CTG que não seja filiado ao MTG correspondente, este não será reconhecido como tal no meio tradicionalista e não poderá participar de programações oficiais. Entre essas programações, destacam-se os Rodeios, a Semana Farroupilha, o FEGART (Festival Estadual de Arte e Tradição Gaúcha) e o FENART (Festival Nacional de Arte e Tradição Gaúcha), eventos mais expressivos do calendário tradicionalista oficial.

2.3 O tradicionalismo, a legislação estadual do Rio Grande do Sul e a normatização do MTG

Além de todo o conjunto de regras e regulamentos emanados pelo MTG, a legislação do Rio Grande do Sul é farta em dispositivos que impulsionam o tradicionalismo no estado. Instituído a simbologia cívica, ecológica, social e cultural, a AL (Assembléia Legislativa) gaúcha atende aos anseios dos tradicionalistas. Abaixo, as Leis que estão mais relacionadas ao tradicionalismo:

- A Lei 4.850/64 oficializou a Semana Farroupilha (13 a 20 de setembro);
- A Bandeira, o Hino e as Armas foram instituídos pela Lei n. 5.213/66;
- Lei 7.439/80 instituiu a erva-mate (*ilex paraguariensis*) como árvore símbolo do Rio Grande do Sul;
- A ave símbolo é o quero-quero (*Belonopetereus Cayennensis*), via Lei 7.418/80;
- O traje típico gaúcho é considerado traje de gala no Rio Grande do Sul, por determinação da Lei n. 8.813/89;
- O dia do gaúcho (feriado estadual no Rio Grande do Sul) é o dia 20 de setembro. Inicialmente, pela Lei 8.019/85, era o dia 20 de abril, data da instalação da primeira Assembleia Provincial Constituinte, em 1835;
- A flor símbolo do RS é a Brinco de Princesa (*Fuchsia regia*), pela Lei nº 38.400/98;
- O animal símbolo do estado é o cavalo crioulo, Lei nº 11.826/02;
- A planta medicinal é a marcela (*Achyrocline satureioides*) pela Lei nº 11.858/02;
- A bebida é o chimarrão e o prato, o churrasco, de acordo com a Lei nº 11.929/03;
- A estátua do Laçador é a escultura símbolo do RS, conforme Lei nº 12.992/08.

Como se pode observar, o reforço legal ao tradicionalismo no Rio Grande do Sul é evidente, mostrando a força do movimento no seio da comunidade gaúcha. É visível que esse aparato legal é muito bem utilizado através das ações e eventos promovidos pelo MTG/RS, como já pude testemunhar em minha vivência e pela longevidade alcançada pelo tradicionalismo gaúcho.

É importante salientar que além dos aspectos sociais e culturais, há também o segmento econômico envolvido na conjuntura do tradicionalismo. Nesse tocante pode-se

observar a existência de lojas de pilchas (vestuário), artigos para churrasco, instrumentos musicais e discografia, avios (equipamentos) para o chimarrão, lembrancinhas etc. As festividades movimentam recursos com artistas, apoio, gastronomia, entre outros.

O vestuário reconhecido como tradicional pelo movimento é um fator moderador da participação popular, tendo em vista que seu custo é relativamente alto. Por isso, paulatinamente, a exigência de sua utilização nos ambientes próprios deixou de ser condição *sine qua non* para frequentar os CTGs, especialmente naqueles localizados fora dos limites territoriais do Rio Grande do Sul.

Os eventos tradicionalistas gaúchos são regulamentados e devem seguir uma série de normas que objetivam, segundo o movimento tradicionalista, assegurar a autenticidade e fidedignidade das tradições gaúchas. Para exemplificar, nos concursos de danças tradicionais, segue-se o “Manual de danças gaúchas”, elaborado por Paixão Cortes e Barbosa Lessa, no qual, além de partitura das músicas, encontram-se os passos a serem executados em cada coreografia. Nesse concurso, além do dito manual, observa-se também a indumentária adequada ao tempo histórico da dança, a interpretação e a harmonia, entre outros parâmetros. O corpo de jurados que avalia tem uma tarefa semelhante aos julgadores dos desfiles de escolas de samba, observando e mensurando os diversos quesitos estabelecidos.

Os CTGs e entidades afins aceitam e seguem as orientações emanadas do MTG, que organiza e dirige os destinos do tradicionalismo gaúcho, tanto no Rio Grande do Sul quanto fora dele, movimento este no qual estima-se o envolvimento de mais de 2 milhões de pessoas de diversas etnias e nacionalidades.

Os dados sinalizam que, independente do território geográfico, é possível ao gaúcho continuar arraigado às suas tradições e permanecer perpetuando os laços culturais com a terra natal. Essa constatação demonstra que o fio condutor entre cultura e tradição gaúchas e a criação do CTG não é a geografia, ou não haveria CTG fora do RS, tampouco o aspecto nacional, ou não haveria CTG fora do Brasil. Esse fio condutor é o sentimento de tradicionalismo inerente ao gaúcho – aqui estritamente tratado como o indivíduo que se identifica com a cultura e tradição gaúchas. (LUVIZOTTO, 2010, p. 43).

Com o título de “Centros de Tradições Gaúchas mantém cultura do RS pelo mundo - Cerca de 3 mil CTGs estão espalhados pelo Brasil e outros países. Estados Unidos, Japão e Polônia são alguns dos que preservam a cultura”, o site G1 da Rede Globo, em reportagem a respeito da Semana Farroupilha 2012, no Rio Grande do Sul, relata que “A paixão pela história e cultura do RS pode ser traduzida também em números. Além da quantidade de

CTGs – 1.680 no estado, cerca de 1,3 mil no Brasil e 16 no exterior –”, informa que “são mais de 190 mil cartões de identidade distribuídos entre os associados do MTG”. Complementando o informe destaca que “Esses cartões foram criados com o objetivo de organizar e fortalecer os quadros de associados, vinculando o seu portador a uma única entidade”. Paulatinamente esse documento será exigido para representações em rodeios, torneios e competições artísticas que são reconhecidos pelo MTG.

Para muitos adeptos do movimento, a existência de uma identidade tradicionalista facilitaria o controle nas programações do calendário oficial dos MTGs e órgãos afins. Para outros tantos, trata-se de preciosismo, de exagero. Independente de quem tem a razão, trata-se de uma simbologia muito forte e, conforme Pesavento (1993), as fronteiras do simbólico muitas vezes extrapolam os limites ditados pelo racional e objetivo, comportando dimensões, tais como: sonhos, utopia, inconsciente coletivo. Mais especificamente, ela argumenta:

Palavras e coisas (ou discursos e imagens) devem ser desejáveis, responder a necessidades sociais e psicológicas, prometer algo, enunciar um horizonte, passado ou futuro, com uma conotação valorativa orientada pela positividade. Por outro lado, a construção imaginária da sociedade comporta intenções, manipulações do real, artifícios de ilusão do espírito. Esse viés, por assim dizer, ideológico é ele também um elemento de desvio e de transfiguração do real e revela a intenção manipuladora de interesses sociais determinados. (PESAVENTO, 1993, p. 384).

De fato, é um dilema para o movimento, tendo em vista a necessidade de organização e, ao mesmo tempo, o risco de excessos. Mas a expansão do gauchismo propicia esses conflitos que tendem a se acentuar em decorrência do envolvimento crescente de pessoas com ideias e ideais muitas vezes divergentes.

Na constituição do MTG/MT, ocorrida depois do intenso movimento de sulistas ocupando terras no estado de Mato Grosso, o tradicionalismo gaúcho ocupou um espaço relativamente vago, em face da parca organização cultural do estado no período. De acordo com levantamento recente, o Estado de Mato Grosso contava com 43 CTGs filiados ao MTG/MT, distribuídos em 6 (seis) Regiões Tradicionalistas (RT). Cada RT tem responsabilidade sobre as entidades que se localizam em sua área geográfica. O estatuto social do MTG/MT define as atribuições de cada RT, como pode ser observado no recorte a seguir, disponibilizado no endereço eletrônico da entidade:

Artigo 44º – As Regiões Tradicionalistas são órgãos de desconcentração territorial do MTG-MT, constituídas, cada uma delas, por determinado

número de entidades filiadas, agrupadas de acordo com a sua localização, por afinidade Geográfica.

Artigo 45º – Cada Região Tradicionalista será presidida por um Coordenador Regional, o qual será o responsável, perante o MTG–MT pelas atividades e funcionamento de sua Região.

Para uma melhor compreensão do dimensionamento do MTG no Brasil, levantamento efetuado em 2010 aponta que existiam 2.795 CTGs distribuídos nos estados brasileiros, conforme tabela abaixo, em ordem decrescente de quantidade:

Tabela 1– Quantidade de CTG por estado brasileiro

Estado	Quant.	Estado	Quant.
Rio Grande do Sul	1.731	Minas Gerais	3
Santa Catarina	562	Pernambuco	2
Paraná	336	Tocantins	2
Mato Grosso	43	Acre	1
Mato Grosso do Sul	19	Ceará	1
Rondônia	33	Espírito Santo	1
São Paulo	28	Maranhão	1
Goiás	9	Pará	1
Rio de Janeiro	7	Paraíba	1
Bahia	5	Rio Grande do Norte	1
Distrito Federal	4	Roraima	1
Amazonas	3		

Fonte: Baseado em Silva (2010).

A esse respeito, sobre a questão geográfica, podemos destacar que fundamentalmente a geografia desses povos que discutimos aqui não é pensada e analisada apenas tendo em vista o aspecto da territorialidade. A geografia que visualizamos nos sujeitos, além de estar presente nas roupas e na voz, por exemplo, se caracteriza como um elemento típico que também se faz presente no território da música, da dança etc. Denominamos isso de geografia das pequenas coisas.

2.4 Festival MOBREAL, FEGART E ENART

De acordo com informações do MTG/RS, em seu sítio na internet, segue um breve histórico daquele que é considerado pelos tradicionalistas como o mais importante evento cultural ligado ao gauchismo. Na década de 70, o MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) empenhava-se em combater o alto nível de analfabetismo no país. No Rio

Grande do Sul, além de alfabetizar, também almejava divulgar a cultura como forma de elevar a autoestima da população e oportunizar o surgimento de novos valores artísticos.

O responsável cultural pelo MOBRAL, no Rio Grande do Sul, professor e advogado, Praxedes da Silva Machado, buscou a parceria do MTG/RS e, com a participação do IGTF (Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore), criaram o Festival Estadual de Arte Popular e Folclore, que se popularizou como Festival MOBRAL. O evento foi idealizado para ser itinerante, isto é, cada ano em uma cidade diferente.

A primeira edição desse festival foi no ano de 1977, cuja fase final foi realizada na cidade de Bento Gonçalves. A segunda edição em 1978 teve a capital, Porto Alegre, como sede. Sequencialmente Lajeado, Cachoeira do Sul, Lagoa Vermelha, Canguçu, Soledade e Farroupilha sediaram o festival. Em 1985, a 9ª edição seria na cidade de Rio Pardo. Como as autoridades do município desistiram, Farroupilha voltou a sediar novamente o evento. Decidiu-se, então, não mais alternar o local, uma vez que Farroupilha se propunha em continuar realizando anualmente a final.

A partir de 1986, o evento passa a ser promovido pelo MTG, em parceria com a Prefeitura Municipal de Farroupilha e o IGTF passando a ser denominado FEGART – Festival Gaúcho de Arte e Tradição. Sua realização acontecia sempre no último final de semana de outubro, permanecendo em Farroupilha da 1ª à 11ª edições, portanto, até o ano de 1996.

Tendo em vista o crescimento do festival e das necessidades estruturais e financeiras para sua realização e a manifestação da Prefeitura de Farroupilha de não mais sediar o evento, em 1997, a 12ª edição foi transferida para a cidade de Santa Cruz do Sul. O evento passou a ser realizado no segundo final de semana de novembro de cada ano. Por questões que envolveram o nome do festival, reivindicado pela Prefeitura de Farroupilha, houve a necessidade de mudança, no ano de 1999, passando a denominar-se ENART – Encontro de Artes e Tradição Gaúcha. No ano de 2013, será realizada a 28ª edição e 37ª edição desde o festival originário.

Cabe esclarecer que nesses eventos, diversas modalidades são objeto de competição, conforme elencado: bandoneon; causo; chula; conjunto instrumental; conjunto vocal; danças gaúchas de salão; danças tradicionais; declamação masculina; declamação feminina; gaita de boca; gaita piano; gaita botão até 8 baixos; gaita botão mais de 8 baixos; pajada; intérprete solista vocal; trova campeira - mi maior; trova de martelo; viola; violão; violino ou rabeca; concurso literário gaúcho (conto e poesia).

Essas modalidades podem ainda serem divididas em categorias (mirim, juvenil, adulto e xiru), algumas em gênero (masculino e feminino) e ainda em forças (A e B) de acordo com o nível dos competidores.

Figura 5 – Grupo de danças gaúchas no ENART 2013 – Santa Cruz do Sul/RS



Fonte: <http://www.enart2013.com.br/>

O regulamento do ENART, composto por 345 páginas, aprovado na cidade de Taquara/RS, por ocasião da 76ª Convenção Tradicionalista Gaúcha, realizada no dia 31 de julho do ano de 2011, estabelece todas as condições de participação em dito evento, tais como faixas etárias, forças, regras, penalidades, entre outras.

No tocante a regulamentos, o sítio do MTG/RS é abundante e serve de base a todos os outros MTGs do Brasil. Entre os regulamentos encontram-se: 1. Regulamento geral do MTG; 2. Regulamento Campeiro; 3. Regulamento dos Esportes; 4. Regulamento da Festa Campeira do RS - FECARS; 5. Regulamento da ciranda cultural de prendas; 6. Regulamento do entrevero cultural de peões; 7. Regulamento do Encontro de Artes e Tradição Gaúcha - ENART; 8. Regulamento Artístico do RS.

Além disso, outros tipos de eventos mantêm o interesse acerca do movimento, como pode ser observado nos recortes a seguir, originados pelo sítio do MTG, que se serve dessa ferramenta tão atual para divulgação e fortalecimento de seus objetivos. Entre as chamadas para eventos, selecionei duas que demonstram a preocupação em envolver a juventude em atividades do movimento tradicionalista, e ainda pelas temáticas abordadas:

Segunda-feira, 21 de outubro de 2013

XXII RONDA JOVEM

A Coordenadoria Regional da 30ª RT Do MTG/RS através de seu Departamento Cultural e suas Prendas Regionais, comandadas pela 1ª Prenda da 30ª RT Do MTG/RS Srta Laura Callegaro de Oliveira, convidam a todos a prestigiarem a XXII edição da Ronda Jovem

EVENTO: XXII RONDA JOVEM

TEMÁRIO: MTG EM DEFESA DA SAÚDE E BEM ESTAR DO TRADICIONALISTA - **DATA:** 09/11/2013

LOCAL: SOCIEDADE GAUCHA DE LOMBA GRANDE – NOVO HAMBURGO - **HORARIO:** 14h00min

Postado por MTG RS às 20:05

Segunda-feira, 23 de setembro de 2013

Vem aí o Tchencontro da Juventude

XXIII TCHÊNCONTRO ESTADUAL DA JUVENTUDE GAÚCHA

DATA: 19 de outubro de 2013 - **LOCAL:** Espumoso / RS

TEMA: IMIGRANTES DOS SÉCULOS XIX E XX QUE CONTRIBUÍRAM PARA A FORMAÇÃO CULTURAL DO POVO GAÚCHO (dança, arte e artesanato).

INFORMAÇÕES:

Departamento Jovem - departamentojovemmtg@hotmail.com

Diretor Departamento Jovem – jonathasolivaigisk@yahoo.com.br

Vice-Diretor Departamento Jovem – eridio@gmail.com

Postado por MTG RS às 16:59

Esses comunicados revelam a intenção de agregar a juventude em torno do MTG, buscando garantir a sua continuidade. Para o movimento, a juventude é entendida como o período que abrange desde a invernada mirim até a invernada adulta, em que as idades se localizam entre os 8 e 25 anos. Abaixo dessa idade mínima, são considerados pré-mirins e acima dos 25 anos recebem a denominação de xirus.

A utilização das ferramentas da informática, muito usuais entre os jovens, vai ao encontro destes como forma de falar a mesma linguagem. As temáticas, embora aparentemente sejam amplas, fundamentalmente se ocupam dos tradicionalistas em sua essência. O folclorista Paixão Cortes, em entrevista ao programa “Fogo de Chão”, transmitido pela Ulbra TV no dia 09/12/12, no quadro momento cultural gaúcho, ao ser indagado sobre a utilização das modernas tecnologias, respondeu: “- *O movimento tradicionalista gaúcho acompanha a modernidade sem fazer modismo*”. Embora apresentem um cunho social, a construção das pautas dos encontros, observadas a partir das minhas vivências, direcionam as discussões para a importância da unidade em torno do MTG e da permanência dos princípios que o norteiam.

2.5 Indumentária tradicionalista gaúcha

A professora da Universidade de Caxias do Sul/RS, Véra Stedile Zattera é uma estudiosa e pesquisadora da indumentária gaúcha, amplamente reconhecida no meio tradicionalista, com vários trabalhos publicados. A vestimenta, o modo de vestir, a qualidade ou o corte da roupa é um dos itens que simboliza a riqueza. Hoje, verifica-se a crescente necessidade de vestir determinadas marcas (grifes), que simbolizam o poder, não somente em vestimentas, mas também em acessórios.

A indumentária gauchesca recebeu no meio tradicionalista a denominação “pilcha”, por isso, na patronagem (diretoria) de um CTG, quem exerce o cargo de tesoureiro é identificado como “agregado das pilchas”, justamente fazendo referência àquele que cuida da riqueza, do patrimônio da entidade.

A utilização da indumentária como modo de reconhecimento do tipo gaúcho está presente inclusive nos livros didáticos utilizados em escolas estaduais do Rio Grande do Sul. Em estudo com estes materiais, Freitas (2010), no aspecto referente à vestimenta “tradicional” do gaúcho, observou que:

[...] também é recorrente a descrição da indumentária gaúcha, a qual, provavelmente, deva ser familiar para crianças que participam de um ambiente onde se cultivam as tradições, principalmente nas cidades do interior, onde é mais comum convivermos com pessoas pilchadas – homens parcial ou totalmente pilchados, pois as mulheres não costumam usar vestido de prenda no cotidiano, até pelo incômodo de tal indumentária - fazendo esta vestimenta parte do dia a dia destas crianças. Para outros gauchinhos e gauchinhas, entretanto, este tipo de gaúcho pode ser tomado como uma figura mais folclórica, presente em determinados espaços e situações, como festas juninas e comemorações da Revolução Farroupilha, por exemplo. De toda forma, esta é a maneira predominante do tipo gaúcho se nos tornar visível – pilchado – maneira esta que privilegia a instituição da representação de uma figura que passa a ser a imagem “natural”, “normal”, presente nos livros didáticos e em outros meios. (FREITAS, 2010, p. 111, grifo do autor).

Nos eventos promovidos pelas entidades filiadas ao MTG e CBTG, de cunho oficial, os participantes das diversas modalidades devem apresentar-se devidamente pilchados, ou seja, vestindo as roupas consideradas tradicionais do gaúcho. As invernadas artísticas (grupos de danças tradicionais) utilizam em concursos e apresentações às vestimentas de época, e, em geral, nas demais modalidades a vestimenta “atual” do gaúcho.

Em sua obra, Fagundes (1992), classifica as indumentárias gaúchas de acordo com épocas que as caracterizam e Brum (1999) delinea a evolução desses trajes, atrelando-os a própria formação do gaúcho e às atividades desenvolvidas, especialmente nas lides de campo. Descreve assim:

O homem que resultou desse complexo de fatores não se formou em um determinado século nem se conservou inalterável. Foi mudando conforme se transformavam as estruturas econômicas [...]. O gaúcho primitivo foi construindo sua imagem aos poucos: a faca e o laço eram instrumentos usados tanto pelo espanhol quanto pelo português, idem as esporas; as boleadeiras e a lança foram tomadas aos charruas e minuanos, assim como o chiripá e a vincha para prender os cabelos; as botas de garrão de potro foram por ele inventados[...] o poncho veio com os tropeiros santafesinos; para chapéu qualquer coisa servia; [...]. (BRUM, 1999, p.144).

Parece evidente que a indumentária obedece a uma necessidade funcional, além de atender a outras necessidades de quem as utiliza, tanto no trabalho quanto em outros tipos de atividades.

Precedendo a apresentação das indumentárias tradicionais do gaúcho, um excerto da entrevista com o Sr. Antonio de Melo revela a questão da vestimenta no momento atual. Ao perguntar se mudaria ou não alguma coisa dentro do CTG, em certo momento, argumentou:

Agora hoje não tá tão radical como era antigamente que não podia entrar com uma calça jeans dentro do CTG [...] o povo vai mudando o sistema e hoje não tá fácil de trazer tudo. Então tem umas coisas que às vezes tu não gosta, mas tem que aceitar [...] porque você não vai num CTG prá contrariar todo mundo e criar problema. Tu vai lá prá evitar problema.

Essa adaptação fica mais acentuada em CTGs que se localizam fora do eixo Rio Grande do Sul e Santa Catarina, onde se concentra a maior parte dos CTGs do Brasil.

De modo usual, encontramos o gaúcho tradicionalista, com o traje do gaúcho de CTG (quarta época); o gaúcho atual ou o “novo” gaúcho, compreendendo o período entre 1865 e 1950 (terceira época); O gaúcho charqueador de 1820 a 1865 (segunda época) e finalmente o gaúcho gaudério, entre 1730 e 1820, representados nas figuras a seguir:

Figura 6 – Indumentária gaúcho tradicionalista e atual.



Fonte: Véra Stedile Zattera⁵

Figura 7 – Indumentária de 1820-1865



Fonte: Véra Stedile Zattera

Figura 8 – Indumentária gaúcho gaudério de 1730-1820



Fonte: Véra Stedile Zattera

⁵ Figuras 6 a 9: dados da fonte transcritos conforme indicação da própria autora. Disponível em: www.vsz.com.br.

Figura 9 – Indumentárias dos estancieiros de 1730-1820



Fonte: Véra Stedile Zattera

Embora a bombacha e o vestido da prenda tradicionalista sejam recomendados para uso em programações de CTGs e entidades afins, são permitidos os trajes históricos ou de época, especialmente nos grupos de danças gauchescas. Esta imagem do gaúcho “pilchado” é recorrente no Brasil, como conclui Freitas (2010):

A partir das análises realizadas, em relação às representações identitárias presentes nos livros didáticos regionais do Rio Grande do Sul, pode-se afirmar, em síntese, que há a recorrência de uma figura tradicional, masculina, associada à região da Campanha, ao cavalo, à indumentária típica – bota, bombacha, lenço, boleadeiras, esporas, chapéu, etc. – à vida rural, enfim, uma imagem bastante conhecida país afora. (FREITAS, 2010, p.109).

A fotografia a seguir mostra parte destas vestimentas por ocasião de um evento (“2ª Gincana Farroupilha”) na sede social do CTG, na cidade de Tapera/RS.

Figura 10 – Indumentária gaúcha de épocas – 2ª Gincana Farroupilha - Tapera/RS



Fonte: Arquivo pessoal (1992)

A fotografia revela outro aspecto relacionado à vestimenta gaúcha, que é o seu uso em festividades e solenidades tradicionalistas. Via de regra, não faz parte do viver diário do gaúcho, mesmo o tradicionalista, o uso de tal indumentária.

Com raras exceções, especialmente na região de fronteira com Uruguai e Argentina, onde é mais comum encontrar gaúchos (homens) pilchados, a vestimenta segue os padrões da moda.

Quanto ao uso das pilchas, sua autenticidade ou invenção, Lessa (1985), fazendo referência a Hobsbawn e Ranger, alega que quando a tradição não existe completamente formalizada completa-se o que está faltando para fortalecer o alicerce nacionalista. Para melhor compreensão, ilustra com um exemplo:

Adaptando para o nosso caso: se um peão de estância de Soledade sente necessidade de desfilar bem *pilchado* no dia 20 de Setembro, pouco adianta um teórico fazê-lo compreender que isto seja bom, bonito, feio, atrasado, cívico, lindo ou reacionário... (LESSA, 1985, p. 69, grifo do autor).

No caso, o sentir-se gaúcho se sobrepõe ao ser gaúcho, revelando que muitas das práticas do tradicionalismo gaúcho são sentidas e não necessariamente compreendidas.

Ainda quanto à questão das pilchas, a entrevistada Maristela manifesta sua opinião na roda de conversa, em que diz:

Maristela: [...] a indumentária gaúcha ela tem assim... uma história, ela tem uma sequência e ela se preserva até hoje [...] é uma roupa bonita, e uma roupa que é bem apresentável.[...] Existe muito preconceito? Existe... muito preconceito. Mas é assim, a cultura não pode terminar, tem que ser preservada.

Ramon: Que tipo de preconceito?

Maristela: O que a gente percebe é assim: ah! Vamos montar um grupo, por exemplo, pegamos os rapazes, um grupo adulto. Não coloca uma bombacha de jeito nenhum. Existe certo preconceito. Por isso as crianças já começam desde cedo a usar essa indumentária. Pra já ter adquirido o gosto pela roupa, por usar essa roupa. Se você pega um rapaz de 15 anos e querer colocar uma bombacha nele... esquece, não coloca.

Nesse trecho e em outras conversas com os adultos, é possível perceber como essa luta pela sobrevivência da cultura encontra-se presente nas relações verticalizadas de transferências de valores que se mantêm para que esse princípio da continuidade não morra.

2.6 A musicalidade e os festivais de canção

*Meu canto não conhece desencanto
Vem peleando a tanto tempo
Mas não cansa de pelear
Hoje já se ouve a ressonância
Dessa voz de peão de estância
Conquistando seu lugar
Meu canto, se quiser eu te ofereço
Pois ninguém me bota preço
Quando não quero cantar
Meu canto, companheiro, não se iluda
É como um cavalo de muda
Que cansou de cabrestear*

*Meu canto, não é mágoa, não é pranto
Nem passado, nem futuro,
Que o presente é mais verdade
Hoje o amanhã não me fascina
Tenho o ontem que me ensina
Mas não vivo de saudade
Canto nesta terra onde me planto
Mas não pise no meu poncho
Que eu empaco e me boleio
Canto pra pedir mais igualdade
Quem não gosta da verdade
Que se aparte do rodeio*

*Canto, e minha voz quando levanto
Não traz ódio nem maldade
Coisas que não sei sentir
Não que seja mais que qualquer outro
Nem mais taura, nem mais potro,
Se disser eu vou mentir
Peço pra quem julga e dá conceito
Que esqueça o preconceito
E me aceite como sou
Manso como água de cacimba,
Mas palanque que não timbra
Porque o tempo enraizou*

*Meu canto tem cheiro de terra e pampa
É um andejo que se acampa
Tendo o mundo por galpão
Grita pra que o mundo inteiro ouça
É raiz de muita força
Rebrotando deste chão.
(Meu Canto, Adair de Freitas)*

A música do Rio Grande do Sul possui uma ampla gama de tipos e de influências. A música de cunho “urbanista”, assim como acontece em todo o Brasil, transita pela música

popular brasileira, rock, samba, reggae etc. Destaco aqui a banda “Engenheiros do Hawaii” com sucessos, como “O papa é pop”, “Somos quem podemos ser”, “Prá ser sincero” e muitos outros. Outra banda que alcançou repercussão nacional foi “Nenhum de nós”, especialmente com os *hits* “Camila, Camila” e “Astronauta de mármore”. Tem ainda a “Chimarruts” e tantas outras, dos mais variados estilos. Destaque-se ainda o cantor Nelson Gonçalves, a cantora Elis Regina, o inesquecível Lupicínio Rodrigues e a dupla Kleiton e Kledir.

Interessam, para fins deste estudo, as músicas e canções de cunho regionalista (de fandango) ou nativista (para ouvir), que reforçam o gauchismo e que estão presentes nas atividades e eventos dos CTGs, ambiente em que a pesquisa se desenvolve.

Em geral, as músicas regionalistas são aquelas que embalam os pares nos “fandangos” ou bailes gauchescos, com ritmos voltados para danças de salão, tais como o xote, o vaneirão, a valsa, a rancheira, o bugio, o chamamé, a milonga, entre outros. Há ainda uma caracterização de músicas missioneiras (da região das missões), fronteiriças (devido à proximidade com Uruguai e Argentina) e as serranas (dos campos de cima da serra). Existem ainda as de características litorâneas, de menor impacto no meio tradicionalista.

Pedro Raimundo, um catarinense de nascimento, é reconhecido no meio tradicionalista como o precursor da música gauchesca no disco, com a conhecidíssima “Adeus Mariana”. Individualmente, destaca-se a figura de Victor Mateus Teixeira, conhecido em todo o Brasil como “Teixerinha”, tanto pela música como pelo cinema. Teixeira é considerado tão importante na música gaúcha como Luiz Gonzaga na música nordestina. Embora eu pessoalmente não aprecie muito o estilo musical desse artista, reconheço que é o mais conhecido em termos de Brasil. Nas minhas andanças pelo país (em congressos e eventos de contabilidade), pude constatar em conversas com pessoas de outros estados que, de fato, Teixeira é muito conhecido no país e sua música mais executada é “Querência amada”.

Outro artista gaúcho que despontou com uma carreira curta, mas meteórica, foi José Mendes - o “Mocinho do Cinema Gaúcho” - com sucessos como “Para Pedro e Picaço velho”. Destaco ainda Gildo de Freitas - o eterno rival de Teixeira -, cujo jeito de cantar criou um estilo de trova que não é reconhecido oficialmente, mas que é muito popular no meio tradicionalista. Suas composições mais executadas são “Eu reconheço que sou um grosso”, “Definição do grito” e “História dos passarinhos”. Outra figura muito lembrada é a de Jader Moreci Teixeira - o “Leonardo” de canções como “Céu, sul, terra e cor, Viva a bombacha e Tertúlia”.

Entre os conjuntos/grupos musicais para animar fandangos, estão “Os Monarcas”, “Os Serranos”, “Os Bertussi”, “Os Mirins”, “Os Garotos de Ouro”, “Grupo Rodeio” e “Os

Farrapos”, alguns com quase meio século de existência. Além destes, existem dezenas de outros conjuntos gauchescos espalhados pelo Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Minha cidade natal revelou dois bons conjuntos: “Os Santanas” e “Tche Surungo”, atualmente radicados no estado de Espírito Santo.

Já as músicas nativistas, predominantemente as milongas, mas também a chimarrita, valsa, milonga, vanera, toada, canção, xote, bugio, rancheira, polca e toada milongueira, entre outros gêneros, não tem a vocação de animar os dançarinos, mas, geralmente, refletir sobre o gaúcho e o gauchismo, por isso, são mais apropriadas para a audição. A letra tem mais destaque que o ritmo, embora um não dispense o outro. A interpretação é o forte desse tipo de música, em geral, voz solo ou duplas, raramente em grupos, que quando presentes, geralmente só fazem vocal nos refrões.

Destacam-se César Passarinho - que ficou muito conhecido pela música “Guri” e como um dos maiores vencedores de festivais da canção -; Leopoldo Rassier, José Cláudio Machado, Luiz Carlos Borges, João Chagas Leite, Marco Aurélio Vasconcelos, Telmo de Lima Freitas, Luiz Marengo e Jari Terres, entre centenas de artistas.

Os festivais nativistas, que tiveram seu expoente em Uruguaiana/RS, com a Califórnia da Canção Nativa e seu prêmio máximo, a “Calhandra de ouro”, proliferaram em todo o Estado revelando novos artistas e novos talentos que revigoram essas manifestações. Sobre os festivais referidos, Brum (1999), assinala:

O ciclo dos festivais, além de criar um mercado de trabalho que não existia para o músico rio-grandense, fomentou a proliferação de emissoras de rádio com programas nativistas e estimulou o aparecimento de gravadoras especializadas. Sucederam-se também, tanto no interior como na Capital, bares e restaurantes típicos, com música ao vivo, onde jovens músicos e cantores imitavam os artistas já consagrados [...]. (BRUM, 1999, p.156).

Muitos festivais nasceram e não tiveram durabilidade, mas um grande número vingou. Entre as dezenas de festivais, destaco aqueles com mais de 20 anos de existência, os quais ordenei por número de edições: 38ª Califórnia da Canção Nativa/Uruguaiana; 34ª Coxilha Nativista/Cruz Alta; 32ª Gauderiada da Canção Gaúcha/ Rosário do Sul; 29º Carijó da Canção/Palmeira das Missões; 29º Ronda de São Pedro/São Borja; 29º Ponche Verde da Canção Nativa/Dom Pedrito; 28ª Moenda da Canção/Santo Antônio da Patrulha; 27ª Comparsa da Canção Nativa/Pinheiro Machado; 24ª Vigília do Canto Gaúcho/Cachoeira do Sul; 24ª Tafona da Canção/Osório; 22ª Tertúlia Nativista/Santa Maria; 21ª Guayanuba da

Canção/Sapucaia do Sul; 21ª Estância da Canção Gaúcha/São Gabriel. Fora do RS, destaca-se a 22ª Sapecada da Canção/Lages/SC.

Em um estilo e finalidades um tanto diferente dos demais festivais, estão o 43º Festival da Barranca/São Borja e o 23º Ronco do Bugio/São Francisco de Paula. No ano de 1985, para comemorar os 150 anos da Revolução Farroupilha, a Rede Brasil Sul de Comunicações (RBS) TV, afiliada da Rede Globo, realizou um festival especial denominado “Mostra farroupilha de nativismo”, entre as suas diversas sucursais regionais, com canções cuja temática devia ser inspirada na Revolução como requisito de inscrição, evento este que alcançou grande repercussão.

Retomando a questão dos estilos musicais, alguns grupos gaúchos, tais como “Tchê Garotos”, “Tchê Barbaridade”, “Tchê Guris”, entre outros, enveredaram por um tipo diferente de sonoridade musical, que ficou conhecido como “tchê music”, com uma batida mais “moderna” e uma linguagem mais aproximada com o sertanejo “universitário” e aos grupos de pagode e axé. Isso provocou uma série de discussões no cenário musical gaúcho, especialmente em torno da perda de “originalidade” da música “autenticamente” gaúcha. Obviamente estas características de originalidade e autenticidade concebidas pelo MTG.

Esses grupos misturavam a vestimenta gauchesca com outras de estilo mais “pop”, mostrando no palco a bota e a bombacha fazendo rima com camisetas e tênis, acredito que na tentativa de marcar essa nova tendência. Conquistar uma fatia maior do mercado, ampliar o público consumidor e aumentar as possibilidades de trabalho, no meu entendimento, foram os grandes motivadores desse nova configuração experimentada pelos artistas gaúchos. Essa concepção é compartilhada pelo trabalho de Larruscain (2012):

Nos movimentos atuais da música nativista, após o arrefecimento do ciclo dos festivais, nos anos 1990, inúmeros artistas vincularam suas carreiras à venda de CD's, atuação em shows e produção de música campeira. Paralelamente, teve início a tchê music, estilo inventado por conjuntos gaúchos que tocavam ritmos fandangueros gaúchos misturados com axé music, forró e pagode, com o objetivo de ganhar o público nacional. (LARRUSCAIN, 2012, p. 49).

A reação do MTG foi de que os CTGs não contratassem os ditos grupos, pois feriam a autenticidade do gauchesco. Esses grupos tiveram aceitação do público em geral, mas aos poucos foram alijados do meio tradicionalista, que efetivamente sustenta esse mercado, pois embora tentassem atingir o público brasileiro, quase todos que seguiram esse caminho não conseguiram o intento e muitos voltaram novamente ao estilo mais gauchesco.

A partir do posicionamento do MTG, deflagrou-se uma ampla discussão em torno da autoridade do movimento para tratar do assunto. Evidente que surgiram opiniões favoráveis e contrárias ao MTG. Participei deste embate e constatei que, ao defender suas posições, cada lado tinha argumentos que justificavam a opção que adotaram. De um lado os defensores da renovação insistiam na necessidade de atualização e na liberdade de escolha dos artistas. De outro, os tradicionalistas insistiam na preservação de certos aspectos, sob pena de desaparecimento da música gaúcha no formato reconhecido pelo movimento.

Salvo melhor juízo, entendo que qualquer sociedade impõe limites ou regras aos sujeitos que dela participam. O movimento, por ser associativo e de livre adesão, se não tem poder para impedir ditas manifestações, entende que pode limitá-las no meio tradicionalista, onde exerce autoridade.

Paralelamente a essa tentativa de “modernização” da música gaúcha, alguns artistas abriram espaço justamente no caminho inverso: as letras e músicas voltadas para um estilo mais tradicional, mais focado no universo campeiro ou as aventuras e desventuras de gaúchos que deixaram o campo para viver na cidade, cujo principal público, para espanto de quem não é do meio, é formado por jovens.

Dentre os mais conhecidos nessa tendência, encontram-se Luiz Marengo, César Oliveira & Rogério Melo, Jari Teres, Joca Martins, Cristiano Quevedo e Shana Muller. Cada qual com suas particularidades, os estilos buscam propósitos diferentes no complexo universo da indústria fonográfica. Em sua dissertação de mestrado, Larruscain (2012), comenta sobre essas matrizes musicais, argumentando:

Ambos os estilos buscavam legitimidade junto à música gaúcha, entretanto a *tchê music* pretendia divulgar-se da mesma forma em outras regiões do Brasil. Enquanto a *tchê music* se dedicava em cantar o romance, a sensualidade feminina e a vida nas cidades, a música *campeira* buscava aludir à vida rural e ratificar o modo “autêntico” de ser gaúcho, e acusando os primeiros de se afastarem da “raiz” nativa. (LARRUSCAIN, 2012, p. 50, grifos do autor).

Uma das características marcantes da música gaúcha de “raiz”, nativista ou campeira, é a utilização de uma terminologia forjada na convivência com os “hermanos” uruguaios e argentinos, que confere ao gaúcho algo que poderia ser reconhecido como um “dialeto gauchês”. Dentro do próprio estado há uma variação deste dialeto, diferenciando o litoral, a serra, as missões e a fronteira gaúcha, principalmente em função das colonizações de origem portuguesa, espanhola, italiana e alemã.

Para ilustrar, na condição de apreciador do estilo missioneiro do cantor Noel Guarany, cuja trajetória musical acompanhei, faço referência ao significado de algumas letras, especialmente as compostas na efervescência da ditadura militar, quando se usava o linguajar tipicamente gauchesco para contestar o regime, burlando a censura extremamente rígida da época.

Uma das composições mais conhecidas que Noel Guarany gravou foi “Potro sem dono”, na qual um dos versos diz: “...a sede de liberdade, rebenta a soga do potro, que parte em busca do pago e num galope dispara, rasgando a coxilha ao meio, mordendo o vento na cara...”. Os jovens tradicionalistas, entre os quais eu me incluía, identificavam-se com os “potros” que tinham sede de liberdade, que não tinham “dono” e que para buscar o “pago” desejado precisavam se libertar das amarras impostas pelo regime militar.

Este recurso era usado por muitos artistas que eram contrários ao regime de exceção que imperava no Brasil, especialmente nos anos 70 e 80. Isso levou a juventude a abraçar a causa dos festivais de música nativista, lotando as “cidades de lona”, denominação dada aos acampamentos e barracas que lotavam os parques onde eram realizados os festivais.

Enquanto Geraldo Vandré, na canção “Prá não dizer que não falei das flores” conclamava “vem, vamos embora, que esperar não é saber, quem sabe faz a hora, não espera acontecer”, o artista gaúcho Humberto Gabbi Zanatta, na composição “Lições da terra”, numa das estrofes filosofava: “quando se aprende - olhando claro em nossa volta, semente frágil se transforma em linda fruta, neste entrevero de homens, plantas e de bichos, brota a certeza de que a vida é sempre luta”. A plateia que acompanhava a 10ª edição da Califórnia da canção, na cidade de Uruguaiana, cantava uníssona, o refrão da música: “pequeno agricultor tu és o grande plantador da nova roça que sonhamos, do calo de tuas mãos há de brotar, o fruto da justiça que buscamos”.

A canção se referia ao pequeno agricultor, numa referência aos deserdados pelo regime (houve um grande êxodo rural), pois a proposta vigente, que proclamava a “revolução verde”, privilegiava as grandes plantações destinadas à exportação. No pequeno agricultor estavam representados todos os alijados do processo produtivo instalado no país, no chamado “milagre brasileiro”. A “nova roça” era interpretada como a justiça social, a igualdade de direitos, a cidadania almejada pela população.

Dessa forma dezenas de artistas e composições protestavam contra o regime, fugindo da censura utilizando o linguajar como forma de burlar os instrumentos utilizados pelos censores, tendo em vista que os mesmo desconheciam as particularidades e o duplo sentido impregnado nas composições.

Com raras exceções a música gauchesca tem circulação restrita ao Rio Grande do Sul, onde inclusive algumas rádios, como a Planalto de Passo Fundo, só executam esse tipo de música em sua programação. Nos demais estados brasileiros, restringe-se basicamente às entidades tradicionalistas filiadas aos MTGs. Isso limita a atuação dos artistas e ao mesmo tempo preserva um certo distanciamento do cunho meramente comercial que predomina nos meios midiáticos do Brasil. Para atender aos gaúchos “desgarrados do pago”, algumas rádios utilizam a *internet* para divulgação, pois independe do alcance de suas torres de transmissão.

2.7 A poesia, a declamação e a pajada

*Por onde anda a alma inquieta do poeta?
Que nos deixou, cantando versos de saudade...
Talvez buscando um rumo nas estradas que criou
ou procurando algum amor da mocidade.*

*A sombra grande dos teus versos ainda vejo
pousada mansa, nos meus livros da estante
ao mesmo tempo que eu a tenho assim nas mãos
abrem suas asas, pra voarem tão distante...
Quem sabe ande numa tropa estrada afora
ou ronde mansa algum silêncio de tapera...
Quem sabe ande pela tinta das canetas
que esboçam versos, pela angústia de uma espera.
(GUJO TEIXEIRA, 2001 p. 43).*

Uma das modalidades mais concorridas, em quantidade, nos rodeios e eventos do gauchismo, é a declamação. Relembro que, há uns vinte anos passados, no último rodeio em que participei da comissão julgadora, realizado pelo CTG Guido Mombelli, havia 86 inscritos para declamar, divididos nas categorias mirim (piá e prendinha) e adulto (peões e prendas). Foi necessário montar dois palcos e duas comissões julgadoras para dar conta da modalidade.

O julgamento do concurso de declamação se dá por quesitos, geralmente composto de: fidelidade ao texto (declamar/recitar tal como o autor escreveu); dicção; interpretação e postura. Em minha experiência como declamador, na elaboração do programa e regulamento do rodeio, alertava aos demais que as vias das poesias, que deveriam ser entregues à comissão julgadora, necessitavam ser fotocópias dos livros, para evitar as distorções do texto original, muito comuns nas cópias datilografadas/digitadas apresentadas. Na fotografia a seguir, o autor declamando.

Figura 11– Concurso de declamação – Tapera/RS



Fonte: Arquivo pessoal (1982)

Posso afirmar com toda segurança, baseado na minha extensa participação em concursos de declamação e ainda em tertúlias e saraus, que o poema mais declamado no meio tradicionalista gaúcho é “Bochincho” de autoria de Jayme Caetano Braun, que se tornou um verdadeiro clássico. Tanto é verdade que em tertúlias e encontros gauchescos que não sejam concursos de declamação, este poema, composto de 18 estrofes, é declamado geralmente por diversas pessoas, cada qual recitando uma ou mais estrofes. Isso pode ser comprovado num galpão de estância no interior do Rio Grande do Sul, ou numa domingueira do CTG Desgarrados do pago, no Rio de Janeiro, num churrasco no CTG Estância Gaúcha do Planalto em Brasília ou numa roda de chimarrão do CTG Rincão da Saudade em Salvador, na Bahia; se alguém iniciar uma declamação com os versos: “Num bochincho, certa feita, fui chegando de curioso...” e fizer um silêncio como se tivesse esquecido da continuidade, certamente haverá uma voz que diga “que o vício é que nem sarnoso...” e assim sucessivamente. Uma das estrofes traz o seguinte conteúdo:

Não há quem pinte o retrato (a)
dum bochincho – quando estoura. (b)
Tinidos de adaga – espora (b)
e gritos de desacato. (a)
Berros de quarenta e quatro (a)
de cada canto da sala. (c)
E a velha gaita baguala, (c)
num vanerão pacholento, (d)
fazendo o acompanhamento (d)
do turumbamba de bala! (c)
 (BRAUN, 1996, p. 82)

Este excerto mostra a natureza do poema que retrata um “bochincho”, uma peleia, uma confusão entre a gauchada. É um assunto muito recorrente na poesia gauchesca, assim como as lides de campo e as diversas contendas ocorridas no estado do Rio Grande do Sul. As poesias e as pajadas de Dom Jayme, como é carinhosamente denominado pelos declamadores, nas suas diversas publicações, são recheadas dessas façanhas, dessas “gauchadas”, talvez por isso, um dos mais utilizados nos concursos. Além disso, muitas das suas obras foram musicadas por artistas e fizeram sucesso.

A Lei estadual nº 11.676, de 16 de outubro de 2001, instituiu a data de 30 de janeiro como "**Dia do Pajador Gaúcho**". A data foi escolhida por coincidir com a de nascimento de dois expoentes entre os poetas gaúchos: Jayme Caetano Braun e Vargas Neto.

É reconhecimento popular entre os gaúchos, depois de tantos anos de atuação do MTG, que pajador é aquele versejador que faz rimas de improviso, como se estivesse conversando, “charlando” em décimas (dez versos) com uma métrica denominada espinela (criado pelo poeta e novelista Vicente Espinel ao final do século XVI), cujo formato é “abbaaccddc”, indicando a rima nos versos que compõe cada estrofe (vide excerto do poema bochincho acima, que usa esse formato).

Embora a figura do gaúcho “centauro dos pampas”, “herói das coxilhas”, “destemido peleador” seja constante na poesia gauchesca, as temáticas sociais (o gaúcho a pé, o pobre e despilchado) são cada vez mais presentes nas obras. Rompendo barreiras seculares, aos poucos, as questões da presença da mulher vão encontrando espaço. Elas que eram, em tempos não tão distantes, proibidas de adentrar aos galpões, atualmente, ocupam até mesmo o cargo de Patroas de Centros de Tradições Gaúchas. Fenômeno este que, também, se faz presente na política, nas profissões, nas atividades, até então, consideradas como masculinas.

2.8 A campeira e os esportes tradicionalistas

*Galpão retaco e petiço
De santa-fé desabado
Que se varre maltapeado
Uma que outra manhã;
Todo pintado de graça
Pelo pincel da fumaça
Molhado no picumã.*

*Escola viva dos campos
Onde ao tremer dos candeeiros
Os velhos guascas tropeiros
Vão escolando os piás,
Intercalando no ensino
Embretadas do destino
E encontro com boitatás.
(RILLO, 2006, p. 31)*

As modalidades campeiras visam demonstrar a habilidade dos competidores nas lides de campo, com base na tradição pastoril do Rio Grande do Sul, rememorando o manejo de cavalos, bois, vacas, ovelhas e outros animais. Cada competição tem um regramento adequado, visando a preservação de determinadas práticas em que não haviam instrumentos e equipamentos “modernos”. Assim as provas de laço, de rédeas, de gineteada, entre outras, trazem estas características. Para melhor entendimento, a seguir uma parte do regulamento, para a competição de laçadores, no qual destacam-se as seguintes modalidades e categorias:

Laço: na modalidade individual divide-se nas categorias senhor, veterano, vaqueano, patrão, capataz, coordenador de Região Tradicionalista (RT), diretor campeiro e braço de ouro. Na modalidade equipe, tem-se pai e filho, irmãos, avô e neto, piá/menina, guri/guria, rapaz/prendas, peão/prenda.

A segregação de gênero ainda é muito presente nas modalidades campeiras, pois a presença da mulher no galpão, até pouco tempo, era inadmissível, por se tratar de ambiente inadequado para uma suposta fragilidade feminina. Piso de chão batido, cobertura de capim santa fé, fogo constantemente aceso (fumaça e fuligem), animais de montaria, cachorros e aperos suados pela lida, faziam parte do dia a dia dos peões, situações, portanto, entendidas como impróprias à presença da mulher, na visão dos homens campeiros, considerados mais rudes.

Além das modalidades artísticas e campeiras, os esportes também têm seu lugar garantido no meio tradicionalista. O regulamento de esportes do MTG/RS disciplina as

seguintes modalidades: tava (jogo do osso), truco cego e truco de amostra (cartas), TETARFE (jogo conjunto de tejo, tava, argola e ferradura), a bocha campeira e o solo (cartas).

Além desses esportes, o MTG/MT disciplina também a bocha de acordo com regras internacionais e o bolão (uma espécie de boliche, muito comum entre a colonização alemã). Existe uma previsão de premiações do MTG/MT para os jogos tradicionalistas, conforme estipulado no artigo 37 do regulamento, aprovado em convenção realizada em Nova Mutum/MT, na data de 03 de março de 2012.

As etapas destes concursos (artísticos, campeiros e esportivos) são realizadas no âmbito do CTG, que envia seus classificados para a etapa da região tradicionalista. Vencida a etapa, os representantes dos diversos CTGs, que integram a equipe da RT, disputam a etapa estadual, quando são classificados os representantes do MTG de cada estado que participarão da disputa nacional, realizada de dois em dois anos.

Conforme noticiou o site da CBTG, o próximo congresso, convenção e concursos de prendas e peões será realizado no Mato Grosso, em cidade a ser definida. O Rodeio Nacional de Campeões, o Fenart e os jogos campeiros em 2015 realizar-se-ão na cidade de Piratuba/SC.

2.9 A Igreja foi para os galpões

*Eu não sou muito de Igreja
Vou nelas de longe em longe,
Muito embora seja um monge
Dessa liturgia andeja
Deixo que Deus me proteja
– Ele é gaúcho, por certo –
Sempre o sinto muito perto
No bater das pulsações,
Quanto às minhas orações
As faço em campo aberto.
(BRAUN,1996).*

Alguns documentos do Concílio Vaticano II, que tratam sobre o formato da celebração litúrgica, admitem a possibilidade de adaptação das celebrações aos costumes locais, desde que não quebre a unidade substancial do rito romano. Dentro da perspectiva de evangelizar os mais variados povos, o Padre Paulo Aripe viu junto aos tradicionalistas a oportunidade de evangelizar, utilizando o ambiente e o linguajar gauchesco como atrativos.

Fruto desta visão, nasceu a “Missa Crioula”, que obteve a aprovação eclesiástica do Arcebispo de Porto Alegre e dos bispos de Uruguaiana, Bagé e Santa Maria em 1967, do

bispo de Vacaria em 1968, de Rio Grande em 1972, assim como os bispos de Santa Cruz do Sul e Passo Fundo. Em 1983 o bispo de Santa Cruz do Sul redigiu manifestação ao Padre Aripe, ponderando:

Prezadíssimo Padre Paulo Aripe, acho simplesmente notável tua iniciativa de divulgar, em linguajar gauchesco, a doutrina da Igreja. É este um campo aberto em que, me parece, estamos muito ausentes, ou melhor, deveríamos estar mais presentes. Estou pensando em como se poderia divulgar mais esta tua contribuição. Vou contactar com os padres que tem CTG nas suas comunidades para ver o que se vai fazer. Meu grande abraço Assinado: Dom Alberto Etges. (ARIPE, 1984, p. 14).

Assim, a Missa Crioula começou a galgar espaço nas manifestações tradicionalistas, especialmente em rodeios e nas comemorações da Semana Farroupilha. Concomitante à missa, o Pe. Paulo Aripe divulgou o “Casamento Crioulo” e o “Batizado Crioulo”, seguindo a mesma linha de raciocínio. Além do linguajar gauchesco, estas celebrações são animadas por cantos e músicas típicas do tradicionalismo gaúcho, com o celebrante trajando a “pilcha” e os paramentos, tais como: cálice de guampa, gamela para lavar as mãos, um pala em lugar da batina. No ofertório são apresentados o laço, a cuia e a chaleira ou cambona para a água do chimarrão, boleadeiras, a cordeona e outros objetos ligados ao tradicionalismo. Geralmente, os participantes (comunidade) também usam a indumentária gaúcha.

Um dos pontos altos da celebração é o momento da paz, em que o lenço maragato (vermelho) e o chimango (branco), símbolos de facções partidárias divergentes no passado político gaúcho, são amarrados entrelaçados na cruz (geralmente tosca), simbolizando a paz proposta por Jesus, o “Divino Cordeiro”.

Em um “chasque” apresentando a Missa Crioula na história do Rio Grande do Sul, o Pe. Paulo Aripe sintetiza:

Esta Missa Crioula não é minha. É do Rio Grande. É da Tradição Gaúcha. Não sou proprietário desta lonca. Apenas dela tirei os tentos para fazer a trança.[...] veste a bombacha e a batina, dois panos sagrados da Querência. Empunha a lança farrapa e a Cruz do Calvário, dois símbolos da liberdade.[...] põe a Igreja nos galpões e transforma os galpões em Catedral. Faz rezar acolheradas as botas episcopais e a bota garrão de potro; o barrete sacerdotal e o aba-larga do campeiro; [...] Encarna o altar sagrado no dorso das carretas, misturando o órgão da Catedral de São Miguel com o ronco da cordeona de oito baixos [...]. (ARIPE, 1984, p. 12).

Seguindo o costume que é muito apreciado pelos gaúchos, os textos das celebrações são redigidos em formato de versos e utilizando expressões e vernáculos do linguajar gauchesco.

Com exceção das colônias alemãs, onde predominam as igrejas luteranas, o Rio Grande do Sul é, em sua grande maioria, adepto da religião católica. Assim, na tentativa de unir os interesses da Igreja Católica (em aproximar-se dos seus fiéis) e do movimento tradicionalista (em manter os tradicionalistas unidos), conjugaram-se esforços no sentido de fazer da religiosidade do povo gaúcho mais um motivador em torno dos interesses dos grupos envolvidos e promotores dessa apropriação ou aproximação.

2.10 Os concursos de prendas e peões

Os rodeios do Rio Grande do Sul, além das atividades campeiras, geralmente organizam também atividades artísticas e culturais. Além disso, promovem concurso para escolher a “mais prendada prenda” do rodeio. Esse concurso evoluiu e tomou proporção nacional. Assim, os CTGs escolhem suas prendas e peões, que participam de etapas regionais e estaduais, até a fase nacional, quando concorrem ao posto de prendas e peões da CBTG.

Para ilustrar, abaixo parte do regulamento de prendas e peões do MTG/MT, aprovado em convenção realizada em Nova Mutum/MT, na data de 03 de março de 2.012, referente às exigências para a categoria mirim:

Art. 6º. O Concurso será desenvolvido através de prestação de provas, com os respectivos conteúdos e pontuações seguintes:

CATEGORIA MIRIM - Total : 100 pontos

I. Prova Escrita: Parcial: 45 pontos

- a. História do RS, MT e do Brasil 10,0 pontos
- b. Geografia do RS, MT e do Brasil 10,0 pontos
- c. Tradição e Folclore do RS, MT e do Brasil 25,0 pontos

II. Prova Artística: Parcial: 55 pontos

- a. Vivência Tradicionalista Gaúcha 7,5 pontos
- b. Projetos executados 7,5 pontos
- c. Sociabilidade e desenvoltura 10,0 pontos
- d. Pesquisa histórica 5,0 pontos
- e. Dança tradicional gaúcha (livre escolha) 5,0 pontos
- f. Dança de salão (livre escolha) 5,0 pontos
- g. Declamação 5,0 pontos
- h. Artesanato regional 5,0 pontos
- i. Opcional* 5,0 pontos (* Interpretação Vocal, Execução Instrumental, Relato de Lenda, Composição de Poesia)

Como se pode observar, é necessária uma boa preparação para enfrentar ditos concursos, tanto nas questões ligadas ao tradicionalismo e tradição gaúchas em si, como em história, geografia, literatura entre outros assuntos relativos ao Rio Grande do Sul e ao Estado em que a candidata ou candidato pretendem representar. Cabe salientar que não se trata de um concurso de beleza e que para as categorias juvenil, adulto e xiru, aumentam as exigências.

2.11 Os usos, costumes e a literatura no gauchismo

Reconhecido imediatamente pelo churrasco e chimarrão, o gaúcho possui um amplo leque de usos e costumes associados ao seu modo de vida, ou melhor, ao modo de vida idealizada num passado pastoril e altamente conflituoso, decorrente da formação do estado do Rio Grande do Sul e da definição das fronteiras brasileiras. O excerto, a seguir, apresenta alguns fragmentos sobre esses dois fortes ícones do tradicionalismo gaúcho: o churrasco e o chimarrão.

Ramon – O que você entende por ser gaúcho/gaúcha? Porque teus filhos nasceram aqui em Primavera, teoricamente são matogrossenses...

Edicléia – Eu nasci em Primavera, mas eu sou gaúcha. Tem muita gente que tem orgulho de ser gaúcho, eu tenho muito orgulho de ser gaúcha, porque eu gosto dessa tradição, desse negócio de vestido de prenda, chimarrão, churrasco, baile, eu gosto disso, assim eu me orgulho muito de ser gaúcha, eu gosto dessa tradição, eu acho assim: se eu não fosse gaúcha, como muita gente aqui dentro não é gaúcho e vem para cá e gosta da nossa tradição, eu acho que também viria para cá, se eu não fosse gaúcha, porque eu gosto disso aí.

Neste item serão apresentados de forma breve, alguns dos principais aspectos que caracterizam o contexto cultural do gauchismo.

Na culinária, além do churrasco, destaca-se também o arroz de carreteiro (preferencialmente de charque ou sobras de churrasco), o arroz de china pobre (com linguiça) e o puchero. As regiões de colonização alemã e italiana receberam essas influências e se caracterizam por pratos típicos, especialmente as macarronadas e os cafés coloniais.

A bebida típica do gaúcho é o chimarrão, infusão de erva mate com água quente, também conhecido como mate ou “amargo”. É comum o uso de “jujos” (chás) agregados ao chimarrão, especialmente a marcela, a camomila, a carquejinha e o funcho. As mulheres apreciam o “mate doce”, com adição de açúcar, leite e outras especiarias. Além do chimarrão, é muito apreciada a “canha” (cachaça) e o vinho.

A oralidade é muito importante para os gaúchos, afeitos aos causos, contos e as pajadas. Talvez o hábito das rodas de chimarrão, onde se reúnem os peões ou as famílias, seja o fator desencadeador deste costume. Geralmente nesses encontros de peões ao redor do fogo de chão brotam essas manifestações orais. Ao matear próximo ao fogão de lenha, especialmente no rígido inverno, a família gaúcha costuma tratar dos assuntos referentes ao trabalho, aos planos, às questões familiares. Como gravou o cantor João Chagas Leite: “Se os senhores da guerra mateassem ao pé do fogo, deixando o ódio prá trás, antes de lavar a erva, o mundo estaria em paz”.

Nestas rodas de conversa são comuns o uso de frases comparativas e adágios populares, tais como: “mais perfumado que mão de barbeiro”, “faceiro como mosca em rolha de xarope”, “azedo como arrote de corvo”, “mais comprido que xingamento de gago” ou “mais perdido que cusco em tiroteio”. Esse aspecto mais cômico é utilizado em larga escala por humoristas como “Paulinho Mixaria”, “Mulita” e, mais recentemente por Jair Kobe o “Guri de Uruguaiana”, talvez o único que tenha alcançado um relativo reconhecimento nacional. Segundo ele, foi convidado pela rede Globo para participar do humorístico “Zorra Total”, mas declinou do convite porque descaracterizaria seu personagem no programa.

O cavalo é companhia inseparável da figura do gaúcho, o “centauro dos pampas”, pras lides tais como marcação, banho, medicação. Entre as raças destaca-se o “crioulo” considerado o cavalo ideal para os trabalhos de campo, que tem no concurso denominado “Freio de ouro” realizado anualmente na “Expointer”, na cidade de Esteio/RS, o maior estímulo ao aperfeiçoamento e comercialização do animal.

Arelados ao cavalo estão diversos personagens gaúchos, alguns reais outros ficcionais, tais como o General Bento Gonçalves (líder da Revolução Farroupilha), o General Neto (proclamador da República Rio-grandense), o “Capitão Rodrigo Cambará” (de o Tempo e o Vento), o cacique Sepé Tiarajú (das missões jesuíticas) a quem é atribuída a célebre frase “esta terra tem dono”, entre outros.

O cavalo é considerado tão importante para o gaúcho que centenas de música tratam dessa relação. Em muitas delas retratam um sentimento tão forte quanto ao familiar. Num poema, que depois foi musicado, Gujo Teixeira escreveu: “Aos poucos vão indo embora as coisas que eu mais gostava; quando morreu meu cavalo, por certo Deus descansava”. Logo adiante retrata o momento em que o cavaleiro recebe a notícia da morte de seu “pingo”: “Um peão de olhos baixos, de freio e mango na mão, me disse com dor na alma – morreu seu baio, patrão!”. Ao ver o cavalo morto, se expressa assim: “Olhando o baio estendido pensei, bem quieto comigo, isso não é coisa parceiro, que se faça com um amigo”, para arrematar com

tristeza: “E hoje lhe vejo assim, posto em partida, sem viço; se Deus bem sabe o que faz, não tava sabendo disso”.

No tocante à literatura, a partir da fundação do MTG/RS muitos foram os autores que se dedicaram a temática do gauchismo. Convém ressaltar que o período anterior ao surgimento do MTG encontrou maiores dificuldades nessa seara. A respeito, Brum (1999) esclarece:

Durante a primeira metade do século XIX, a elite porto-alegrense manteve-se voltada para a Corte ou para as novidades literárias que chegavam de Paris. Em 1868, a Província atravessava uma fase de grande prosperidade, dando azo às manifestações de espírito. Havia dez anos que fora inaugurado o Teatro São Pedro. Proliferavam os saraus literários. Surge então o primeiro movimento literário com temática rio-grandense, a Sociedade Partenon Literário. Voltado para campanhas meritórias como a abolição da escravidão e a emancipação da mulher, o movimento valorizava a cultura gaúcha, instituindo a pesquisa bibliográfica, registrando as lendas e tradições rio-grandenses[...] Pelo conteúdo de suas obras, o Partenon Literário é considerado como precursor do tradicionalismo gaúcho. (BRUM, 1999, p. 150).

A obra “O tempo e o vento”, série literária do escritor gaúcho Érico Veríssimo, talvez seja a mais reconhecida do Rio Grande do Sul. Contudo o gauchismo é mais atrelado aos integrantes do movimento tradicionalista. Destaco a editora Martins Livreiro de Porto Alegre/RS, que dedica-se à editar essas obras. Meu acervo conta com muitas de suas publicações, especialmente livros de poemas gaúchos, lendas, contos e história gaúcha.

2.12 A presença gaúcha no Mato Grosso

*Aos desgarrados do pago
Que tem no peito uma ânsia
De encurtar a distância
Da querência onde nasceu
Estou trazendo notícias
Numa cantiga de afago
É o recado que trago
Ao filho que se perdeu*

*O Rio Grande não esquece
De todos os desgarrados
Que mesmo estando afastados
Não perdem a identidade
E o que mais tem importância
É que o tamanho da distância
Sempre é menor que a saudade.*

(excerto da canção “Aos desgarrados do pago”, autor Jader Moreci Teixeira “Leonardo”, gravadora Acit, 1991).

A epígrafe traz uma concepção da ausência que se estabelece a partir do momento em que os gaúchos se “desgarram”, se afastam do Rio Grande do Sul, migrando para outras regiões. Esse distanciamento é sentido por quem parte e por quem fica. Para Goetttert (2008), é a família que sente mais essa ruptura:

É na família (ou em parte dela) que permanece no lugar de origem, e na família (ou em parte dela) que migra, que as relações entre os lugares se constroem. Por isso, podemos aludir que a ruptura com a família pela migração provoca ao mesmo tempo uma divisão na vida do sujeito migrante e também na vida nos sujeitos que permanecem no lugar. A migração envolve, pois, ambos os membros da família e por isso os lugares sofrem uma descontinuidade: o lugar de origem por “perder” o migrante e o lugar de destino por “recebê-lo” (GOETTERT, 2008, p. 51, grifos do autor).

A região Centro Oeste teve sua ocupação acentuada a partir da decisão do então Presidente da República, Juscelino Kubistchek de Oliveira, especialmente com a construção de Brasília, a Capital Federal, na região. Seguiu-se, então, uma verdadeira marcha para a região e com ela a presença de brasileiros de todas as partes do País, cada qual com seus usos e costumes. Dunga Rodrigues (1997) relata que escreveu diversas obras com o pensamento de registrar o modo de vida do matogrossense, ameaçado pela intensa migração. Nos agradecimentos, ela faz uma observação a respeito:

Aos primeiros anseios divulgados pela imprensa, do intuito, que se tornou persistente, do Dr. Juscelino Kubistchek de Oliveira, muito digno presidente da República, da penetração do Centro Oeste, comecei a me preocupar com a perspectiva de uma provável maciça invasão forasteira nesta região. Idéia que na época, muitos se manifestaram descrentes, sobre a sua própria realização, pois o isolamento desta região era patente, acentuado pela dificuldade de atingi-lo. Poucos, penso eu, acreditavam nesta marcha tão intensa [...]. Comecei a temer pelas nossas coisas genuínas. Outras gentes, apesar de irmãos, viriam com suas culturas, as suas tradições, seu folclore, embora esse último gênero, só então estivesse desabrochando para a nossa elite, que só tardiamente começou a manifestar interesse por isto (RODRIGUES, 1997, p. 4).

Em sua tese de doutoramento, Patatas (2006), na introdução da pesquisa, comenta sobre a migração para o estado de Mato Grosso, dizendo que na expansão da fronteira agrícola dos anos 70 (época do “milagre brasileiro” e da “revolução verde”), acorreram ao estado, não só os excedentes de mão de obra, mas também investidores do Rio Grande do Sul. Sobre a chegada dos gaúchos ao estado, a autora enfatiza que na esperança de posse de terra, vieram para Mato Grosso tanto aqueles desprovidos de riqueza quanto aqueles que, apesar de

terem terra, almejavam aumentar suas posses, pois consideravam que não era suficiente para o sustento de suas famílias.

Logo adiante argumenta que, nessa perspectiva, os gaúchos fundaram, como é de costume, os CTGs. Diante disso os cuiabanos tentaram marcar seu território criando seu centro de preservação de sua cultura – o Muxirum – que talvez pelo caráter elitista, não sobreviveu.

Ainda são poucos os estudos sobre esse movimento migratório, e os existentes se atentam mais para questões numéricas, geográficas e econômicas do que nas questões dos sujeitos, seus sentimentos, suas motivações. A constatação é retratada a seguir:

Na condição de migrante saído do Rio Grande do Sul para Mato Grosso, com passagem pelo Paraná, sempre me intrigava uma certa ausência nos estudos teóricos sobre a migração: o olhar daquelas e daqueles que ficaram, de avós e avôs, de mães e pais, de irmãs e irmãos, de filhas e filhos... De forma semelhante, angustiava-me a praticamente não presença das mulheres e homens migrantes em análises sobre a mobilidade espacial, em especial de trabalhadoras e trabalhadores. Explico: as análises, buscando a construção de explicações gerais para as migrações (plausíveis, é certo, na medida em que era essa mesma a intenção) pareciam descuidar na apreensão das trajetórias individuais das gentes migrantes. A generalização, por isso, parecia sufocar as pessoas da mobilidade. (GOETTERT, 2007).

Alguns dos sócios iniciadores do CTG Saudades da Querência, fundado em Rondonópolis no dia 15 de agosto do ano de 1981, cuja “sede provisória” era o salão paroquial da Igreja Nossa Senhora Aparecida, relatam que no início, quando foi levantado um galpão de madeira um tanto tosco, havia uma presença muito grande de gaúchos que vieram para o sul do Mato Grosso, mesmo daqueles que no Rio Grande do Sul não participavam do movimento, não se identificavam com a tradição gaúcha.

Em minha análise, buscavam aquilo que Barbosa Lessa preconizava em sua tese o sentido e o valor do tradicionalismo: o grupo local. Algo que os identificasse, que lhes fizesse se sentir “em casa”. Evidentemente, com o passar do tempo, as novas famílias se formaram, encontraram um lugar em comunidades (igrejas, associações profissionais, Rotary, Lions etc.), integraram-se à comunidade e o CTG não tinha mais aquele papel inicial de congregá-los.

Tenho defendido nas ocasiões em que me é permitido, que a falta de um movimento organizado, ao estilo do MTG, talvez seja a razão do insucesso de muitas tentativas de preservação das culturas locais no Brasil. Esse pensamento avivou-se ainda mais após a leitura do artigo de Vianna (1999), em que ele pondera que os gaúchos inventaram uma

máquina poderosa para replicação do seu código tradicionalista e modo de vida denominado CTGs e que, em sua opinião, não há nada parecido e nem tão eficaz em outros movimentos culturais brasileiros. Tanto é verdade que desconhece a existência de Centros de Tradições Cariocas ou Cearenses, por exemplo.

Levando em conta que o início do movimento tradicionalista gaúcho se deu em 1947, já se aproxima dos 70 anos de atuação e, com maior ou menor intensidade, parece não ter perdido fôlego. Para ilustrar esse vigor nos dias 09 a 12 de janeiro de 2014, Porto Alegre/RS sediou o 61º Congresso Tradicionalista Gaúcho, cujo temário, de acordo com o regimento divulgado pelo MTG, destacou os seguintes segmentos: I - Cultural; II - Artístico; III - Campeira; IV - Esporte; V - Jovens; VI - Ordem dos Cavaleiros do RS (ORCAV); VII - Avaliadores; VIII - Narradores; IX - Patrões; X - Conselheiros; XI - Coordenadores; XII - Diretoria do MTG.

Mesmo longe da sua terra, o gaúcho mantém um vínculo com ela através de seus usos e costumes, de suas práticas e de seus símbolos, mesmo que o seu modo de produção seja substituído. Nesse campo, as afirmações de Brum (1999) são pertinentes, quando diz:

O gaúcho, com seus usos e costumes, sua indumentária e seus utensílios, passam assim à condição de produtos culturais: o ginete e o laçador são agora artistas de rodeio; o guasqueiro torna-se um artesão que fabrica objetos de decoração e souvenirs (laço, boleadeiras, relhos, cordões para relógios etc.); as danças e canções típicas tornam-se atrações turísticas; [...] Tudo isso faz parte da identidade de um povo e todo povo necessita ter uma identidade, sob pena de desaparecer na geleia cultural alienante. (BRUM, 1999, p. 146).

Até quando o movimento irá perdurar dependerá da vontade dos tradicionalistas, visto que, por seu caráter associativo, a adesão ao movimento é livre e voluntária.

3 ENTRE A HERANÇA E A RENOVAÇÃO: AS GERAÇÕES NA CULTURA GAÚCHA

*[...] Daqui “miles” de mulas para a feira
de lá, mascatarías regionais,
juntando o norte e o sul no vai vem
sem saber de que fato ele o tropeiro
intercambiava traços culturais*

*Por isso é que o “biriva” não morreu
mudou foi seu produto de tropear
o tropeiro está vivo em todo aquele
que traz ideias boas ao Rio-grande
e ideias também sabe levar [...].*

*(Excerto de Birivas- autoria Gilberto Carvalho e Airton Pimentel;
interpretação de Rui “Biriva” Leonhardt - 4ª Seara da Canção Nativa,
Carazinho/RS, 1984. Grifos meus).*

Problematizar e refletir sobre a infância, suas culturas e as relações que as crianças estabelecem com os adultos no universo contemporâneo é o grande desafio deste capítulo. Sendo o tradicionalismo gaúcho um dos pontos centrais da investigação, em que este se torna o fio condutor de nossas análises, temos como objetivo apresentar, de modo breve, algumas questões que atravessam as gerações por meio das perspectivas que trazemos aqui, como a herança e a renovação. Processos estes que se configuram como contrapontos e confrontos que permeiam as gerações na cultura e, de maneira peculiar, a cultura gaúcha na perspectiva do tradicionalismo – foco desta pesquisa.

Desse modo, para compor esse panorama teórico (infância e gerações), trazemos para a discussão reflexões de autores, sobretudo do campo da sociologia, para respaldar alguns apontamentos conceituais que julgamos ser relevantes abordar. Entre eles, destacamos Mannheim (1975), Qvortrup (2010), Sarmiento (2005; 2009), Tomizaki (2010), Corsaro (2011) e Oliveira (2011).

3.1 O conceito de geração em Mannheim

Cada geração herda da outra um repertório cultural, porém este nunca pode ser absorvido completamente, em virtude de a experiência ser vivida de modos diferentes e, conseqüentemente, imprimir sentidos diversos, dependendo se são trabalhados em uma base de experiência já formada ou não (MANNHEIM, 1975, p. 37), porque esta tem variações entre pessoas e grupos. Tomando como pano de fundo tal problematização feita pelo

sociólogo, o autor destaca a importância do "contato original" dos indivíduos que nascem e vão adquirindo suas primeiras experiências de vida.

De acordo com Mannheim (1975), esse "contato original" é uma das forças de renovação cultural da sociedade, pois remete às formas como os indivíduos reagem em contato com o novo, seja em função de uma mudança na situação social, ou, no caso das gerações, em função da constante renovação na composição do grupo social, com a saída de uns e a entrada em cena de novos componentes desse grupo.

Por outro lado, na esteira das reflexões de Mannheim (1982), o problema das gerações é importante o suficiente para ser seriamente considerado, conforme destaca o autor. Para ele, as gerações é um dos guias indispensáveis à compreensão da estrutura dos movimentos sociais e intelectuais. Nessa perspectiva, salienta Mannheim, a geração não é um grupo concreto no sentido de uma comunidade, pois para ele esta se caracteriza como um grupo que não pode existir sem os seus membros terem um conhecimento concreto uns dos outros, e que, de certo modo, cessa de existir como uma unidade mental e espiritual, assim que é abolida a proximidade física.

Ao abordar a formulação biológica e sociológica do problema das gerações, Mannheim (1982) assinala que:

A situação da geração está baseada na existência de um ritmo biológico na vida humana – os fatores de vida e morte, um período limitado de vida, e o envelhecimento. Os indivíduos que pertencem à mesma geração, que nasceram no mesmo ano, são dotados, nessa medida, de uma situação comum na dimensão histórica do processo social. (1982, p. 71).

Assim, o fenômeno sociológico das gerações está baseado, em última análise, no ritmo biológico de dois fatores, quais sejam o nascimento e a morte. Conforme discorre, se um fenômeno está baseado em outro, ele não poderia existir sem o outro. Entretanto, possui certas características específicas.

No diálogo estabelecido com Sr. Antônio de Melo (77 anos), fica visível uma concepção de tradição como herança, como algo que está no sangue, e, portanto, como fenômeno naturalizado. Ao conversarmos sobre a participação das crianças nos CTGs, o entrevistado nos informou:

Melo – É, agora estamos continuando assim, até fazendo apresentações fora, como foi no estadual, já, de Sorriso né? E Lucas. E agora estão se preparando de novo para fazer parte de outro eventos do CTG né? Aqui também, eles participam do jantar dançante, todos os jantares dançantes,

bailes, eles fazem apresentação. Então assim, uma coisa que é muito importante que é a nossa tradição, pra mim que me criei na nossa tradição desde... eu fiquei 50 e poucos anos já dentro da tradição. Então a gente já tem uma história de tradição, né? Fui no primeiro baile em Tacarí e no primeiro rodeio internacional de Tacarí em 59, dançando na invernada artística. Então é uma coisa que a gente tem no sangue isso aí...

Ramon – Tá no sangue.

Melo – Tá no sangue e agora vem os netos, já que os filhos... a minha filha foi já aos 7, 8 anos a primeira prenda no CTG, no MTG. Então, que é a mãe deles. Então já puxaram um pouco pela mãe também.

Nesse caso, o diálogo entre as gerações é tratado como descendência, ou seja, é transmitido dos mais velhos para os mais novos como se fosse algo que está no sangue e, assim, é transmitido de pais para filhos, numa sucessão linear. Segundo as considerações de Mannheim, se “não fosse pela existência de interação social entre seres humanos, pela existência de uma estrutura social definida, e pela história estar baseada em um tipo particular de continuidade, a geração não existiria como um fenômeno de localização social”. (1982, p. 72).

Reiterando os valores presentes no discurso de Sr. Antônio de Melo, a menina Júlia (13 anos) afirma que a tradição, também, corre nas veias.

Júlia – [...]. É uma tradição que poucos e,...andam nela, ela é muito boa, ela ensina muitas coisas e eu tenho a cultura gaúcha desde muito tempo, está nas veias das minhas avós, assim no CTG eu acho que até a minha vó dançou e eu comecei no CTG com 3 anos.

Portanto, considerando as crianças e adultos como sujeitos que convivem numa cultura que atravessam as gerações, temos que o fenômeno social da geração não representa nada mais que um tipo particular de identidade de situação, abrangendo “grupos etários” relacionados, incrustados em um processo histórico-social. Na cultura gaúcha, mas também em toda cultura de indivíduos, “enquanto a natureza da posição de classe pode ser explicada em termos de condições econômicas e sociais, a situação etária é determinada pelo modo como certos padrões de experiência e de pensamento tendem a ser trazidos à existência pelos *dados naturais* da transição de uma para outra geração”. (MANNHEIM, 1982, p. 73, grifo do autor).

Quanto à preocupação com as novas gerações, ou seja, com a infância, que é destacada na tese do folclorista gaúcho Barbosa Lessa⁶, considerada pelo MTG como basilar para o

⁶ A tese foi apresentada no primeiro Congresso Tradicionalista Gaúcho, no ano de 1954, em Santa Maria/RS, conforme o próprio Lessa descreve em seu livro “Nativismo, um fenômeno social gaúcho”: “Instalado o Congresso, em Santa Maria, em julho de 1954, pairava no ar uma pergunta. Qual dos dois rumos seguir? A

movimento, abre-se a questão de considerar como os novos sujeitos que chegam a um grupo social interagem com a herança cultural da sua sociedade e com as tradições de seu grupo.

A questão fundamental que Mannheim levanta é esta: que espécie de relação social motiva o fenômeno social particular de um grupo etário? A geração não é um grupo concreto, não possui uma estrutura organizacional visível, nem o caráter de comunidade vital como a família, contudo pertencer a uma geração determina certas facetas do comportamento e do pensamento de várias pessoas; essas pessoas pensam e agem de um modo parecido porque ocupam um certo lugar num todo estrutural. Logo, certas formas de pensamento e ação devem ser analisadas em termos do lugar que ocupam dentro de um processo dinâmico. (TAVARES, 2008, p. 304-305).

Trazemos aqui duas perspectivas importantes, pois conforme os estudos que a sociologia da infância apresenta, a socialização na infância possui vertentes que se contrapõem. Por um lado, temos aqueles que defendem a ideia da socialização ser estabelecida como um processo vertical em que a geração mais velha é a que transmite os valores culturais à geração mais nova, por processos exercidos, sobretudo, pelos adultos, como disseminação e transferência de valores, crenças e representações. Por outro, temos aqueles que defendem a socialização a partir de elementos que fogem da transmissão cultural como fenômeno exclusivo que a define, como a cultura de pares na infância, cunhada por Corsaro (2011), como veremos a seguir. Nesse caso, entende-se que as crianças são sujeitos que participam ativamente da cultura, em que reproduzem, interpretam e aprendem, posicionando-se como sujeitos dotados de possibilidades, não como receptores de informações e valores.

3.2 As crianças e a relação entre herança cultural e a reprodução interpretativa

*Das roupas velhas do pai
Queria que a mãe fizesse
Uma mala de garupa,
uma bombacha e me desse...*

*Quero gaita de 8 baixos,
Prá ver o ronco que sai
Botas feitiço do Alegrete*

qualificação cultural ou a massificação popular? Quando da minha estada em São Paulo para tentar editar e gravar as músicas das danças tradicionalistas, eu havia frequentado um curso na Escola Livre de Sociologia e Política e pude contribuir para o Congresso com alguns ensinamentos de meu mestre Donald Pierson e, por tabela, com as lições de Ralph Linton em seu livro “O Homem”. Este o embasamento da tese “O Sentido e o Valor do Tradicionalismo” que apresentei em plenário (LESSA, 1985, p. 80-81, grifos do autor).

*Esporas do Ibirocai;
 Lenço vermelho e guaiacas
 Compradas lá no Uruguai
 Prá que me digam quando eu passe
 Saiu “igualzito” ao pai.
 (Excerto de GURI, interpretada por César Passarinho na 13ª Califórnia da
 Canção Nativa, em Uruguaiana/RS, 1983, grifo meu).*

As vidas compartilhadas, a cultura e as relações intergeracionais na vida cotidiana é tema de um aprofundamento relevante e de discussões no campo acadêmico, como aponta Oliveira (2011). Assegura o autor que avós e netos, por exemplo, interagem na vida em comum e se modificam reciprocamente. Trata-se de uma possibilidade que se inaugura a partir da coexistência de gerações diferentes, numa dada situação social.

Visitando os documentos do MTG, sua carta de princípios, seu código de ética e demais normativas, tem-se a clara noção de que as crianças são vistas como receptoras da herança cultural gaúcha como forma de garantir a continuidade do movimento através das gerações. Ao ter como base essa análise, apresento a seguinte indagação: são, de fato, meros receptáculos? Contudo, na atualidade, em que o acesso à informação e à tecnologia é cada vez presente na vida cotidiana, é possível que, na mais tenra idade, as crianças sejam capazes de imprimir suas próprias concepções a tudo que lhes rodeia.

Por um lado, temos as abordagens de Mannheim (1982), que trata das gerações e relativiza a perspectiva da herança cultural, pois para ele os novos participantes do processo cultural estão surgindo, enquanto antigos participantes daquele processo estão continuamente desaparecendo. Os membros de qualquer uma das gerações apenas podem participar de uma seção temporalmente limitada do processo histórico, sendo que, também, é necessário transmitir continuamente a herança cultural acumulada. Além disso, o autor completa, por conseguinte, que a transição de uma para outra geração é um processo contínuo.

Por outro lado, Corsaro (2011), tendo como enfoque as crianças como categoria de estudo, apresenta reflexões e resultados de investigações que realizou na Itália e nos Estados Unidos. As crianças, para o autor, são agentes sociais, que, de forma ativa e criativa, contribuem para a produção das sociedades adultas e vêm sendo merecidamente reconhecidas como produtoras de cultura. A infância é entendida como uma “forma estrutural”, apesar de ser um momento temporário e sofrer variações sócio-históricas. Sua abordagem contempla o aparecimento do interesse em estudar as crianças na sociedade. Nesse redescobrimento da criança pela sociologia, o autor argumenta que as crianças foram marginalizadas por serem dependentes nas sociedades.

De forma contrária aos estudos sobre socialização, que veem a criança como consumidora da cultura dos adultos, Corsaro (2011) propõe a noção de reprodução interpretativa. Para ele, o termo interpretativo abrange aspectos criadores da participação infantil na sociedade e o termo reprodução inclui a ideia de que as crianças colaboram ativamente para produção e mudanças culturais, sendo afetadas pela sociedade e cultura que integram. A reprodução interpretativa enfatiza especialmente a linguagem e a participação infantil em rotinas culturais e aborda a ideia de que a criança participa e integra duas culturas interligadas – a das crianças e a dos adultos.

A noção de reprodução interpretativa é ampliada a partir do ponto de vista estrutural. Diante disso, o autor defende que a produção infantil de cultura de pares não é uma questão de simples imitação ou apropriação direta do mundo adulto. As crianças se apropriam criativamente da cultura adulta para produzir suas próprias culturas, o que é possível de perceber nos momentos em que brincam e dialogam com o outro.

O aparecimento do interesse por crianças na sociologia proporcionou o crescimento de vários métodos, tanto os que capturam o cotidiano infantil (nível micro), quanto os que capturam a contextualização dessa infância, que é vivida de diversas maneiras (nível macro). Corsaro (2011) situa sua teoria de reprodução interpretativa nos contextos cultural e histórico, observando como recentes mudanças sociais e o crescimento das organizações familiares, tanto nas sociedades industrializadas quanto nas em desenvolvimento, afetam as crianças e a infância.

Para Corsaro (2011), o termo **reprodução** inclui a ideia de que as crianças não se limitam a internalizar a sociedade e a cultura, mas sim contribuem ativamente para a produção e mudança cultural. Conforme destaca, o termo também sugere que crianças estão, em razão de suas próprias atuações na sociedade, restritas pela estrutura social existente e pela reprodução social, isto é, a criança e sua infância são afetadas pelas sociedades e culturas que as rodeiam, as integram. Já o termo **interpretativo**, conforme o autor enfatiza, abrange os aspectos inovadores e criativos da participação infantil na sociedade. As crianças criam e participam de suas próprias e exclusivas culturas de pares quando selecionam ou, de algum modo, se apropriam criativamente de informações que permeiam as relações do mundo adulto para lidar com suas preocupações.

Não há como deixar de abordar, aqui, aspectos sobre a produção infantil de culturas de pares, esta que, para Corsaro (2011), não é uma questão de simples imitação ou apropriação direta do mundo adulto. As crianças se apropriam criativamente de informações do mundo adulto, por meio das interações e diálogos, para produzir suas próprias culturas de pares.

[...] as crianças transformam as informações do mundo adulto a fim de responder as preocupações de seu mundo. Dessa forma, contribuem simultaneamente para a reprodução da cultura adulta. Assim, as culturas de pares infantis têm uma autonomia que as tornam dignas de documentação e de estudo por si. (CORSARO, 2011, p. 53).

Com essas análises, ressaltamos que a ênfase aqui recai em problematizar como a cultura dos povos sulistas, no caso os gaúchos, são aspectos que também se fazem presentes tanto na vida dos adultos quanto das crianças. Na perspectiva da reprodução interpretativa, as atividades de crianças com seus pares e sua produção coletiva de uma série de culturas de pares são tão importantes quanto sua interação com adultos. Por essa razão, alguns elementos da cultura de pares afetam também as rotinas adulto-criança na família e em outras configurações culturais. Desse modo, tanto a presença infantil nas rotinas adulto-criança na família e em outros ambientes, como já citado, quanto nas rotinas das culturas de pares influenciam sua participação como membros nas culturas infantis e no mundo adulto.

Tal questão apresentada é muito forte na cultura gaúcha, em que as crianças, desde pequenas, aprendem valores e crenças (como já abordamos a questão da socialização), inclusive a se vestir como os adultos, por exemplo, pois elas, as crianças, se apropriam de apetrechos do universo adulto, bem como de outros elementos que circulam suas ações, como a dança, a música, a poesia, entre outros, que também estão presentes nos tempos de vida desses sujeitos que estabelecem relações nos mais diversos espaços e contextos.

Assim, observamos que as famílias desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da cultura de pares na reprodução interpretativa. Como Corsaro (2011) aponta, crianças pequenas não experimentam individualmente as informações do mundo adulto. Ao contrário disso, elas participam de rotinas culturais nas quais a informação é primeiro mediada por adultos. A partir do excerto apresentado no parágrafo anterior, nota-se que, nos primeiros anos da criança, a maioria das rotinas culturais adulto-criança acontece no seio das famílias. Portanto, as culturas de pares iniciais não são decorrentes de confrontos diretos das crianças com o mundo adulto. Segundo o autor, à medida que as crianças se aventuram para longe da família, elas apontam para direções específicas, preparam-se para a interação com diferentes orientações interpessoais e emocionais, além disso, recorrem a recursos culturais particulares, em que todos são derivados de experiências anteriores em suas relações com as famílias.

Já ressalta Oliveira (2011), o processo pelo qual os mais velhos (avós) e os mais novos (netos) vão se constituindo e se reconstruindo mutuamente como sujeitos é, por assim dizer,

mediado pela cultura, ou melhor, mais precisamente, por um trabalho de criação, recriação, produção e reprodução da cultura.

As palavras de Oliveira (2011) trazem questões que permeiam as relações entre avós e netos, mas nos interessam aqui pelo fato de considerarmos as interações que se processam entre estes, colocando em xeque o tema central da pesquisa - as crianças e os adultos no aspecto intergeracional e cultural. Desse modo, as duas culturas se defrontam como diferentes formas de existir.

Ajudados pelos velhos, as crianças ainda terão, provavelmente, uma outra tarefa, garantidora de que a proposta cultural, por eles construída em conjunto, terá continuidade no porvir. Aqui, mais do que nunca, vale a *memória da criança*. Quando for minha vez de saber, hei de aconselhar também os que vierem depois de mim (OLIVEIRA, 2011, p. 42, grifo do autor).

Portanto, são várias as possibilidades de resistência concebidas pela coligação entre adultos e crianças. Ambos, velhos e crianças, ocupam posições diferentes no cenário vivido, o que não os impede de tentar construir um relacionamento pautado em notas igualitárias. Para Oliveira (2011), o que acontece nas relações entre gerações são pontos que desembocam em múltiplas possibilidades que se formam, pois há o encontro de medidas e andamentos de tempo, que são diversos e conflitantes entre si, com diferentes gerações que, coetâneas, podem se apresentar bem próximas, mas cujos contornos e percalços de vida guardam histórias e experiências bem distintas e desenhadas.

A seguir, as abordagens apresentadas são organizadas a partir do enfoque da infância enquanto categoria na perspectiva geracional, tendo como base teórica os estudos de Qvortrup (2010) e Sarmiento (2005; 2009).

3.3 A infância como categoria geracional: alguns apontamentos

As crianças, ao não serem consideradas como seres sociais plenos, são recepcionadas como estando em vias de o ser, por efeito da ação adulta sobre as novas gerações, é o que afirma Sarmiento (2009) ao refletir sobre as correntes e confluências da sociologia da infância.

Apesar de ser novidade em termos históricos, a infância merece o tratamento que lhe está sendo dispensado por pensadores e teóricos, face aos novos estudos e compreensão formulados a partir de diversas pesquisas. Um dos mais expressivos representantes desse

momento histórico, Jens Qvortrup, tem trazido aportes importantes para elucidar a questão da infância como categoria geracional, como se observa no esclarecimento apresentado a seguir:

Em termos estruturais, a infância não tem um começo e um fim temporais, e não pode, portanto, ser compreendida de maneira periódica. É compreendida, mais apropriadamente, como uma categoria permanente de qualquer estrutura geracional. As duas noções de infância – enquanto um período e enquanto uma categoria permanente – não se contradizem. Elas podem e, de fato, coexistem lado a lado, mas os significados de ambas são bem diferentes [...]. (QVORTRUP, 2010, p. 635).

Com essas análises, percebe-se o enfoque da coexistência existente, mesmo apesar das peculiaridades e particularidades de ambos os conceitos – infância. Qvortrup (2010) ressalta que há pouco mais de vinte anos os estudos sociais da infância começam a enfocá-la como fenômeno social.

Outro autor que se dedica ao estudo da infância, numa perspectiva contemporânea, é Sarmento, que apresenta várias reflexões sobre a criança a partir da sociologia da infância.

[...] a sociologia da infância propõe-se a interrogar a sociedade a partir de um ponto de vista que toma as crianças como objecto de investigação sociológica por direito próprio, fazendo acrescer o conhecimento, não apenas sobre infância, mas sobre o conjunto da sociedade globalmente considerada. A infância é concebida como uma categoria social do tipo geracional por meio da qual se revelam as possibilidades e os constrangimentos da estrutura social. (SARMENTO, 2005, p. 363).

A partir dessas novas perspectivas sobre a infância, a criança passa a ser investigada e tratada, não mais como mero objeto de pesquisa, mas sim como sujeito que recebe os impactos da cultura mais ampla, modificando-a também. A sociologia da infância tem proposto interrogar a sociedade a partir da perspectiva que toma as crianças como objeto de investigação sociológica, em que suas vozes são valorizadas, por direito próprio, fazendo acrescer o conhecimento, não apenas sobre infância, mas sobre a esfera que representa o conjunto da sociedade globalmente considerada.

Qvortrup (2010), ao discutir a infância enquanto categoria na estrutura social, é assertivo ao afirmar que pensar em termos estruturais rompe com os planos de vida pessoal, até porque faz pensar não em termos do desenvolvimento da criança, mas, particularmente, no desenvolvimento da infância. Ao tratar da infância enquanto categoria permanente, o autor destaca outros aspectos, como os parâmetros econômicos, políticos, sociais, culturais e tecnológicos, e que certamente têm em mente os parâmetros ideológicos e/ou discursivos, ou

seja, parâmetros estes que representam os entendimentos e ideologias sobre crianças e infância, questões importantes em nossas análises aqui.

A infância é compreendida como tempo e espaço social, no qual as crianças vivem, transformam-se constantemente, da mesma forma que a idade adulta e a velhice também se modificam. Essas transformações não podem esconder, no entanto, a contínua existência e realidade da infância enquanto categoria estrutural. Em termos estruturais, ela não é transitória e não é um período. Ela tem permanência. O desenvolvimento histórico da infância não acaba com a sua categoria, além do mais a variabilidade cultural da infância contemporânea testemunha a favor da sua presença universal. Conforme Qvortrup (2010) analisa,

A infância tanto se transforma de maneira constante assim como é uma categoria estrutural permanente pela qual todas as crianças passam. A infância existe enquanto um espaço social para receber qualquer criança nascida e para incluí-la – para o que der e vier – por todo período da sua infância (2010, p. 637).

Desse modo, não faz sentido afirmar que a infância não é parte integrante da sociedade, pelo contrário, com suas ações e modos de ser, não seria possível imaginar existirmos sem a infância, assim como a idade adulta e a velhice devem existir enquanto categorias geracionais. É preciso, também, ter a concepção de que, enquanto categoria estrutural, a infância é separada da criança como indivíduo, e, por conseguinte, o método para adquirir percepções, tanto do ponto de vista histórico quanto geracionais, acerca da infância não demanda necessariamente que as crianças sejam diretamente observadas ou questionadas (QVORTRUP, 2010).

As considerações de Sarmento (2005) nos direcionam a compreender que a primeira tarefa a que se propõe a sociologia da infância é a de considerar a geração uma categoria estrutural relevante na análise dos processos de estratificação social e na construção das relações sociais.

“A infância é historicamente construída”, conforme assegura Sarmento (2005, p. 365). Contudo, ao conceituar o termo geração, Sarmento defende a ideia de que esta corresponde a um fenômeno cuja natureza é essencialmente cultural. A geração, afirma Sarmento, consiste num grupo de pessoas nascidas na mesma época que viveu os mesmos acontecimentos sociais durante a sua formação e crescimento, além disso, partilha a mesma experiência histórica, de modo que esta é significada por todo o grupo, o que faz originar uma consciência comum entre sujeitos, que, por conseguinte, se faz presente ao longo do respectivo curso de vida. Um

exemplo claro disso são os gaúchos, que carregam experiências dos momentos vividos no período de migração.

A partir desses argumentos, considera-se que a geração, conforme Sarmiento (2005) discorre, é assumida como uma variável independente, tras-histórica, estando prioritariamente ligada aos aspectos demográficos e econômicos da sociedade. De acordo com suas análises,

A infância é independente das crianças; estas são actores sociais concretos que em cada momento integram a categoria geracional; ora, por efeito da variação etária desses actores, a “geração” está continuamente a ser “preenchida” e “esvaziada” dos seus elementos constitutivos concretos. A geração é o que permanece, como categoria estrutural, sendo prioritariamente definida por factores igualmente estruturais: a estabilidade e a mudança demográfica; [...] o envolvimento nas relações de produção e de consumo etc. Esta perspectiva estruturalista tende a privilegiar na análise as relações intergeracionais e a secundarizar as relações intrageracionais e os aspectos culturais e simbólicos da infância. (SARMENTO, 2005, p. 364-365, grifos do autor).

Desse modo, o autor tematiza a geração a partir da perspectiva de uma variável dependente de aspectos estruturais e pelos efeitos estruturantes exercidos pelas ações das crianças como atores sociais que estão no mundo e dividem os mesmos espaços com os adultos, mas principalmente é analisada a partir de uma abordagem que permeiam as relações intrageracionais com a geração adulta, bem como a relação interna do tipo intrageracional em que a infância (também) se (auto) constitui (SARMENTO, 2005).

Temos aqui duas perspectivas importantes no âmbito da sociologia da infância: a infância como categoria geracional do tipo estrutural e a infância como o conjunto de valores, experiências e práticas sociais construídas pelas crianças nas relações intrageracionais. A ênfase desta pesquisa recai em assumir esta última miragem abordada, em que as crianças, a partir das experiências com os adultos, constroem valores, modos de ser e agir, além de se posicionarem na cultura. Esses fenômenos acontecem quando as interações com os mais velhos são estabelecidas no ambiente social em que convivem.

Qvortrup (2010) também compartilha da mesma ideia que Sarmiento apresenta. Para ele, um exemplo interessante e importante a respeito das mudanças nas relações intergeracionais pode ser extraído dos desenvolvimentos demográficos, isto é, desenvolvimentos em que as crianças não podem ser causadoras, mas que, contudo, provocaram impacto sobre elas. Assim, os fatores responsáveis por isso (mudanças demográficas) são todos os que influenciam a infância, como, a título de ilustração, crescimento econômico, industrialização, urbanização, aumento na qualidade da saúde,

secularização, individualização, educação, privatização da família, inclusive a migração de pessoas e outros. Como reflexo desses processos (resultado), a infância tem se tornado menor, tanto em nível familiar quanto social.

Nesse contexto, Sarmento (2005, p. 366) corrobora com a seguinte afirmação:

A geração da infância está, por consequência, num processo contínuo de mudança, não apenas pela entrada e saída dos seus actores concretos, mas por efeito conjugado das acções internas e externas dos factores que a constroem e das dimensões de que se compõe.

O autor discorre sobre essa questão e várias outras, dando ênfase às relações intra e intergeracionais historicizadas ao longo do percurso temporal. Portanto, o conceito de geração não só nos permite distinguir o que separa e o que une, nas dimensões e esferas estrutural e simbólico, as crianças dos adultos, como as variações dinâmicas que nas relações entre crianças e entre crianças e adultos vão sendo historicamente produzidas e elaboradas. Segundo Sarmento (2005), são as mútuas implicações da infância como grupo de idade nas sucessivas infâncias historicamente datadas e suas relações com os adultos (eles próprios definíveis pelo estatuto histórico contemporâneo e pelas formas históricas de adultez que se foram fazendo, refazendo e consolidando) que se inscrevem no projeto científico da sociologia da infância.

Sarmento (2009) analisa o contraponto proposto por Corsaro sobre a tese da reprodução interpretativa, que reforça a ideia de que as crianças, a partir das relações estabelecidas com os adultos, recebem continuamente estímulos para a integração social. Deste modo, o autor argumenta:

[...] não são apenas os adultos que intervêm junto das crianças, mas as crianças também intervêm junto dos adultos, As crianças não recebem apenas uma cultura constituída que lhes atribui um lugar e papéis sociais, mas operam transformações nessa cultura, seja sob a forma como a interpretam e integram, seja nos efeitos que nela produzem, a partir das suas próprias práticas [...]. (SARMENTO, 2009, p. 29).

Em suma, compreendemos, a partir dos estudos dos autores do campo da sociologia da infância, que as crianças diante de um panorama sociológico têm sinalizado a presença dessas variações intrageracionais, o que refuta uma concepção uniformizada da infância. Por isso, afirma Sarmento (2005), a sociologia da infância costuma fazer, contra a orientação aglutinante do senso comum, uma distinção semântica e conceptual entre infância, para significar a categoria social do tipo geracional, e criança, referente ao sujeito concreto que

integra essa categoria geracional e que, na sua existência, para além da pertença a um grupo etário próprio, é sempre um ator social que pertence a uma classe social, a um gênero, e assim por diante.

Para finalizar este tópico, é importante trazermos à tona o fato de que a inclusão do conceito de geração na análise das relações sociais contemporâneas, como elucida Sarmiento (2005), parece ser uma indisfarçável necessidade. Isto se dá não apenas porque os processos de estratificação social têm uma dimensão (também) geracional, mas também porque as relações intergeracionais têm constituído um aspecto vital da mudança social.

Portanto, antes de partir para o próximo capítulo, assumimos aqui a responsabilidade de tratarmos de crianças, com as crianças, no aspecto de não considerar apenas as gerações mais novas, mas considerar, também, a sociedade na sua multiplicidade, e como argumenta Sarmiento (2005), contemplar onde as crianças nascem, se constituem como sujeitos e se afirmam como atores sociais, na sua diversidade e na sua alteridade.

A seguir, apresentamos o percurso metodológico da pesquisa de campo, tendo como base os princípios de Mikhail Bakhtin, em que os diálogos das crianças e adultos ganham vida.

4 O PERCURSO DA PESQUISA: QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

*Claro, são necessárias - embora não fundamentais -
as coisas que chamamos materiais:
- retalhos, sobras de lã, paina ou palha picada para encher o corpo,
um par de agulhas, linha branca e preta.
Eis aí o necessário, o material estritamente necessário
para fazer-se - como se deve fazer - uma bruxinha de pano.*

*É preciso mais:
que haja uma herança intemporal de rugas e trabalhos
nas mãos que fazem uma bruxinha de pano.
Que essas mãos venham de outras mãos
hábeis para fazer o pão, mansas para a ternura e para a reza.*

*Não, não vos arrisqueis a fazer uma bruxinha de pano
se não tiverdes alma para fazer uma bruxinha de pano.*

*Melhor fareis se comprardes uma boneca de material sintético,
dessas que fazem aos milhares
nas fábricas multinacionais de brinquedos de plástico.
Dessas bonecas que choram, que riem, que andam e que falam,
tão aparentemente iguais a nós, humanos,
com traços de criança copiados tão perfeitamente
que nem parecem bonecas.*

*Parecem na verdade, o que talvez sejamos um dia em nossos netos –
criaturas feitas em série, filhas de provetas,
programadas por um computador que terá outro nome
que não o nome de Deus.
Ou quem sabe se até nome de Deus,
se os homens forem tão loucos em si
para chegarem tão longe de si, tão distante de Deus.
(do poema “De como fazer uma bruxinha de pano - e alguns
considerandos”, autoria de Apparício Silva Rillo).*

Este capítulo visa apresentar e discutir o percurso metodológico da pesquisa, bem como alguns conceitos importantes que se tornam pilares imprescindíveis utilizados aqui para analisar os dados à luz do referencial da teoria da enunciação de Mikhail Bakhtin. Contudo, primeiramente, são apresentadas, a partir do delineamento científico, as descrições metodológicas da pesquisa de campo, sua natureza de investigação, os sujeitos, os contextos e os recursos adotados para compor seu cenário.

Pesquisar as crianças no mundo contemporâneo implica em analisar, também, as facetas e os episódios que elas trazem à tona quando estão inseridas nos contextos de observação aqui delineados – CTGs. Os modos como se comportam perante os adultos, nos grupos entre os pares, nos momentos em que dialogam entre si e com o pesquisador, além dos

discursos que brotam em suas brincadeiras, são os vieses que constituem a pesquisa e passam a ganhar vida neste trabalho. Por essa e por outras razões, estes merecem ser analisados de modo peculiar e crítico.

Como o aspecto social, que se processa entre os sujeitos, se caracteriza como uma das bases que alicerçam este trabalho, sobretudo os que temos visto na cultura gaúcha, proponho e convido o leitor a compreender, para depois refletirmos, sobre os “estabelecidos-outsiders”, termo cunhado por Norbert Elias e Scotson (2000). O autor se apropria dessa terminologia para definir como entende esse fenômeno. Elias argumenta que a descrição de uma comunidade da periferia urbana mostra uma evidente divisão, em seu interior, entre um grupo estabelecido desde longa data e um grupo mais novo de residentes, cujos sujeitos eram tratados pelos primeiros como outsiders. Destaca Elias (2000) que o grupo estabelecido cerrava fileiras contra eles e os estigmatizava, de maneira geral, como pessoas de menor valor humano. Esse grupo considerava, ainda, que lhes faltava a virtude humana superior, ou seja, o carisma grupal distintivo, fator que o grupo dominante atribuía a si mesmo desconsiderando os atributos/características do outro.

Na esteira dessas reflexões, Elias e Scotson (2000) aponta outras questões que se entrecruzam, pois, embora possa variar muito a natureza das fontes de poder em que se fundamentam a superioridade social e o sentimento de superioridade humana do grupo estabelecido em relação a um grupo de fora, a própria figuração estabelecidos-outsiders mostra que, nesse caso, em muitos contextos diferentes, há características comuns e constantes. Desse modo, torna-se acessível entender que o conceito de uma relação entre estabelecidos e outsiders veio preencher, em nosso aparato conceitual, uma lacuna que nos impedia de perceber a unidade estrutural comum e as variações desse tipo de relação, bem como de explicá-las. (ELIAS e SCOTSON, 2000).

As terminologias trazidas por Elias e Scotson (2000) têm auxiliado, e muito, no processo de pesquisa. Elas têm permitido, também, articular e direcionar a investigação para uma metodologia mais apropriada e que contemple o universo sobre o qual me proponho a debruçar-me, isto é, as “tensões e conflitos”, existentes na cultura gaúcha, que crianças e adultos trazem à tona, que se fazem presentes na relação entre grupos que a constituem.

4.1 Estratégias metodológicas de investigação: tipo de pesquisa, sujeitos, contextos, estratégias e recursos metodológicos

O cenário que enriquece a pesquisa de campo são dois contextos, ambos denominados CTG (Centro de Tradições Gaúchas). Pesquisar em espaços como esses, dos quais pessoas de diferentes idades e classes sociais participam, é um grande desafio. Para isso, algumas estratégias foram adotadas a fim de atender aos anseios e expectativas que a presente pesquisa apresenta.

Como um dos instrumentos/recursos metodológicos, temos as entrevistas semi estruturadas, realizadas no contexto dos CTGs. O roteiro foi elaborado pelo pesquisador e aplicado pelo mesmo, tomando cuidado para não afetar e interferir nas respostas e nos diálogos, de modo a influenciar/induzir a eventuais respostas. Além disso, as conversas em formas de entrevistas são registradas por meio de gravador de voz, ferramenta utilizada como suporte crucial durante as inserções em campo.

As entrevistas⁷ foram realizadas com crianças e adultos que participam dos encontros nos CTGs. As crianças, sujeitos também protagonistas deste processo investigativo, são os (as) filhos(as) dos gaúchos em questão. Participaram cinco crianças e seis adultos, que estiveram presentes nos momentos dos diálogos propostos e nas rodas de conversas, concretizadas em dias previamente estabelecidos e agendados.

Os CTGs escolhidos com *loci* de investigação são dois, conforme já mencionado na introdução. Um deles é localizado na cidade de Rondonópolis, Mato Grosso, e o outro em um município vizinho que também mantém encontros em suas tradições gaúchas, Primavera do Leste, outra cidade do interior de Mato Grosso.

Os encontros aconteceram entre os meses de junho de 2013 a março de 2014. No CTG de Primavera, ocorreram nos dias em que aconteciam os ensaios do grupo de danças, às terças-feiras e domingos. Para esta pesquisa, os sujeitos foram convidados a participar, cujo aceite se deu por meio do conhecimento e da assinatura, no caso dos pais das crianças, de um termo de consentimento, autorizando sua participação e a de seus filhos. Convém salientar, ainda, que as crianças concordaram em participar da pesquisa. Isto aconteceu após conversarmos sobre o trabalho (durante visitas nos próprios CTGs), bem como sobre temas que seriam explorados nos diálogos com elas.

⁷ O roteiro da entrevista encontra-se no apêndice “A” do trabalho.

O critério utilizado para a escolha desses dois contextos semelhantes (CTG de Rondonópolis e de Primavera do Leste) é o fato de que o CTG “Saudades da Querência”, de Rondonópolis, no período em que a pesquisa foi realizada, não contava com um departamento artístico atuante, enquanto o CTG “Querência Distante”, de Primavera do Leste, está estruturado nesse sentido, além da proximidade e bom relacionamento com a patronagem (diretoria) da entidade no município vizinho.

Figura 12 – Fachada do CTG Querência Distante – Primavera do Leste/MT



Fonte: Arquivo pessoal (2014)

O público escolhido para participar da pesquisa – os adultos e as crianças – foi selecionado em razão da viabilidade de verificar os embates existentes e as tradições que se mantêm, os aspectos culturais que atravessam as relações que estes estabelecem.

Quanto às idades dos adultos, estes têm entre 33 a 77 anos e a formação vai de primário incompleto à graduação no ensino superior. No caso das crianças, alguns são gaúchos natos, outros nasceram nos municípios de Rondonópolis e Primavera do Leste, e possuem entre 8 e 13 anos. Na sequência, a descrição individual dos sujeitos da pesquisa⁸.

A senhora Edicléia, 33 anos, nasceu no Rio Grande do Sul (Porto Alegre), está cursando o ensino superior. Trabalha como desenhista de móveis, participa de CTGs desde os 5 anos de idade, é casada e tem 2 filhos, Júlia e Júnior que também participam da pesquisa.

⁸ É importante mencionar aqui que o uso das imagens dos sujeitos na dissertação se deu em função de suas autorizações.

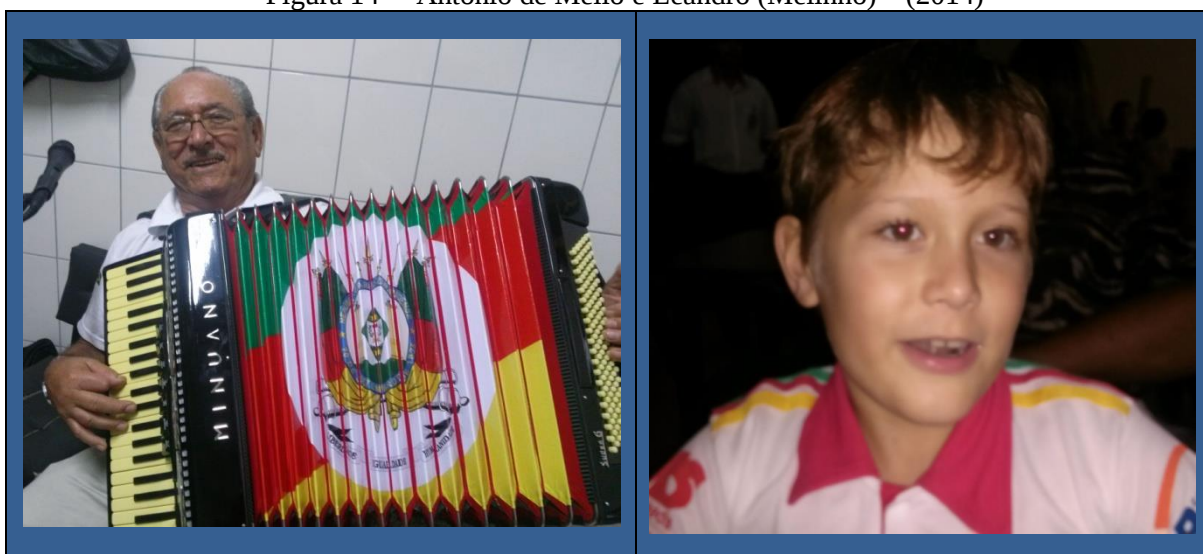
Sua filha Júlia tem 13 anos, nasceu no Mato Grosso (Primavera do Leste), está cursando a 8ª série e participa de CTGs desde os 3 anos de idade. Da mesma família, o menino Júnior tem 11 anos, nasceu no Mato Grosso (Primavera do Leste), está cursando a 6ª série e frequenta o CTG há 2 anos.

Figura 13 – Júnior, Edicléia e Júlia (2014)



O senhor Antonio de Mello (Mello), 77 anos, nasceu no Rio Grande do Sul (Vicente Dutra) e possui o ensino fundamental incompleto, é casado, tem seis filhos e é avô de Leandro (Melinho) que também participa da pesquisa. É agropecuarista e desde o ano de 1957 integra o movimento tradicionalista. O seu neto, Melinho, de 8 anos, nasceu em Primavera do Leste (MT), está cursando o ensino fundamental e participa do CTG desde o ano de 2012.

Figura 14 – Antonio de Mello e Leandro (Melinho) – (2014)



A senhora Luciana, 33 anos, nasceu no Mato Grosso (Paranatinga), possui o ensino fundamental completo, é casada, mãe de 3 filhos e se dedica ao lar. Participa de CTGs desde os 8 anos de idade. Seu filho, Igor, tem 13 anos, nasceu na cidade de Primavera do Leste MT), está cursando o ensino fundamental e no ano de 2009 começou a participar do CTG Querência Distante.

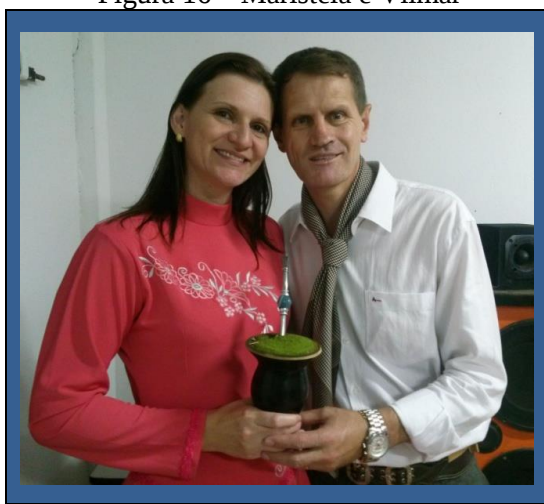
Figura 15 – Luciana e Igor



Fonte: arquivo pessoal (2014).

O casal Vilmar e Maristela tem 2 filhos e participaram somente da entrevista em grupo, a convite da senhora Luciana, tendo em vista a ausência da senhora Edicléia na ocasião. Ele tem 47 anos de idade, nasceu em Santa Catarina (Jupia), possui o ensino superior completo, é corretor de seguros e participa de CTGs desde 1996. Sua esposa, Maristela, 37 anos, nasceu no Rio Grande do Sul (Santo Angelo), possui o ensino superior completo, também é corretora de seguros e participa do movimento tradicionalista desde o ano de 1983.

Figura 16 – Maristela e Vilmar



Fonte: arquivo pessoal (2014)

O senhor Sadi, 65 anos, nasceu no Rio Grande do Sul (Cacique Doble). Fez curso técnico em contabilidade, casado, tem duas filhas e é pai de Giovana, que também participa desta pesquisa. É comerciante e associado do CTG Saudades da Querência, de Rondonópolis/MT. A menina Giovana, tem 10 anos, nasceu em Rondonópolis (MT), está cursando o ensino fundamental e participa do CTG desde os 5 anos de idade.

Figura 17 – Giovana e Sadi



Fonte: arquivo pessoal (2013)

As entrevistas aconteceram da seguinte maneira: primeiramente, foi realizada com os adultos e, posteriormente, com as crianças. Em um segundo momento, no CTG de Primavera do Leste, aconteceu uma roda de conversa, em que meninos, meninas, pais, mães e avô, que estiveram presentes, tiveram a oportunidade de manifestar-se sobre os assuntos relacionados ao tradicionalismo gaúcho. O tempo médio de duração de cada entrevista individual foi de pouco mais de 10 minutos, enquanto a roda de conversa durou em torno de 30 minutos.

Esta pesquisa encontra-se alicerçada numa abordagem essencialmente qualitativa. De acordo com Bogdan e Biklen (1994), trabalhos de natureza qualitativa apresentam cinco características que podem ou não aparecer claramente na investigação, tais como: a investigação qualitativa como fonte direta de dados, caracterizada como o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal; a investigação qualitativa é descritiva; os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos; os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva; e por fim, o significado como importância vital na abordagem qualitativa.

As características apontadas pelos autores são de extrema importância para o delineamento das questões a serem observadas no campo da investigação. Ainda os mesmos autores, ao tratarem do objetivo da investigação qualitativa, ponderam:

O objectivo dos investigadores qualitativos é o de melhor compreender o comportamento e experiência humanos. Tentam compreender o processo mediante o qual as pessoas constroem significados e descrever em que consistem estes mesmos significados. Recorrem à observação empírica por considerarem que é em função de instâncias concretas do comportamento humano que se pode refletir com maior clareza e profundidade sobre a condição humana. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 70).

Tendo em vista as considerações dos autores, este trabalho, em que nos debruçamos em pesquisar com crianças e adultos, busca compreender os significados que cada sujeito atribui às questões que envolvem a cultura gaúcha no contexto dos CTGs.

Por outro lado, Flick (2004) relata que, de modo diferente da pesquisa quantitativa, os métodos qualitativos consideram a comunicação do pesquisador com o campo e seus membros como algo explícito na produção de conhecimento, ao invés de excluí-la ao máximo como uma variável intermédia. Sendo assim, as subjetividades do pesquisador e daqueles que participam da pesquisa se tornam parte do processo de pesquisa, possíveis de serem observadas nas interações estabelecidas entre pesquisador, crianças e adultos nos CTGs. Para Flick (2004, p. 22), “as reflexões dos pesquisadores sobre suas ações e observações no campo,

suas impressões, irritações, sentimentos, e assim por diante, tornam-se dados em si mesmos, constituindo parte da interpretação, sendo documentadas em diários de pesquisa ou em protocolos de contexto”.

De acordo com a perspectiva da antropologia social sobre a pesquisa de campo, temos como relevantes as considerações de Da Matta (1987), que nos aponta caminhos práticos e teóricos pelos quais possamos refletir sobre a realidade social e cultural, destacando a posição do investigador. Na pesquisa de campo, Da Matta (1987) sinaliza alguns aspectos de seu plano existencial. O antropólogo questiona e faz indagações que nos possibilitam refletir sobre o ato de pesquisar, ao indagar, por exemplo: como é possível observar tranquilo e friamente certo fenômeno humano, se não nos relacionarmos intensamente com ele? Isso implica numa questão de aproximação direta com os sujeitos e o ambiente da pesquisa, pois, para Da Matta (1987), não é possível que o pesquisador consiga captar uma realidade social se não se colocar diante dela como um semelhante. Na condição de pesquisador adulto, a profunda relação de interação com as crianças torna-se imprescindível durante o processo de pesquisa.

A pesquisa qualitativa, portanto, não se baseia em um conceito teórico e metodológico unificado. São várias as abordagens teóricas e seus métodos que caracterizam as discussões e a prática da pesquisa. Os pontos de vista subjetivos são um primeiro ponto de partida. Contudo, essa variedade de abordagens distintas, analisa Flick (2004), é resultado de diferentes linhas de desenvolvimento na história da pesquisa qualitativa, cuja evolução deu-se, até certo ponto, de forma paralela, e, em parte, de forma sequencial.

4.2 A abordagem teórico-metodológica: os conceitos de enunciação, dialogismo e alteridade em Bakhtin

Na perspectiva de Salgado (2005), ao ter como base os estudos de Bakhtin (1992), a consciência humana se constitui imersa no dialogismo, principalmente numa relação de alteridade com os discursos alheios. São as palavras do outro que dão forma ao eu. Desde a mais tenra infância, tudo o que sabemos de nós, ou pelo menos pensamos que sabemos, assim como a percepção do nosso corpo e de nossos estados internos vêm do outro. Desse modo, a vida interna começa e mantém-se aberta a algo que podemos denominar de exterioridade, constituindo-se a partir de um processo de assimilações e escolhas dos discursos que circulam na cultura.

Trazemos essas reflexões para afirmar que, além do dialogismo e da alteridade, a exotopia também se caracteriza como um fenômeno que diz respeito à constituição da identidade humana imersa na relação de alteridade entre o eu e o outro. No contexto do tradicionalismo gaúcho, por exemplo, há uma relação de alteridade entre adultos e crianças que se funda a partir de uma exotopia que representa o excedente da visão humana e também caracteriza a relação estabelecida entre o eu e o outro, de uma consciência que transcende o eu.

Esse olhar que vem de um outro lugar diz respeito à exotopia, movimento instaurado pela relação alteritária entre subjetividades e discursos. Nessa relação, o outro se posiciona sempre como aquele que olha, contempla e interpreta de fora, partindo de uma posição que só ele, por estar em outro lugar, pode ocupar (SALGADO, 2005).

4.2.1 O dialogismo no pensamento bakhtiniano

É corrente nos meios acadêmicos que a língua é um elemento de comunicação e interação e em seu uso real, portanto, tem a propriedade de ser dialógica. Para Bakhtin, não são as unidades da língua que são dialógicas, mas os enunciados, que, por sua vez, são unidades reais da comunicação verbal. Os enunciados não se repetem em virtude de serem acontecimentos únicos, frutos de situações únicas que geram uma apreciação, uma entonação própria, deste modo, única.

Têm um destinatário, ao passo que as unidades da língua não são dirigidas a ninguém. Quando a palavra é assinada por alguém e ganha um contorno específico, ela se converte em enunciado e, portanto, passa a ser dirigida a outra pessoa. As unidades da língua são neutras, enquanto os enunciados permeiam emoções, paixões, juízos de valor. Os enunciados estão imbuídos de sentidos, que são sempre de ordem dialógica.

Percebe-se então que todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos. Neles, existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada inexoravelmente pela palavra do outro; é sempre e inevitavelmente também a palavra do outro. O enunciador, para construir um discurso, leva em conta os discursos de outro(s), que, desse modo, estão presentes no seu próprio discurso. Assim sendo, todo discurso é atravessado pelo discurso alheio. Portanto, nenhum discurso é só meu e sempre tem presente a voz do outro. Decorre dessa linha de pensamento que o dialogismo se configura pelas relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados. Jobim e Souza (1994, p. 100) aborda o conceito de dialogismo da seguinte forma:

[...] as relações dialógicas são relações de sentido, quer seja entre os enunciados de um diálogo real e específico, quer seja no âmbito mais amplo do discurso das idéias criadas por vários autores ao longo do tempo e em espaços distintos.

Todo discurso que trate de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam. Assim, não há nenhum objeto que não apareça cercado, envolto, embebido em discursos. Toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se e está rodeado por elas; um discurso faz-se a partir do outro (pais/filhos).

O enunciado baseia-se em outros ditos anteriormente, pois cada vez que se produz um enunciado o que se processa é a participação em um diálogo com outros discursos. O que é constitutivo do enunciado é a sua não existência fora das relações dialógicas. Nele estão sempre presentes ecos e lembranças de outros enunciados, com os quais ele conta, que ele refuta, confirma, completa, pressupõe e assim por diante.

Portanto, toda e qualquer pesquisa ou discurso não tem o caráter retórico de ineditismo pelo fato de ser permeado de conhecimentos já estabelecidos. Se um cientista anunciar o descobrimento de um novo planeta ou um novo sistema, o fato inédito será parcial, pois, para chegar a esse ponto, serviu-se de conhecimentos, tecnologias e informações já existentes e, por conseguinte, do outro. Diante destas constatações, conclui-se que o ineditismo, na plena acepção da palavra, pertence ao Adão mítico (BAKHTIN, 1992). Para ele, não é possível a existência dessa figura mítica, ou seja, aquele que desvirgina o mundo com a palavra, nunca dita antes.

4.2.2 Bakhtin e a pesquisa em ciências humanas e sociais

De acordo com a visão de Bakhtin, toda e qualquer produção de conhecimento no campo das ciências humanas, como é o caso da educação, constitui-se em uma tensão permanente entre o eu e o outro, buscando um entendimento responsivo, em cujo processo tanto o pesquisador quanto seus interlocutores interagem constantemente. Desse modo, a entrevista revela-se como instrumento em que claramente afloram essas tensões. Partindo do pressuposto do diálogo, da interação entre o entrevistador e o entrevistado, através das perguntas e respostas, essas tensões se revelam, especialmente, quando entram em cena juízos de valores. Quando um dos sujeitos da entrevista, na condição de entrevistado(a), é criança, como é o que se apresenta nesta pesquisa, impõe-se uma constante negociação de sentidos. Sobre isto, Salgado, Pereira e Jobim e Souza (2009) apontam para a seguinte análise:

Assim, a entrevista com crianças no âmbito da pesquisa pode ser vista também como uma espécie particular de acontecimento na vida, onde a compreensão dos temas em pauta se dá a partir de confrontos de ideias, negociação de sentidos possíveis de serem apresentados. Por isso, Bakhtin admite ser impossível qualquer compreensão sem julgamento de valor. Para ele não se pode separar compreensão e avaliação, pois se trata de momentos simultâneos de um ato único: “o sujeito da compreensão não pode excluir a possibilidade de mudança e até de renúncia aos seus pontos de vista e posições já prontos. No ato de compreensão desenvolve-se uma luta cujo resultado é a mudança mútua e o enriquecimento” (Bakhtin, 2003, p. 378). E acrescenta: O sentido é potencialmente infinito, mas pode atualizar-se somente em contato com outro sentido (do outro), ainda que seja com uma pergunta do discurso interior do sujeito da compreensão. (2009, p.1023).

Constata-se que, diferentemente do que se possa pensar, a condição do entrevistado(a) ser criança não implica em que o entrevistador não esteja sujeito a mudanças de concepção ou de entendimento. A permuta que ocorre na entrevista, sob a ótica bakhtiniana, produz uma mudança mútua, em maior ou menor grau, sem entrar no mérito de ser positiva ou negativa. Portanto, o dialogismo é:

[...] a base da constituição do sujeito e do conhecimento no campo das ciências humanas. Desse modo, não há um único ser humano cuja condição de humanidade não advenha da sua interlocução com os demais, dado que seu nascimento é dotado de significados antecipadamente atribuídos e que toda sua existência será marcada pelo modo como dará continuidade a essa interlocução (SALGADO; PEREIRA; JOBIM E SOUZA, 2009, p.1022-1023).

Em suma, pode-se afirmar que a contribuição de Bakhtin para a pesquisa em ciências humanas é extremamente relevante. Seus estudos, relativamente novos, enveredam por outros, costurando ou preenchendo lacunas existentes, atribuindo sentidos que se constituem no campo das linguagens.

A alteridade é outro conceito de peso que Bakhtin traz em suas análises, conceito este que carrega a marca do “outro”, o fato de “se colocar no lugar do outro”, que, em muitos momentos, pode ser o próprio “eu”. O princípio de alteridade é definido fortemente pelo aspecto do “como eu vejo o outro e como o outro me vê”. Os termos dialogismo e alteridade, definidos e conceituados por Bakhtin (1992; 1998), nos são importantes porque permitem compreender as narrativas, interpretá-las e ver a partir daquilo que o outro revela, “como eu vejo o outro” (alteridade).

A seguir, apresentamos o quinto capítulo do trabalho, que traz os elementos da pesquisa de campo, que nos permitem costurar e amarrar com os conteúdos teóricos que

abordamos até então. Nele, os discursos das crianças e dos adultos ganham vida a partir dos diálogos vividos no decorrer da inserção no campo.

5 CRIANÇAS E ADULTOS EM CENTROS DE TRADIÇÕES GAÚCHAS: O QUE DIZEM, PENSAM E VALORAM

Este capítulo discute e analisa os discursos construídos entre crianças, adultos e pesquisador no decorrer do processo investigativo. Para isso, elegemos alguns eixos de análise: o tradicionalismo que os adultos carregam; os discursos dos adultos que permeiam os discursos das crianças; os modos como as crianças reproduzem, indagam, problematizam e contestam a sua cultura a partir da relação com os familiares adultos e modificam o que aprendem nos CTGs.

Os encontros realizados nos CTGs permitem captar preciosidades nos diálogos instaurados a partir do que apresentamos como objetivos desta pesquisa. Nos diálogos a seguir, utilizamos os nomes para identificar os sujeitos e o pesquisador (Ramon). Desse modo, primeiramente, trazemos os discursos das crianças sobre os temas e assuntos que circulam dentro dos CTGs, em que a cultura gaúcha e suas tradições são os motes mais discutidos. Em seguida, são apresentados os diálogos com os adultos, de modo a compreender o que dizem e pensam sobre os mesmos temas abordados pelas crianças.

Logo, os diálogos escolhidos para procedermos às análises no processo de investigação são os que julgamos mais pertinentes. A partir dos dois tópicos apresentados, em que destacamos as conversas de crianças e adultos, propomos construir reflexões alicerçadas nos modos como cada geracional – crianças e adultos – interpretam o movimento tradicionalista gaúcho. Portanto, este capítulo pretende discutir e analisar os discursos produzidos na relação entre o pesquisador com as crianças e com os adultos, no decorrer do processo investigativo.

5.1 Os discursos das crianças e a cultura gaúcha

*Vou estudar e crescer
Amanhã vou ser doutor
Mas sempre vou ter amor
Ao chão que me viu nascer
Gaúcho, eu hei de morrer
Pois nasci predestinado
E se não estou enganado
O pago já renasceu
Porque tem miles como eu
Em cada canto do estado [...]
Eu sou o Rio Grande novo
Mas amo o Rio Grande antigo*

*E por ele eu até brigo
 Para honrar o nosso povo
 Sou pinto que sai do ovo
 Já sabendo aonde vai
 Peleia, firme e não cai
 Por honrar a tradição
Eu sou a continuação
 Do meu avô e do meu pai. (Recorte do poema “Piá” de Antonio Augusto Fagundes).*

A epígrafe revela a intencionalidade implícita no gauchismo, de que a criança é a garantia da continuação do movimento e do estilo de vida proposto. O poema é escrito por um adulto que induz ao pensamento de que as crianças expressam esse desejo. As entrevistas nos ajudarão a entender melhor esta “verdade” preconizada pelo tradicionalismo.

O diálogo com Igor (13 anos) revela alguns pontos a serem analisados, que nos permitem compreender como os elementos que fazem parte da cultura de sua família, no caso de seus pais, também atravessam suas relações na atualidade.

Ramon – E você vem sempre, frequente aqui que você vem ou é só nos dias de ensaio? Como é que é? Você participa aqui de outras coisas aqui também?
Igor – Não, eu só danço. E declamação durante o dia quando tem aula.
Ramon - E o que você mais gosta aqui no CTG?
Igor – O vínculo de amizade.
Ramon – Você falou do vínculo de amizade, por quê? Porque o grupo é semelhante ao seu? Por quê?
Igor – Porque todo mundo se dá bem com todo mundo.
Ramon – E tem alguma coisa que você não gosta no CTG?
Igor – Da fofoca.
Ramon – Da fofoca – risos – por quê
Igor – É bastante
Ramon – É bastante?
Igor – É
Ramon - Mas é entre o pessoal da internada ou entre os adultos?
Igor - Meio geral.
Ramon – Meio geral – risos - Tá bom. E a tua vinda para o CTG é porque você quis ou teus pais te influenciaram?
Igor - Ao princípio meus pais.
Ramon – Ao princípio teus pais, eles que...
Igor – Eles que me trouxeram para cá.
Ramon – Não te preocupa em trazer um conceito... o que é para ti, o que representa para ti a tradição?
Igor - É algo de antigamente que vem sendo realizado até hoje.
Ramon – Mas, que é isso, o que é ser gaúcho?
Igor – Ser gaúcho? É respeitar a tradição e honrar ela?
Ramon – O que você acha então gaúcho, da tradição gaúcha?
Igor – Da tradição gaúcha? É uma tradição bonita, e que as pessoas deveriam conhecer mais.

Ramon – Conhecer melhor, ok. Bom, quando você for adulto você acredita que vai continuar frequentando o CTG?

Igor – Sim

Ramon – Acha que sim, por que você acha que vai continuar?

Igor – Porque eu gosto daqui

Ramon – Gosta daqui, se sente bem?

Igor - Aham

Ramon – Tá bom. E se você for pai futuramente você vai querer que seus filhos também frequentem o CTG?

Igor – Sim

Ramon – Vai querer. Por que tu vai querer?

Igor – Porque causa que acho que eles vão gostar tanto como eu gostei, eu gosto.

Ramon – E a diferença entre o que as meninas e os meninos, os peões e as prendas fazem no CTG? Tem diferença no que fazem aqui dentro?

Igor – Tem e não tem.

Ramon – Tem e não tem, agora fiquei em dúvida o que é que em tem e não tem?

Igor - Eu não sei explicar...

Ramon – Mas tem diferença?

Igor - Tem.

Ramon – As atividades são diferentes para um e para outro, algum tipo de atividade que é diferente.

Igor – Atividade diferente?

Ramon – Sim, que você considere que diferencia o peão e a prenda aqui dentro do CTG.

Igor – Não sei.

Ramon – Não sabe dizer. OK. Você acha que tem espaço para as crianças de modo geral aqui no CTG? Elas têm vez aqui no CTG?

Igor – Têm.

Ramon – Quais seriam esses espaços? Essas oportunidades que as crianças têm aqui dentro?

Igor – Os grupos de dança. Aulas de declamação. Aulas de chula.

Aqui, com esses discursos, há alguns elementos a serem explorados. Por um lado, existe a importância, marcante, atribuída ao vínculo de amizade que as crianças constroem e carregam (por que não os adultos?). Por outro, há a presença forte dos discursos da tradição no discurso da criança (oriundos da relação com os mais velhos), pois há um acatamento aos valores da tradição. Nesse contexto, de encontros e confrontos, aparecem as atividades culturais com as quais as crianças mais se identificam.

A seguir, as palavras de Júlia (13 anos) nos convidam a refletir como o aspecto intergeracional se faz presente nos modos como os conhecimentos e aprendizado são transmitidos às crianças, sobretudo pelos avós, aqueles que exercem verticalmente a transmissão de valores às gerações mais novas.

Ramon – Primeira pergunta: você gosta de participar daqui do CTG?

Júlia – Adoro.

Ramon – Adora (risos). Por quê?

Júlia – Porque sim. É uma tradição que poucos e,...andam nela, ela é muito boa, ela ensina muitas coisas e eu tenho a cultura gaúcha desde muito tempo, está nas veias das minhas avós, assim no CTG eu acho que até a minha vó dançou, eu comecei no CTG com 3 anos.

Ramon - Com 3 anos de idade, que ótimo! E o que você mais gosta do CTG?

Júlia – Da poesia.

Ramon – Da poesia. Por que da poesia?

Júlia – Porque eu comecei a fazer poesia, a primeira vez que eu declamei eu tinha 6 anos e eu ganhei segundo lugar, e depois eu comecei a declamar e eu me interessei pela declamação. Aí, a gente foi para Lucas há pouco tempo e eu ganhei o segundo lugar.

Ramon – Qual é o teu poeta preferido?

Júlia – Tem o Albeni Carmo de Oliveira e o Dimas Costa

Ramon – Dimas Costa tem umas poesias muito boas. Tem alguma coisa que você não gosta aqui no CTG?

Júlia – Não

Ramon – Não tem nada assim que tu não gosta?

Júlia – Não, tudo aqui é bom.

Ramon – É, então, tá bom. Você vem no CTG, tua participação aqui é porque você quis, você que se interessou ou teus pais que começaram a te trazer e te incentivam a vir?

Júlia – Quando comecei quem me trouxe pela primeira vez foi minha avó, a mãe do meu pai. Porque ela participava de muitos tempos. Aí, eu vim e comecei a me interessar, meu irmão já não gostava muito, ele não gostava, ele gostava mais de brincar. Mas eu não, gostava e eu quis continuar, aí eu nunca parei.

Ramon – Sempre deu sequência, tá bom. Mas e aqui olhando assim o CTG, você que já está convivendo há um bom tempo aqui, se é desde os 3 anos, tem alguma coisa que você mudaria?

Júlia – Aí, agora, assim

Ramon – Não te vem nada, nada

Júlia - Não. Eu gosto do jeito que tá, para mim eu não mudaria nada.

Ramon – E o que você entende ou o que você acha da tradição gaúcha?

Júlia – Eu acho uma boa tradição e é a melhor tradição que existe.

Mais adiante, Giovana (9 anos) elucida sobre seus gostos, preferências, a partir da maneira como convive com a família, entretanto, revela algo interessante ao se rebelar contra os processos da cultura quando estiver na fase adulta, em que destaca não dar tanta importância em continuar seguindo a tradição gaúcha, como os discursos a seguir apresentam:

Ramon: O que você entende/acha do gaúcho?

Giovana: Ser gaúcho é um tradição que vocês gostam de ser gaúcho....é uma coisa que vocês gostam de ser e ninguém pode tirar isso de vocês...

Ramon: Você disse vocês, então tu não gosta?

Giovana: ah eu gosto sim, por causa que a minha mãe gosta das coisa lá do CTG, ela é gaúcha... não minha mãe é mais ou menos, meu pai é mais gaúcho, daí eu pego assim, eu pego a mania deles..., porque eu vou lá...

Com esses excertos, é possível analisar como a criança, no caso a menina, não se inclui no grupo dos gaúchos. Isto se dá, provavelmente, em razão de que sua participação no CTG seja decorrente do envolvimento dos pais e não de sua própria iniciativa. Nesse caso, compreendemos que a criança carrega uma forte influência por parte dos pais, por isso, palavras, como “eles”, “vocês”, se fazem presentes em seus discursos quando ela se refere aos outros.

Ramon: Quando você está lá com eles que mais te chama atenção?

Giovana: ...No dia dos bailes me chama atenção das danças, das músicas e eu fico prestando atenção... meu pai e minha mãe dançando... eu vejo os defeitos...

Ramon : Você corrige eles?

Giovana : Quando chegam na mesa eu digo: - Mãe você fez isso, isso e isso.

Ramon : Quando você for adulta, continuará indo no CTG?

Giovana : Olha, eu acho que não...

Ramon : Por quê?

Giovana : Olha. Assim... é que eu vou me esquecer um pouco do CTG, aí praticamente eu vou viver a minha vida... eu quero ser médica... eu quero seguir essa profissão. Eu quero largar de tudo e seguir essa profissão e ser uma médica profissional...

Ramon : Então, não vai dar pra fazer a duas coisas?

Giovana : Mas às vezes vai dar um pouquinho

Ramon : Você frequenta outros clubes?

Giovana : Não, só o CTG.

Ramon : Quando você tiver filhos vai querer levar eles no CTG?

Giovana : Claro....

Ramon : Por quê?

Giovana : Porque eu quero que eles fiquem curiosos e vejam aquelas músicas, aquelas danças, que eles sejam igual eu ...daí eu falo pra eles - quando eu era pequena...

Com esse argumento apresentado, é possível verificarmos a importância de deixar, no caso do adulto, sua história viva para os filhos, isto é, para as próximas gerações. Outros importantes vieses a serem analisados são a relativização da suposta natureza gaúcha e as tensões entre o escape da descendência - “seguir a minha vida” – e manter viva a tradição para os filhos, como observamos no diálogo apresentado.

Com esses excertos, pretende-se discutir e analisar os dados a partir da teoria bakhtiniana, apropriando-se da abordagem da análise do discurso, pautando-se nos princípios de dialogismo e alteridade.

No próximo tópico, os discursos dos adultos ganham destaque, em que pais, mães e avós discutem seus pensamentos e ideias a partir dos princípios que carregam em seus valores da tradição gaúcha.

5.2 Nos diálogos com os adultos, o tradicionalismo na cultura gaúcha

*Por isso que há de ficar
Pra cada um que virá
O amor por estes campos
Que a gente sempre terá...
Pois tem um fato que creio
E rezo sempre pra Deus.
- Quem tem o campo no sangue
Passa esse sangue pra os seus!
("Cuidando o campo". GUJO TEIXEIRA, 2001, p.25).*

Nos diálogos com Edicléia (33 anos), mãe das crianças, Júnior e Júlia, ela nos apresenta algumas concepções e crenças que permeiam sua vida, visíveis em seus discursos:

Ramon – Ok, e você acha importante então que eles participem aqui?

Edicléia – Sim, acho.

Ramon – Por que que é importante?

Edicléia – Eu vivi dentro disso, né? Hoje assim acho que meu pai e minha mãe se orgulham do que eu sou, no estilo que me criou, então, eu quero para meus filhos a mesma vivência que eu tive, que é educação, respeito e sempre andar pelas linhas certas, né?

Ramon – OK, antes de trazer eles para cá, né? Você perguntou pra eles se eles queriam ou você começou a trazer?

Edicléia – Acho que eles nem tinham como responder porque quase que nasceram dentro do CTG

Ramon – desde muito pequenos

Edicléia – A Julia começou a dançar aqui tinha 3 aninhos, o Juninho começou a dançar com 4 e depois ele não quis. Aí, eu não forcei, ele participava, só não dançava.

Ramon – Ah ele teve um período que ele não quis mais

Edicléia – Não quis dançar.

Ramon – E aí, a partir do que ele não quis, você não forçou nada, deixou à vontade

Edicléia – Não forcei nada, mas ele continuou vindo, porque a irmã dele dançava e ele vive aqui dentro, né? Então... mas aí com 6 aninhos ele quis voltar de novo.

Ramon – Resolveu por conta voltar

Edicléia – É por conta própria.

Ramon – Você acha que tem alguma coisa que precisaria ser mudada/poderia ser mudada?

Edicléia – No nosso CTG assim na verdade, tem muita coisa para ser mudada, mas isso assim é difícil porque é uma entidade, a gente não tem muito lucro então a gente vai levando conforme dá. Aí, falta muita coisa, a gente vai às vezes para os estaduais e vê esses CTGs aí enormes, tudo tendo as coisas... a gente é mais, né?, Tem pouca verba, depende de um baile que a gente faz alguma janta, então, é meio complicado, mas falta muito, centro de diversões...

Ramon – Há centro de diversões

Edicléia – É, essas coisas assim, nosso CTG é mais simples, mas você entende?

Ramon – Você fala mais em termos de estrutura...

Edicléia - É de estrutura eu acho, assim, porque acho que o CTG como qualquer um o que mais preza mesmo é a tradição gaúcha, então todos, acho que tem esse mesmo lema, uns que nem eu te falei, tem alguns que têm mais dinheiro, mais possibilidades, né? No nosso assim não falta nada, mas poderia ser melhor nesses termos, entendeu?

Ramon – O que você entende por ser gaúcho/gaúcha? Porque teus filhos nasceram aqui em Primavera, teoricamente são matogrossenses...

Edicléia – Eu nasci em Primavera, mas eu sou gaúcha. Tem muita gente que tem orgulho de ser gaúcho, eu tenho muito orgulho de ser gaúcha, porque eu gosto dessa tradição, desse negócio de vestido de prenda, chimarrão, churrasco, baile, eu gosto disso, assim eu me orgulho muito de ser gaúcha, eu gosto dessa tradição, eu acho assim: se eu não fosse gaúcha, como muita gente aqui dentro não é gaúcho e vem para cá e gosta da nossa tradição, eu acho que também viria para cá, se eu não fosse gaúcha, porque eu gosto disso aí.

Ramon – E você mudaria alguma coisa nessa tradição? Você olhando assim no tempo de convívio você vê alguma coisa que mudaria na tradição, agora não estou falando no CTG, na estrutura e sim na tradição, você acha que tem alguma coisa que deveria ser mudada? Edicléia - Olha, eu acho que, acho que não para falar a verdade. Não sei nem te falar, não tem coisa que eu não goste da tradição gaúcha, então, não tem.

Assim, é possível verificar que o CTG também se caracteriza como um espaço cultural e civilizatório, à luz das concepções trazidas pela entrevistada. Eis aqui uma perspectiva de um processo civilizador que existe a partir da herança cultural que é transmitida pelas gerações.

A seguir, a entrevista com Luciana (33) traz alguns elementos do tipo, “sem criança, a tradição gaúcha se perde”, como é possível analisar a seguir:

Ramon - Você acha importante então que ele participe? Por que é importante que participe?

Luciana – Olha, os meus pais são gaúchos, eles nunca participaram de CTG, a gente nunca ficou sabendo sobre reuniões essas coisas, aprendi muito aqui dentro, então assim, o que eu percebo é que eu prefiro ele aqui dentro, nem que ele que gosta de ler, agora está aprendendo declamação, que a gente sabe que está aqui dentro que é um ambiente sadio, do que assim na rua, sabe Deus fazendo o quê, então assim do meu ponto de vista seria mais isso, e outra coisa continuar o que a gente não teve oportunidade quando criança, porque depois que meu marido entrou também, ele se arrepende porque que ele não veio, eu não tive essa chance, minha mãe nunca me falou quando eu era criança, eu vim para Primavera quando tinha 9 anos, poderia, né? Eu vim porque minha sogra que deu a ideia, ela deu o empurrão.

Ramon – Bom, já deu uma dica, você não perguntou se ele queria, que era uma pergunta que ia fazer se ele gostaria de vir ou não, você deu uma forçada, né? O que você acha que a criança aprende no CTG?

Luciana – Olha nesses 4 anos que a gente está aqui, bem que nos tivemos um pouco de desastre com o outro professor, mas contando de julho para cá, este novo professor ensinou muita coisa, muita coisa mesmo, mas eu

acho que o básico mesmo é tentar, como eu te falei, continuar, como vou te explicar, dando fase a essa tradição, quem nem estava comentando, se não tiver criança o CTG não vai para frente.

É importante destacarmos aqui essa certeza que a mãe deixa registrada quanto ao fato de sobrevivência da tradição gaúcha. É algo que penetra em suas concepções, pois, segundo a mãe, “se não tiver criança o CTG não vai para frente”. Eis aqui uma questão interessante. Na visão adulta sobre os princípios tradicionalistas, há a necessidade de manter a tradição, ou seja, por meio das crianças é possível ensinar os valores que a tradição carrega. Na sequência, Luciana revela algumas questões quando é interrogada sobre as expectativas que tem com relação à criança no CTG, sobre o que se espera de seus comportamentos nos centros de tradições.

Ramon – O que você espera quando traz uma criança aqui para o CTG?

Luciana – Olha! Primeiramente, eu percebi o seguinte, não falando mal, o homem gaúcho ele é mais, é delicado com a mulher do que o matogrossense, eu não sei o que tem de criação lá no sul diferente a de aqui, então assim eu gostaria muito que o Igor seguisse, como pegar a mão da prenda, como conduzir ela para o salão, você vê assim, a gente que faz parte da invernada, os meninos vêm na mesa pegar as meninas para levar pro salão totalmente diferente do que o motogrossense que sai arrastando a mulher, é muito engraçado, tipo assim, a gente vê que eles tem um jeito mais de conduzir, família, a gente percebe que a maioria é muito família, de assar carne final de semana com os amigos/amigas ali, não é de ir para boate, de essas coisas assim, então eu espero que ele continue aprendendo como conduzir as coisas a não ser uma pessoa grosseira, bruta e conhecimento nunca é demais.

Nessa perspectiva, ao discorrer essas palavras, Luciana nos apresenta algumas relações de gênero que aparecem nas danças e no convívio familiar na comparação entre o homem gaúcho e o homem matogrossense. O que se destaca nessas relações é o cortejo do homem em relação à mulher, aspecto que acentua uma condição de vulnerabilidade da mulher, que é, neste discurso, reforçada pela própria mulher. Nesse sentido, ela deseja que seu filho “continue aprendendo como conduzir as coisas” de um modo que julga ser bom e melhor, e não ser uma pessoa “grosseira e bruta”, como relata.

A mesma mulher completa, ainda, sobre o que gosta ou não no CTG:

Ramon - O que você não gosta no CTG?

Luciana – Olha, hoje, hoje eu posso te dizer que não tem nada, se fosse no outro patrão eu poderia dar resposta, mas hoje para mim, eu peço a Deus que continue assim.

Ramon – no outro mandato era a questão do professor mesmo...

Luciana - O professor e do patrão que também era meio chato.

Ramon – Ahh, ok. Você mudaria alguma coisa dentro do CTG?

Luciana – Eu acho que o chão. O chão está todo estourado. Eu acho assim, que o CTG, **na minha opinião, do jeito que ele foi feito, acho que a gente deveria manter ele, se você começa a mexer demais ele não fica uma coisa antiga, então, eu acho assim que nem eu falei o chão a gente poderia manter o mesmo piso só que fazer um novo, então assim eu acho que não mexer muito, manter ele, mas não mudar.**

Ramon – E além da estrutura em si alguma outra coisa, sei lá a forma como são feitas as coisas aqui, que poderia mudar?

Luciana – Não, do jeito que está sendo conduzido na minha opinião está bom.

Ramon – O que é tradição para ti?

Luciana – Boa pergunta. O que eu te falei, o outro professor não explicava nada, ele vinha dava a aula dele e saía. Este aqui está dando umas reuniões, mas o que eu entendo de tradição é o seguinte, na minha opinião, as crianças participarem da internada, dentro nem que agora que vai ter o concurso de prenda, eu estou estudando com eles nos livros e ali estamos aprendendo milhões de coisas, o chimarrão seria uma tradição gaúcha na minha opinião, fazer um churrasco, nem que ele agora está dando uma aula para ensinar as crianças de como fazer chimarrão, mas é uma resposta meia simples eu particularmente...

O trecho em negrito mostra como a mulher carrega elementos que reforçam a resistência à mudança na tradição, ou seja, “mexer, mas não mudar”. Assim, ao usar o termo “manter ele, mas não mudar”, percebemos como a manutenção e a continuidade da tradição se configuram como valores fundamentais.

Mais adiante, ao questionarmos se ela mudaria alguma coisa na tradição gaúcha, temos o seguinte relato:

Ramon – Tá bom, mas você mudaria alguma coisa na tradição gaúcha? (silêncio) Assim, você olhando assim, você acha que alguma coisa poderia ser diferente, poderia ser mudado?

Luciana – Olha, na minha opinião, se fosse em termos de roupa, eu acho que as meninas elas usam muita roupa aqui em Mato Grosso é muito quente

Ramon – Para o calor daqui...

Luciana - Tem que usar meia calça, a sapatilha fechada, aí vem a bombachinha, a saia de armação, e aquele vestido até aqui, né? (apontando o tornozelo) Não pode mostrar. Então, em termos de roupas, eu acho que a meninas elas são muito pesadas.

Ramon- Necessita adaptação para as condições daqui.

Luciana – Exatamente! Principalmente quando a gente vai, fui em 4 concursos já, eles já estão tensos, nervosos por causa do concurso, aquele calor, aqueles cabelão, e naquela roupa ali, aí, às vezes você fala assim: “Vocês vão dançar as 10 horas da manhã... e 11... e meio-dia.” E você está esperando lá sentado com as crianças esperando as horas e elas suando. Os meninos já são mais folgados, as bombachas frouxonas, não ventila mas é mais frouxa, é só a camisa com o colete aqui, não tem aquela coisa, então, se fosse em termos de roupa, eu tiraria pelo menos a bombacha, a bombachinha delas.

Neste último diálogo travado com Luciana, percebemos que a mudança nas vestimentas indica mudança na tradição.

Pretendemos analisar aqui alguns aspectos, tendo como foco destacar a infância como mecanismo de manter viva a tradição, além disso, aparecem algumas relações de gênero nesse contexto. Outro ponto a ser analisado são as tensões entre a resistência à mudança e a necessidade desta em função do contexto, como, por exemplo, a reforma do salão de festas sem mudar sua estrutura.

Um dos entrevistados, Sadi (62 anos) relata um pouco sobre suas histórias e experiências de vida, coisas da “época dele”, conforme destaca.

Ramon: Você nasceu no Rio Grande do Sul?

Sadi: Cacique Doble, Rio Grande do Sul. Vim com 4 anos para o Paraná

Ramon: Então, você não viveu a tradição no Rio Grande do Sul. Porque você começou a frequentar o CTG

Sadi: Por quê? Naturalmente quem vem do Rio Grande do Sul, natural de lá, já leva uma tradição... desde pequeno, não adianta... começou conhecer com uma certa idade .. vê que a tradição é de lá ...você vai gostando... vai gostando e segue a tradição

Ramon: Seus pais também frequentavam? Ou nunca frequentaram

Sai: Não na minha época eles não gostavam muito.

Ramon: Você começou mesmo a frequentar quando veio aqui para Rondonópolis...

Sadi: É... não. Lá na região de Pato Branco, Coronel Vivida já frequentei muito.

Ramon: Você, quando vai no CTG, leva junto a Giovana, quase sempre...sempre que possível?

Sadi: É, levo sempre... Sempre que eu vou prá lá, levo ela junto... ela gosta muito.

Ramon: Tu estimula ela ir, se te alguma coisa prá ir, você insiste prá ela ir ou deixa ela à vontade prá decidir?

Sadi: Não, ela resolve – “não pai, vamos pro CTG”... Ela gosta

Ramon: Que você espera quando leva ela pro CTG? Tem alguma expectativa assim, em que ela frequente, que ela esteja com vocês lá?

Sadi: Eu tenho uma expectativa boa porque ela é inteligente, é uma menina que gosta, se dá bem com todo mundo dentro do CTG, não tem uma pessoa lá que não goste dela... Nós vamos lá quando dá os bailes nós dançamos eu e ela...eu e ela. Ela tem nove anos, oito anos, agora tem nove, 8 anos ela dançava junto comigo.

Ramon: Ela dançava junto, gosta de dançar. Que legal.

Sadi: Já, já Dançava

Ramon: E tem alguma coisa que tu não gosta lá no CTG?

Sadi: Não... oh! francamente... duns anos pra cá diminuiu muito o incentivo no CTG... Uma cidade que nem Rondonópolis com duzentos e poucos mil habitantes não tem um CTG... Eu não sei o que tá acontecendo... não sei... O CTG ficou nos fundos de um material de construção, ficou escondido... Não correram atrás...

Ramon: Quando você vai no CTG, leva a filha, as filhas, você pensa no ambiente... É diferente

Sadi: Eu lá no CTG sinto uma garantia, nosso povo... E o pessoal é gente boa... Pode confiar.

Ramon: O que acha da tradição?

Sadi: Eu não dispenso, eu gosto da tradição do gaúcho, gosto mesmo e admiro muito...Existe uma rivalidade entre o gaúcho e nordestino... Lá é folclore nordestino... Mas esta rivalidade é boa... que agora vendo a pouco tempo aí, existe muito CTG no país aqui que eu nem sabia... Espírito Santo, Sergipe... Existe CTG que nem sabia que existia.

Ramon: Como você vê a criança no ambiente do CTG, como você vê a infância?

Sadi: Dentro do ambiente do CTG a criança eu acho a coisa mais maravilhosa que tem, porque ali não existe o que tá existindo fora hoje, ali é uma segurança... é uma segurança pras crianças... Você pode deixar lá à vontade que não tem problema nenhum...agora em qualquer outro lugar que você for é um perigo... Hoje tá desse jeito, hoje tá desse jeito...

Esse discurso nos convida a refletir sobre como o CTG tem se tornado um espaço, que pode ser compreendido como um nicho de proteção à infância – perspectiva rousseauiana. Nesse sentido, as crianças são mantidas sobre o olhar e proteção dos adultos, em que há um afastamento em relação ao mundo exterior, este que, para os gaúchos, representa perigos à infância.

Nessa mesma perspectiva, o Sr. Antônio de Melo reforça a mesma ideia do Sr. Sadi, quando afirma que o CTG seria uma sociedade pura e sadia, em contraposição ao que acontece no mundo fora do CTG, concebido como o avesso da tradição e o lugar do perigo e das ameaças. Essa dicotomia se faz notar nas seguintes palavras:

Ramon – Então, o senhor acha importante que a criança participe do CTG?
Melo – Olha, Ramon, eu acho que é uma das coisas mais importantes, porque enquanto a criança tá ocupada aqui, ela não tá lá fora na rua, né? Então eu acho que a tradição, ela tem, assim, por base, principalmente da criança que se cria dentro de uma tradição, ela tem uma diferença... desde a educação, o respeito com a sociedade, sabendo o que que é uma sociedade pura e sadia como é na nossa tradição e no CTG, né? Então eu acho muito importante isso aí. Eu acho que eu vou, enquanto eu puder lutar, apesar da idade avançada, mas vou dar uma força pra eles, pra eles dar continuidade.

É nítida a visão de que é preciso investir na ideia de manutenção da tradição gaúcha como espaço social preservado do mundo externo, diferente deste por sua natureza supostamente sadia, pura e livre de perigos e ameaças. O alvo desse investimento são as crianças, sujeitos que precisam assumir o legado de perpetuar essa sociedade idealizada.

No capítulo dois, quando discutimos a tradição e o tradicionalismo, destacamos um trecho que se coaduna com essa perspectiva. O Sr. Antônio de Melo afirma: “*hoje eles estão aí*

participando, a prendinha já com 6 anos com a faixinha. Daí primeira prenda, segunda prenda. Então, a gente tá procurando de tudo fazer. Hoje o meu neto já tá tocando violão, já comprei uma gaita, um acordeão”. Trata-se, aqui, de uma visão adultocêntrica do movimento tradicionalista.

Além desses diálogos com adultos e crianças, nos quais aconteceram as entrevistas, ocorreram, também, os encontros nas rodas de conversa, em que o grupo de crianças e adultos se manifestaram sobre os assuntos da tradição gaúcha (excertos em anexo). Outro ponto a ser considerado aqui é o fato de haver a necessidade de fazer algumas retomadas com os sujeitos entrevistados, para preencher algumas lacunas e explorar/aprofundar algumas questões que não ficaram suficientemente esclarecidas.

6 CONSIDERAÇÕES

Ao aprofundarmo-nos nos estudos da infância e assumir os princípios do dialogismo e alteridade como base teórico-metodológica, somos impulsionados a adotar diferentes eixos para compreender os diálogos instaurados ao longo do processo investigativo.

Logo no início do texto, fomos enfáticos ao afirmar que, ao trabalhar com entrevistas com crianças e adultos, brechas são abertas, surgem posicionamentos, especialmente das crianças, que contrariam os princípios e a visão dos tradicionalistas em relação às tradições gaúchas. Talvez o desafio mais importante tenha sido o de fazer com que o “eu pesquisador” se sobrepusesse ao “eu tradicionalista”, de modo a fazer prevalecer a opinião dos entrevistados, naquilo que, nós, pesquisadores, entendemos como distanciamento do objeto de pesquisa. Desse modo, durante a construção deste trabalho, entendo que as análises que aqui faço não sufocaram as perspectivas dos sujeitos participantes da pesquisa. O dilema justamente consistiu em manter um equilíbrio necessário ao desenvolvimento de um trabalho de cunho científico, como mencionado anteriormente.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, duas grandes questões foram colocadas em evidência: qual é a participação das crianças em CTGs do Mato Grosso, no que diz respeito à renovação da tradição gaúcha? Que modos de conceber a tradição crianças e adultos apresentam. Compreendemos, portanto, que há sim a participação de crianças nos Centros de Tradições Gaúchas, mas que essa participação revela perspectivas emblemáticas. Tomando como viés a renovação da tradição gaúcha, as crianças, por um lado, têm apresentado alguns papéis que vão ao encontro dessa renovação, ou seja, com seus discursos entendemos que a cultura terá continuidade por ser considerada boa, importante, legal. Por outro lado, as questões relacionadas ao futuro profissional, relacionamento na escola e com amigos, fora do ambiente dos CTGs, a influência permanente das mídias e tecnologias disponíveis e ao alcance das crianças são fatores que precisam ser considerados, que possivelmente contrapõem-se ao ideário do tradicionalismo.

A menina Giovana elucidou, em seus discursos, que a renovação é algo que não necessariamente está presente nas transformações que ocorrem na tradição, pois ao ser questionada se quando adulta continuaria no CTG, a criança é assertiva ao afirmar, “Olha, eu acho que não!” Completa, ainda, “Olha, assim... é que eu vou me esquecer um pouco do CTG, aí praticamente eu vou viver a minha vida... eu quero ser médica... eu quero seguir essa profissão. Eu quero largar de tudo e seguir essa profissão e ser uma médica profissional...”. No entanto, questionada se gostaria que frequentassem o CTG, afirma: “Claro! Porque eu

quero que eles fiquem curiosos e vejam aquelas músicas, aquelas danças, que eles sejam igual eu ...daí eu falo pra eles – quando eu era pequena...”

Quanto às relações estabelecidas entre crianças e adultos no âmbito da tradição gaúcha, compreendemos que há uma transferência de valores, ideias e concepções exercidas verticalmente pelos adultos, contrapondo-se à perspectiva de socialização, postulada pela sociologia da infância. Há, também, um movimento que impulsiona os adultos a se manterem na tradição em razão de existirem as crianças. Mesmo que os adultos (pais ou responsáveis) entendam que as crianças tenham uma “aceitação natural” ou até mesmo gostam das limitações impostas no ambiente tradicionalista, as entrelinhas dos discursos revelam outros aspectos que precisam ser considerados, como a questão de relacionamento na escola, no sentido de estranhamento ou aceitação da figura “criança gaúcha” na escola. Melinho (8 anos), por exemplo, ilustra essa questão, afirmando que um colega de escola foi quem o convidou para participar de um grupo de danças no CTG.

Assim, impulsionados pelo objetivo principal da pesquisa, buscamos compreender a tradição gaúcha nas perspectivas de crianças (filhos) e adultos (pais). Foi possível compreender que as relações intergeracionais, ainda que não tenham sido materializadas nesta pesquisa, atravessam a vida de crianças e adultos, de modo a permear seus discursos, modos de ser e agir no contexto da cultura contemporânea.

Os mais velhos são os que ensinam e conduzem os mais novos, mesmo que não o manifestem claramente. A título de ilustração, temos a manifestação de um dos sujeitos, que traz o seguinte argumento: “tradição é passado e (passado), por exemplo, é o futuro. E o futuro nosso são as crianças. E se tu não puxa na frente, eles nunca vão vir”. O Sr. Antônio de Melo deixa claro que são as gerações mais velhas que impulsionam as mais novas.

Essa manifestação encontra eco nos palavras da menina Júlia (13 anos), quando relata na entrevista sua introdução no seio do tradicionalismo:

Júlia – Quando comecei quem me trouxe pela primeira vez foi minha avó, a mãe do meu pai. Porque ela participava de muitos tempos. Aí, eu vim e comecei a me interessar, meu irmão já não gostava muito, ele não gostava, ele gostava mais de brincar. Mas eu não, gostava e eu quis continuar, aí eu nunca parei.

Mais especificamente, tivemos como objetivo, também, analisar como as crianças participam da tradição gaúcha ao se apropriarem de seus valores e práticas sociais e, nesse processo, como a ressignificam. Por essa janela, foi possível compreender que as crianças se apropriam dos discursos dos adultos, enfatizando aquilo que, na tradição, lhes confere certo

prazer, como podemos observar em suas preferências pelas danças, por participar de festividades, do desafio de competir, enfim. Entretanto, há as crianças que reiteram os discursos dos adultos e, inclusive, outras que os contestam. Isto é visível quando a menina diz que quando crescer vai “ser médica e vai praticamente viver a sua vida”, como uma forma de escapar dessa tradição que se naturaliza de geração para geração, que passa a fazer parte da vida das pessoas pela descendência. Júlia busca, nessa cadeia, uma ruptura, ainda que reconheça a sua importância .

Outro aspecto importante foi o de compreender como e por que os adultos (pais das crianças) inserem seus filhos na tradição gaúcha. Pais, avós, adultos, de modo geral, inserem as crianças na tradição, em razão de acreditarem ser um ambiente “sadio”, “seguro”, diferenciado do restante da sociedade, entendido como um espaço social que ensina “bons costumes”. Portanto, salientamos que o CGT não se configura como uma “bolha”, como um lugar isolado e fechado de relações, pois ele está inserido num contexto social atravessado por pessoas que compartilham de outras culturas e, de um modo ou de outro, interagem, constantemente, com a cultura gaúcha, de modo a modificá-la e transformá-la.

Na intenção de identificar aspectos da cultura globalizada, compartilhada por pais e filhos, na tradição gaúcha, verificamos como as tecnologias de informação de comunicação, no caso mais citado os celulares e o aplicativo *whatsapp*, se fazem presentes de modo a causar alguns impactos. Conforme relatou Vilmar, “esses aparelhos certas horas atrapalham”. Então tem um limite. Aí então é que tem que ter um divisor entre o que é bom e o que é ruim nessa tecnologia. “[...] é muito importante dosar isso para que eles vivam no mundo moderno, mas não deixem de cultivar a tradição”. Com isso, compreendemos que é inevitável a presença da tecnologia, sobretudo das mídias eletrônicas com suas redes sociais e aplicativos que também estão presentes no cotidiano das pessoas em praticamente todos os ambientes.

Foi por meio de entrevistas com pais e filhos, que compreendemos um pouco mais as relações que se estabelecem no ambiente dos CTGs, das intencionalidades implícitas e das interpretações que esses sujeitos trazem à tona. Para isso, a utilização das teorias e abordagens de autores, como Bakhtin (1997), Benjamin (1987), Corsaro (2011), Mannheim (1975), Qvortrup (2010), Sarmiento (2005), entre outros se caracterizaram como aportes importantes para a compreensão de tais questões.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

APPIO, Francisco. **Paixão Côrtes e a ronda crioula: um marco histórico do tradicionalismo gaúcho**. Rio Grande do Sul: Assembléia Legislativa/Diretoria de Patrimônio e material, 1997.

ARCHETTI, Eduardo P. **O "gaúcho", o tango, primitivismo e poder na formação da identidade nacional argentina**. *Mana* [online]. 2003, vol.9, n.1, pp. 9-29. ISSN 0104-9313.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Estética da criação verbal. Os gêneros do discurso**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARROS, José D'assunção. **Rupturas entre o Presente e o Passado - Leituras Sobre As Concepções de Tempo de Koselleck e Hannah Arendt**. Revista Páginas De Filosofia, V. 2, N. 2, P. 65-88, Jul/Dez. 2010.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política** (Obras Escolhidas v. 1) - tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo. Ed. Brasiliense. 3. ed. 1987.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp. 20-28. ISSN 1413-2478.

BRANDÃO, Luis Alberto. **Grafias da Identidade: Literatura contemporânea e imaginário nacional**. Rio de Janeiro/Belo Horizonte. Lamparina Editora/Fale (UFMG), 2005.

BRAUN, Jayme Caetano. **50 anos de poesia: antologia poética**. Porto Alegre. Martins Livreiro. 4. ed. 1996.

_____. **Payadas e Cantares**. Porto Alegre. Martins Livreiro Ed., 2003.

BRUM, Ceres Karam. **Tradicionalismo e educação no Rio Grande do Sul**. Cadernos de Pesquisa, v. 39, n. 138, set./dez. 2009. p. 775-794.

BRUM, Nilo Bairros de. **Caminhos do Sul**. Porto Alegre. Metrópole, 1999.

CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. Trad. Lia Gabriele R. Reis. Rev. Maria Letícia B. P. Nascimento. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DUTRA, Cláudia Pereira. **A Prenda no imaginário tradicionalista**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, RS, 2002.

ELIAS, Norbert; e SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FAGUNDES, Antônio A. **Indumentária Gaúcha**. Martins Livreiro, 5. ed., 1992.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen e SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A pedagogia do gauchismo e seu currículo. In: **Currículo sem Fronteiras**, v.11, n.1, pp.187-197, Jan/Jun 2011 ISSN 1645-1384 (online) www.curriculosemfronteiras.org 185.

FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen e SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. **A figura do gaúcho e a identidade Latino-Americana**, Educação, maio-agosto, ano XXVII, nº 053, 2004- PUC RS, Porto Alegre, PP. 263-281.

FREITAS, Letícia F. R. Currículo cultural: o que ensinam os livros regionais sobre identidade?. In: **Currículo sem Fronteiras**, v.10, n.2, pp.106-118, Jul/Dez 2010 ISSN 1645-1384 (online)

HALL, Stuart . **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

GOETTERT, Jones Dari. “**Ai, Ai, Ai...**”: Ressentimentos de um Filho Longe do Pai. In: X SIMPÓSIO INTERNACIONAL UNICAMP – PROCESSO CIVILIZADOR– Campinas/ SP- 2007 ISBN 978-85-99688-02-1.

_____. **O espaço e o vento**: olhares da migração gaúcha para Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou. Dourados, MS: Editora UFGD, 2008.

GUJO TEIXEIRA. **Na madrugada dos galos**: versos campeiros. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 2001.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **Nativismo**: um fenômeno social gaúcho. Coleção Universidade Livre. L&PM Editores Ltda, Porto Alegre, 1985.

LARRUSCAIN, Edilacir dos Santos. **A Produção do Sujeito Musical Campeiro na Vertente da Canção Nativista Estudantil em Santana do Livramento – RS**. Dissertação de Mestrado. Santa Maria – RS, 2012.

LUVIZOTTO, Caroline K. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

MANNHEIM, Karl. **O problema das gerações**. In: MANNHEIM, K., Sociologia do Conhecimento. Vol. II. Lisboa: Ed. Rés, 1975.

NARDI, Jean Baptiste. **Cultura, Identidade e Língua Nacional no Brasil: Uma Utopia?**. Revista Caderno de Estudos da FUNESA nº 1, Arapiraca/AL, 2002.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **Vidas Compartilhadas: cultura e relações intergeracionais na vida cotidiana**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis: Vozes, 1992.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PATATAS, Maria de Jesus. **Cuiabá: o encontro dos olhares. Uma visão sociossemiótica das culturas cuiabana e gaúcha**. Tese de doutorado USP. São Paulo – SP 2006.

PEREIRA, Marcelo de Andrade. Saber do tempo: tradição, experiência e narração em Walter Benjamin. In: **Educação e Realidade**, 31(2) p.61-78, 2006.

PESAVENTO, Sandra J. **A invenção da sociedade gaúcha**. Ensaios FEE Porto Alegre, (14) 2 p. 383-396, 1993.

PÓVOAS, Lenine C. **História da cultura matogrossense**. São Paulo: Resenha Tributária, 1982.

QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. In: **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n.2, p. 631-643, maio/ago. 2010.

RODRIGUES, Maria Benedita Deschamps. **Lendas de Mato Grosso/Dunga Rodrigues**. Cuiabá, Ed. da Autora, 1997.

SALGADO, Raquel Gonçalves. **Ser criança e herói no jogo e na vida: A infância contemporânea, o brincar e os desenhos animados**. Tese de doutorado – Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

SALGADO, Raquel G.; PEREIRA, Rita Marisa R.; JOBIM E SOUZA, Solange, Cadernos de Pesquisa v. 39, n.138, p.1019-1035 - **Pesquisador e criança: dialogismo e alteridade na produção da infância contemporânea**, 2009.

SARMENTO, Manuel J. Gerações e alteridade: Interrogações a partir da sociologia da infância, In: **Revista Educação e Sociedade**, vol. 26, n. 91, p. 361-378, Campinas, 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto.; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (orgs.). **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVA, E.P. da. **A construção de uma memória gaúcha em Santa Catarina**. Dissertação de mestrado PUCRS. Porto Alegre, 2010.

TAVARES, Mauricio A. O encontro do mestre e do assistente nas trilhas do sertão: ensaio a respeito das contribuições de Elias e Mannheim para as pesquisas sobre juventudes e ruralidades no Brasil do século XXI. In: **Cadernos de Estudos Sociais**, v.24, n.2 p.299-310. Recife, 2008.

VIANNA, Hermano. Geléia geral brasileira . Disponível em:
http://www1.folha.uol.com.br/fof/brasil500/dc_7_7.htm Acesso em: 10/10/2011.

ZATTERA, Véra Stedile. Gaúcho: vestuário tradicional e costumes. Disponível em
<http://www.vsz.com.br/album+gaucho+vestuario+tradicional+costumes>. Acesso em:
20/07/2014.

COXILHA NATIVISTA. Disponível em : <http://historiadacoxilha.blogspot.com.br/2010/04/4-coxilha-nativista.html>.

Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/semana-farroupilha/2012/noticia/2012/09/centros-de-tradicoes-gauchas-mantem-cultura-do-rs-pelo-mundo.html>. Acesso em 25/03/2014, 07h50min.

MTG – MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO. Disponível em:
<http://www.mtg.org.br/valor.html>. Acesso em: 10/10/2011.

MTG – MT. Disponível em: <http://www.mtgmt.com.br>. Acesso em 21/06/2014.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Pais das Crianças)

Seu filho(a) está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, da pesquisa **“O Movimento Tradicionalista Gaúcho na perspectiva de crianças e adultos: o que ensinam e aprendem em Centros de Tradições Gaúchas de Mato Grosso”**.

Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar que seu(sua) filho(a) faça parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias, uma delas é sua e a outra é do pesquisador. Caso você não aceite que ele(ela) participe, não terá nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição onde seu(sua) filho(a) estuda.

O objetivo desta pesquisa é estudar as relações estabelecidas entre as crianças e adultos nos CTGs.

Neste trabalho, seu(sua) filho(a) participará de entrevistas propostas pelo pesquisador, individual ou em grupos formados com outras crianças e adultos. Será utilizado gravador digital de voz para registro dos momentos em que as crianças e adultos participam das entrevistas. Por isso, é importante deixar claro que essas gravações não serão utilizadas por outras pessoas que não sejam as próprias crianças, e o pesquisador que participam deste estudo, ou seja, as gravações não deverão ser divulgadas para outras pessoas que estejam fora da pesquisa.

Não há riscos na participação de seu(sua) filho(a) na pesquisa.

Os benefícios para você, como responsável pela criança, é contribuir para que os estudos sobre os assuntos que permeiam as interações das crianças com os adultos e permitam um entendimento mais adequado das experiências que elas hoje possuem e, além do mais, nos proporciona compreendê-las melhor na sociedade em que convivemos.

Os dados de seu(sua) filho(a) serão confidenciais e garantimos o sigilo de sua participação durante toda pesquisa, inclusive quando for divulgada.

Os dados serão divulgados com os nomes das crianças e dos adultos, e com imagens dessas pessoas. Para isso, serão informadas os nomes ou apelidos que os identifiquem e outros dados necessários à pesquisa.

Você receberá uma cópia deste termo onde tem o nome, telefone e endereço eletrônico do pesquisador responsável, para que você possa localizá-lo a qualquer tempo: **Ramon Luiz Arenhardt, mestrando em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso, Campus de Rondonópolis, telefone comercial (66)3410-4053, celular xxxxxxxx, email ramon_arenhardt@hotmail.com**

Orientadora: Profª Drª Raquel Gonçalves Salgado.

Em caso de dúvida, você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Júlio Müller/UFMT, pelo telefone (65) 3615- 8254, com a Profª Shirley F. Pereira (coordenadora).

Considerando os dados acima, **CONFIRMO** estar sendo informado(a) por escrito e verbalmente dos objetivos desta pesquisa e em caso de divulgação, de acordo com o que foi apresentado, **AUTORIZO** a publicação.

Eu (nome do responsável pela criança)

Nome do(a) filho(a):.....

Idade:.....

Sexo:.....

Naturalidade:.....

RG nº:....., declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação de meu(minha) filho(a) na pesquisa e concordo que ele(a) participe.

Primavera do Leste/MT, 25 de março de 2014

Assinatura do responsável:

.....

Assinatura do pesquisador:

.....



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Pais ou responsáveis)

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, da pesquisa **“O Movimento Tradicionalista Gaúcho na perspectiva de crianças e adultos: o que ensinam e aprendem em Centros de Tradições Gaúchas de Mato Grosso”**.

Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias, uma delas é sua e a outra é do pesquisador. Caso você não aceite participar, não terá nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição onde seu(sua) filho(a) estuda.

O objetivo desta pesquisa é estudar as relações estabelecidas entre as crianças e adultos nos CTGs.

Neste trabalho, você participará de entrevistas propostas pelo pesquisador, individual ou em grupos formados com outras crianças e adultos. Será utilizado gravador digital de voz para registro dos momentos em que as crianças e adultos participam das entrevistas. Por isso, é importante deixar claro que essas gravações não serão utilizadas por outras pessoas que não sejam as próprias crianças, e o pesquisador que participam deste estudo, ou seja, as gravações não deverão ser divulgadas para outras pessoas que estejam fora da pesquisa.

Não há riscos na sua participação na pesquisa.

Os benefícios para você, como responsável pela criança, é contribuir para que os estudos sobre os assuntos que permeiam as interações das crianças com os adultos nos CTGs e permitam um entendimento mais adequado das experiências que elas hoje possuem e, além do mais, nos proporciona compreendê-las melhor na sociedade em que convivemos.

Os seus dados de seu(sua) filho(a) serão confidenciais e garantimos o sigilo de sua participação durante toda pesquisa, inclusive quando for divulgada. Caso você autorize que sejam divulgados seus dados e de seus filhos, inclusive com imagens dessas pessoas, assine o consentimento abaixo. Para isso, serão informadas os nomes ou apelidos que os identifiquem e outros dados necessários à pesquisa.

Você receberá uma cópia deste termo onde tem o nome, telefone e endereço eletrônico do pesquisador responsável, para que você possa localizá-lo a qualquer momento: **Ramon**

Luiz Arenhardt, mestrando em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso, Campus de Rondonópolis, telefone comercial (66) 3410-4053, celular (66)xxxxxxx, email ramon_arenhardt@hotmail.com

Orientadora: Prof^a. Dr^a Raquel Gonçalves Salgado.

Em caso de dúvida, você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Júlio Müller/UFMT, pelo telefone (65) 3615- 8254, com a Prof^a Shirley F. Pereira (coordenadora).

Considerando os dados acima, **CONFIRMO** estar sendo informado(a) por escrito e verbalmente dos objetivos desta pesquisa e em caso de divulgação, de acordo com o que foi apresentado, **AUTORIZO** a publicação.

Eu,.....

Idade:

Sexo:

Naturalidade:

RG nº:....., declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Primavera do Leste/MT, 25 de março de 2014.

Assinatura: _____

Assinatura do pesquisador: _____

APÊNDICE “A”

QUESTÕES PARA PESQUISA-ENTREVISTAS

Questões para as crianças:

- 1) Você gosta de participar do CTG? Por quê? Com que frequência?
- 2) O que você mais gosta no CTG? Por quê?
- 3) O que você não gosta no CTG? Por quê?
- 4) Você vem no CTG por quê quer ou por quê seus pais querem?
- 5) O que você mudaria no CTG? O que você faz para que essas mudanças aconteçam?
- 6) O que é tradição para você?
- 7) O que você entende/acha da tradição gaúcha? O que é ser gaúcho?
- 8) O que você mudaria nessa tradição? Por quê? O que você faz para que essas mudanças aconteçam?
- 9) Quando for adulto, você acredita que continuará participando do CTG? Por quê?
- 10) Se for pai ou mãe, você levará seus filhos/as para o CTG? Por quê?
- 11) Você participa também de outros locais (clubes, igrejas, etc.)? Quais? Há diferenças entre esses locais e o que se faz no CTG? Que diferenças são estas?
- 12) Há diferenças entre o que as meninas e os meninos fazem no CTG? Por quê? Você concorda com essas diferenças? Por quê?
- 13) Há espaços para as crianças dentro do CTG? Quais?
- 14) O que as crianças podem ou não fazer no CTG?

Questões para os adultos (pais):

- 1) Seu filho/a participa do CTG? Por quê? Quando participa?
- 2) Você acha importante que a criança participe do CTG? Por quê?
- 3) Você perguntou ao seu/sua filho/a se ele/a gostaria de participar do CTG? Por que sim ou por que não?
- 4) O que a criança aprende no CTG?
- 5) O que você espera trazendo a criança para o CTG? Por quê?
- 6) O que você mais gosta do CTG? Por quê?
- 7) O que você não gosta no CTG? Pq?
- 8) O que você mudaria no CTG? Por quê? O que você faz para que essas mudanças aconteçam?
- 9) O que é tradição para você?
- 10) O que você entende/acha da tradição gaúcha? O que é ser gaúcho?
- 11) O que você mudaria nessa tradição? Por quê? O que você faz para que essas mudanças aconteçam?
- 12) Você participa também de outros locais (clubes, igrejas, etc.)? Quais? Há diferenças entre esses locais e o que se faz no CTG? Que diferenças são estas?
- 13) Há espaços para as crianças dentro do CTG? Quais?
- 14) O que as crianças podem ou não fazer no CTG?

Questões para o GRUPO (pais e filhos)

- 1) Cultura Gaúcha
- 2) Festividades
- 3) Roupas e danças
- 4) Presença da cultura midiática
- 5) Presença das novas tecnologias (redes sociais)